

# LONGEVIVER E GRUPOS

Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores



Ruth Gelehrter da Costa Lopes  
Beltrina Côrte  
(Organizadoras)



Ruth Gelehrter da Costa Lopes  
Beltrina Côrte  
(Organizadoras)

# Longeviver e Grupos:

Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores

1ª Edição



Apoio:



São Paulo  
2021



Ruth Gelehrter da Costa Lopes  
Beltrina Côrte  
(Organizadoras)

# Longeviver e Grupos:

Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores

COLABORADORES:

Ana Lúcia Nakamura	Marcia Almeida Batista
Beltrina Côrte	Maria Cecília Roth
Carolina Côrte de Lucena	Rosalba Filipini
Celina Dias Azevedo	Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Cristiane Pomeranz	Sofia Côrte de Lucena
Dhara Côrte de Lucena	Vera Brandão
Isadora Di Natale Nobre	Vera Lucia Ferreira Mendes
Karen Harari	

1ª Edição



Apoio:



São Paulo

2021

**Direção Editorial:** Beltrina Côrte

**Edição, Coordenação de Produção e Preparação:** Mário Luiz M. Lucena

**Revisão:** Flaminia Manzano Moreira Lodovici

**Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:** Ronaldo Monfredo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Longevidade e grupos : subsídios para  
profissionais, educadores e pesquisadores /  
Ruth Gelehrter da Costa Lopes, Beltrina Côrte  
(organizadoras). -- 1. ed. -- São Paulo :  
Portal do Envelhecimento, 2021.

ISBN 978-85-69350-32-3

1. Envelhecimento 2. Longevidade  
3. Políticas públicas I. Lopes, Ruth Gelehrter  
da Costa. II. Côrte, Beltrina.

21-82647

CDD-305.26

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Envelhecimento : Conduta de vida : Sociologia  
305.26

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

São Paulo  
2021

Impresso no Brasil



PUC-SP

**EDITAL 8502/2020**

**Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq)**

Projeto de Publicação de Livro-Coletânea

**Título**

**Longeviver e Grupos:**

**Subsídios para profissionais, educadores e  
pesquisadores**

*Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

*Beltrina Côrte*

(Organizadoras)



*Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

*Beltrina Côrte*

Impossível não abordar os tempos pandêmicos em que vivemos, já que a proposta desta coletânea foi feita no início das orientações de afastamento físico, concomitante ao número de mortes especificamente entre os mais velhos. Além da culpabilização destes pela segregação de todos diante das medidas de prevenção adotadas, o isolamento a que especificamente foram expostos, exigiu criatividade e articulações para não os empurrar a um ócio asfixiante.

A segregação voluntária e involuntária exigiu mobilizações que se tornaram verdadeiros atos de resistência ao enfrentamento do desânimo de uns e exaustão de outros. Nesse sentido, alguns artigos relatam as adaptações necessárias, das atividades e com os parceiros. Outros deixam para o leitor se apropriar dos saberes relatados e recriar nos seus espaços fazeres que possam romper a lógica da inclusão pela produtividade, tão necessária de ser contestada no envelhecimento.

Por meio da coletânea "Longeviver e Grupos: Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores", visamos a auxiliar profissionais, pesquisadores, docentes e educadores, de diferentes setores e áreas, a melhor atuar nas diversas práticas profissionais, políticas públicas e pesquisa.

Compartilhamos na Parte I – pesquisas que propiciaram reflexões sobre atividades realizadas em grupo e, na Parte II – práticas resultantes de estágios supervisionados, ambos na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Consideramos que o enfoque nas atividades realizadas em grupos necessita aprofundamento, visto encontrarmos um hiato entre a prática e a teoria. Pretendemos ultrapassar o mero relato do fazer instrumentalizado, convidando a ações que propiciem a criatividade e concomitantemente a criticidade.

A necessidade de planejar intervenções adequadas à diversidade de velhices é fato incontestável. Paralelamente, a universidade nos diferentes campos de estágio, ao lidar com questões desafiadoras nas instituições que lidam com o envelhecimento, desenvolve soluções inusitadas.

Dando continuidade à reflexão tratada na coletânea anterior **Longeviver, Políticas e Mercado: Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores**, retomamos o tema “Longeviver”.

Importante reafirmar que a terminologia LONGEVIVER foi criada nas reflexões da Gerontologia-PUC-SP, ao procurarmos um termo que desnudasse uma realidade atual, invisível. Na ocasião já havíamos abordado a base de uma “cultura do longeviver”, que passa pela inventividade, pois por meio dela podemos superar o pensamento unitário e utilitário em relação à própria vida, ainda de forte prevalência em nosso meio. Na cultura do longeviver, fundamentação desta coletânea, o enfoque deve ser a ressignificação da experiência vivida, tendo em

conta tanto a voz do ser humano, como seu contexto político, econômico e social. Nesse sentido, a cultura do longeviver tem como interesse central a interpretação da experiência humana, a distribuição social da riqueza, a justiça social, com o objetivo de desenvolver uma teoria social interdisciplinar que sirva como instrumento de transformação social” (CÔRTE; LOPES, 2019).

Insistimos no compromisso da PUC-SP de desvendar a sociedade que envelhece no Brasil, formando profissionais qualificados para aprimorar o planejamento e a gestão de políticas sociais em relação ao envelhecimento. Cursos e disciplinas humanisticamente mobilizadores, além de sensibilizar futuros gestores, geram impacto social, ao expandir e compartilhar conhecimentos e práticas intervencionais.

Atividades que estimulem a interação e a integração das velhices na comunidade suscitam indagações. Nomeamos algumas que pretendemos contemplar: O que dita o limite dos interesses no longeviver? Como adaptar práticas em grupo numa perspectiva crítica que contemple criticamente o processo de envelhecimento? Os profissionais estão preparados para atender o segmento populacional idoso em atividades grupais? Pretende-se meramente ocupá-los ou propiciar inclusões que respeitem as subjetividades?

Objetivamos compartilhar as práticas já aplicadas, compreendendo as possibilidades de atuações criativas. Para tanto, não se pretende meramente reproduzir técnicas, mas apreender como atuar criticamente ante as especificidades do envelheci-

mento. Partimos do pressuposto de que o fazer criativo instiga concomitantemente a produção de teoria.

A coletânea aqui proposta pretende dar continuidade às reflexões sobre práticas refletidas por profissionais, educadores e pesquisadores, compartilhando saberes que contribuam com a melhoria dos serviços voltados ao longeviver.

A seguir apresentamos os capítulos que compõem esta coletânea:

Na Parte I, encontram-se os artigos que expõem pesquisas e reflexões que discutem o foco nas atividades de grupo com ou voltados para diferentes velhices. São eles:

No primeiro capítulo, ‘O sentido de trabalhar com Grupos’, *Maria Cecília Roth* e *Vera Mendes* refletem sobre os dispositivos grupais como espaços de escuta e de construção de redes colaborativas, capazes de ampliar a potência de ação dos coletivos. O investimento no trabalho com grupos torna-se uma escolha ética, estética e política, à medida que se tornam uma estratégia de resistência à condição individuocêntrica dominante e um dispositivo de cuidado dos processos de envelhecimento.

No segundo capítulo, ‘Grupos de Educação Continuada: construindo saberes no Espaço Longeviver’, as autoras *Beltrina Côrte*, *Vera Brandão*, *Carolina Côrte de Lucena* e *Sofia Côrte de Lucena* descrevem as atividades desenvolvidas pelo Espaço Longeviver, de como o foco se dá no processo contínuo de aprender (*lifelong learning*) e o embasamento nas experiências em docência e pesquisa na área da Gerontologia Social. Temos oportunidade

de conhecer os projetos de trabalho-vida para profissionais e idosos, cursos de curta duração, capacitação profissional, seminários, *workshops*, rodas de conversa e ateliê de reflexão temática.

No terceiro artigo, ‘Jogos (digitais e não digitais) com idosos -como jogar e quais escolher?’, *Ana Lúcia Nakamura* reúne não apenas uma seleção de jogos digitais (para videogames, *tablets*, celulares) e jogos não digitais (jogos de tabuleiros, quebra-cabeças, cartas), mas principalmente indica como escolher os jogos, as formas de jogar e as adaptações necessárias nos jogos para diferentes perfis de idosos (com e sem demências), para que todos possam participar e perceber as contribuições positivas dos jogos para os idosos, como mudanças positivas no humor; aumento das interações entre os idosos e cuidadores, e da autoconfiança dos jogadores; ampliação do tempo de adesão (atenção) nas partidas; entre outras possibilidades.

Em ‘Apontamentos e reflexões sobre ações socioculturais para a pessoa idosa’, quarto capítulo, *Celina Azevedo*, por meio de revisão da literatura, aponta a importância e relevância da criação e desenvolvimento de programas voltados aos idosos, no campo da saúde e como instrumento de socialização. Na análise questiona conceitos que conduzem essas ações culturais dirigidas às pessoas acima de 60 anos, se são transformadores e se contemplam as subjetividades e singularidades de quem envelhece.

A Parte II congrega práticas desenvolvidas e aplicadas com idosos. Os artigos que a compõem são relatos de atividades:

Em ‘Relatos de atividades II - O psicodrama’, quinto capítulo, *Rosalba Filipini* e *Marcia Almeida Batista*, por meio do método de Moreno contribuem com os profissionais que se interessam pelo trabalho com idosos, trazendo experiências e sugestões que envolvem acolhimento e transformação. São intervenções que promovem a revivência de conflitos, procurando novas respostas e ações às dinâmicas relacionais. O método oferece, ainda, a oportunidade de ampliar as experiências vividas, processadas e coconstruídas na medida em que a informação e a interação do saber são compartilhadas.

Por sua vez, no sexto capítulo, ‘Relatos de atividades III: Arteterapia em grupos a favor das velhices: uma potente ferramenta no enfrentamento à pandemia’, *Cristiana Pomeranz* e *Dhara Côrte de Lucena* compartilham vivências junto a velhos com demências, cuidadores e visitantes de museus. Trazem a Arte como poderoso instrumento que oferece dignidade aos velhos e ressaltam o papel dos museus junto aos idosos que sofrem com o esquecimento e para os que não têm acesso à cultura.

No sétimo capítulo, ‘Relatos de atividades IV: Grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento: a arte do encontro entre *patchwork*, saúde e reabilitação’, *Isadora Di Natale Nobre* e *Ruth Gelehrter da Costa Lopes* investigam os significados de saúde, reabilitação e velhice para um grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento, por meio da técnica de *patchwork*. A junção dos retalhos permite um novo olhar e um novo arranjo de si.

E no oitavo capítulo, ‘Relatos de atividades V: Ateliê lúdico e a função dos jogos na construção de um envelhecer singular’, *Karen Harari e Ruth Gelehrter da Costa Lopes* trazem o conceito de brincar, do psicanalista Winnicott, como possibilidade de um viver criativo. Através do brincar como conceito e técnica, jogos ocorrem em aulas e *workshops*, frequentados por profissionais ligados ao envelhecimento, pessoas velhas ou envelhescentes. Descrevem as atividades propostas e os processos desencadeados pelas mesmas, como mecanismo de reflexão e constituição do envelhecer de sentido, construído no encontro dos anseios de cada indivíduo com o que produz.

## REFERÊNCIAS

CÔRTE, B.; LOPES, R. da C. **Longeviver, Políticas e Mercado. Subsídios para profissionais, pesquisadores e educadores.** [Apresentação]. Portal Edições, 2019.

**São Paulo, julho 2021**



## **AGRADECIMENTOS**

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em especial à Pró-Reitoria de Pós-Graduação que, por meio do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEc), EDITAL 8502/2020, tornou possível a produção deste livro.

Aos autores, pela seriedade e competência no encaminhamento de reflexões e ações interdisciplinares na área da Psicogerontologia em sua vertente social.



*Jorge Broides*

O Brasil tem hoje uma população de aproximadamente 30 milhões de pessoas com mais de 60 anos<sup>1</sup>. Grande parte desses brasileiros vive em situações precárias e sem apoio de ordem material e psíquica. Além disso, há desproporcionalidade nos investimentos sociais e científicos, centrados majoritariamente nas áreas da infância, juventude e de adultos com menos de 60 anos. Assim, faltam políticas públicas, serviços de atendimento, projetos de intervenção e pesquisas acadêmicas voltadas ao processo do envelhecimento.

Este livro surge exatamente na esteira dessa carência, e seus autores, todos eles muito experientes no campo, assumem a responsabilidade de criar alternativas para saná-la e contribuir para um debate sério na área por meio do relato de experiências criativas e maduras. Todos os casos aqui apresentados são trabalhos grupais e demonstram a importância e a versatilidade desse dispositivo, que vem sendo elaborado

---

1 Cf. Alves, J. E. D. A pandemia da covid-19 e o envelhecimento populacional no Brasil. In: Rev. Longevidade, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2020: ISSN 2596-027X. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view/841/901>. Acesso em 15 mar 2021.

por diversos teóricos e suas linhas de pensamento desde o início do século passado. Os grupos foram utilizados inicialmente em empresas, hospitais e escolas, e a produção teórica acerca do tema foi adquirindo consistência cada vez maior em países como Inglaterra, França e Argentina, e de algumas décadas para cá no Brasil.

Hoje podemos dizer que a formação para o trabalho com grupos é indispensável para o psicólogo. Qualquer ação desenvolvida fora do consultório individual, seja no Sistema Único de Saúde (SUS), no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), na Educação, nos Direitos Humanos, no Sistema de Justiça, no Terceiro Setor em geral, seja na iniciativa privada, envolve o campo grupal. Além de ser utilizado em todos esses setores, o grupo também é prática nas intervenções institucionais, na supervisão clínica, na área de pesquisa social, na formação de trabalhadores e na elaboração e implementação dos mais variados projetos e áreas de nossa sociedade.

No entanto, nossa formação ainda está centrada em grande parte no trabalho individual, e com a visão de que a clínica, no caso da Psicologia, por exemplo, se dá unicamente no consultório particular, sem levar em conta que a clínica é um método que pode e deve ser empregado nas mais distintas situações sociais. O que varia são os dispositivos utilizados e o modelo teórico. No caso da psicanálise, nossa concepção de clínica fora do consultório particular se dá através de diferentes dispositivos, geralmente grupais, focados nas urgências sociais, como diz

Foucault<sup>2</sup> e que, segundo Lacan<sup>3</sup>, funcionam através dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ou seja, o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência.

Nos trabalhos aqui apresentados, os grupos são realizados com idosos e para a atuação com os mesmos em diferentes espaços sociais. É importante atentarmos para a potência das intervenções que possibilitam a elaboração de distintos traumas muito graves, do enfrentamento do desamparo, além de momentos de lazer e poesia no contato com a arte e a construção de grupos ativos na produção de conhecimentos. Esses grupos nos mostram que a psicologia e o trabalho grupal podem e devem estar em qualquer situação de vida, mesmo que em um único fio de vida. Os grupos realizados em diferentes instituições públicas e privadas podem ampliar os horizontes da psicogerontologia se entendermos o nosso trabalho *na cidade*, ou seja, no tecido urbano, nos laços conscientes e inconscientes que se estabelecem no território, nas comunidades, nas calçadas, no transporte público, no cotidiano concreto da luta pela sobrevivência. Para isso, aprender a pensar a cidade como um campo de trabalho em que possamos contribuir com a especificidade de diversos saberes (como a antropologia, a geografia urbana e o urbanismo) em uma relação dialética, é essencial.

---

2 Fanlo, L.G. Qué és un dispositivo? Foucault, Deleuze, Agamben. A Parte Rei. Revista de Filosofia, 74, 2011. Disponível em: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/fanlo74pdf>. Acesso em 10 março, 2021.

3 Lacan, J. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. (1964). Livro 11. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

A título de exemplo do diálogo entre a psicologia e a psicanálise com outros saberes, gostaria de trazer aqui alguns aspectos da obra de um dos mais criativos intelectuais brasileiros, o geógrafo Milton Santos<sup>4</sup>, que desenvolve uma análise do processo de globalização e seus efeitos no território das cidades de países onde se apresenta, vividos pela crise social, tal qual ocorre no Brasil. Segundo ele, esse processo gera a circulação de bens e o acúmulo de riquezas nos bolsões nacionais de concentração de capital e nos países centrais, mas impede a circulação de pessoas dos países periféricos para os centrais em busca de uma vida melhor. Essa globalização de bens, e não de pessoas, tem como efeitos a fragmentação do território e o excesso de informação, mas um estancamento da comunicação. Assim, vemos a enorme fragmentação dos laços sociais, e suas consequências, nos processos migratórios de sujeitos em busca de uma vida melhor, tanto no território de quem se foi em busca de trabalho quanto nas cidades que recebem os migrantes ou imigrantes. Outro exemplo, no que se refere ao excesso de informação e ausência de comunicação, é que comumente não nos lembramos do que foi dito pelo apresentador do telejornal a que assistimos.

Para Milton Santos, a contraposição à globalização que divide e empobrece vidas está no processo de reterritorialização. Esse se constitui em uma retessitura dos laços sociais na cidade através da afetividade e da contiguidade, o que pressupõe a apro-

---

4 Santos, M. Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ximação entre os sujeitos e a circulação da palavra em espaços de afeto, para que possam elaborar os cacos, as perdas e os conflitos gerados no processo de fragmentação que se apresentam enquanto sintomas, como depressão, doenças psicossomáticas, isolamento, violência e impossibilidade de reação ativa diante do desamparo e da construção de um projeto comum. Aqui entra o nosso trabalho com grupos, nos mais diferentes espaços do território urbano.

Sabemos que ouvir uma pessoa é diferente de escutar um sujeito. A experiência da escuta é única, e muitas vezes, mesmo em um grupo de idosos, é uma situação nova e inesperada para aquele participante, podendo gerar imediatamente a contiguidade e a afetividade que reconstituem os laços de forma transformadora, como nos fala Milton Santos. Assim, o trabalho da clínica grupal, institucional, e feito diretamente no território da cidade, tem papel importantíssimo a cumprir. A elaboração, junto ao outro, daquilo que foi vivido, mas não foi falado nem pensado, é um dos caminhos mais criativos do processo de reterritorialização desse sujeito perpassado pela fragmentação de sua vida e de seus laços. A possibilidade da construção de dispositivos grupais para os idosos em diferentes situações pode se apresentar enquanto um fecho de luz na melancolia, na solidão e no desamparo. A clínica grupal, ao permitir que o idoso reencontre a si mesmo e o outro enquanto sujeito de uma história, de um presente e de um futuro, mostra neste livro sua potência e criatividade.

**Jorge Broide** - Psicólogo, Psicanalista, Analista institucional, Mestre em Psicologia Clínica, PUCCAMP e Doutor em Psicologia Social, PUC-SP. Professor do Curso de Psicologia da PUC-SP, Coordenador do Curso de Especialização no COGEAE/PUC-SP “Psicanálise nas situações sociais críticas”. Professor convidado da Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. Sócio da SUR Clínica e Intervenção Social. Trabalha em consultório particular desde o ano de 1979, onde realiza atendimento individual, de casal e família. Opera em situações sociais críticas desde o ano de 1976, nas áreas da assistência social, da saúde, dos direitos humanos e da educação. Autor de livros e artigos publicados no Brasil e na Argentina.

**ID Lattes:** 0856753268753713

**E-mail:** jbroide@pucsp.br

# SUMÁRIO

---

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	09
---------------------------	----

*Ruth Gelehter da Costa Lopes e Beltrina Côrte*

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	17
-----------------------------	----

<b>PREFÁCIO</b> .....	19
-----------------------	----

*Jorge Broide*

## **PARTE 1 - Pesquisas e reflexões que discutem o foco nas atividades de grupo com ou voltados para diferentes velhices expostas em artigos**

O sentido de trabalhar com grupos .....	29
---	----

*Maria Cecília Roth*

*Vera Lucia Ferreira Mendes*

Grupos de Educação Continuada - Construindo Saberes no Espaço Longeviver .....	53
--	----

*Vera Brandão*

*Beltrina Côrte*

*Carolina Côrte de Lucena*

*Sofia Côrte de Lucena*

Jogos com idosos - Como jogar e quais jogos escolher? .....	97
---	----

*Ana Lúcia Nakamura*

Apontamentos e reflexões sobre ações socioculturais para a pessoa idosa ....	153
--	-----

*Celina Dias Azevedo*

## **PARTE 2 - Práticas desenvolvidas e aplicadas com idosos, expostas em relatos de atividades**

Longeviver e grupos: subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores - Relatos de propostas de atividades II: O Psicodrama ..... 185

*Rosalba Filipini*

*Marcia Almeida Batista*

Arteterapia em grupos a favor das velhices: uma potente ferramenta no enfrentamento à pandemia ..... 211

*Cristiane Pomeranz*

*Dhara Côrte de Lucena*

Grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento: a arte do encontro entre *patchwork*, saúde e reabilitação ..... 243

*Isadora Di Natale Nobre*

*Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

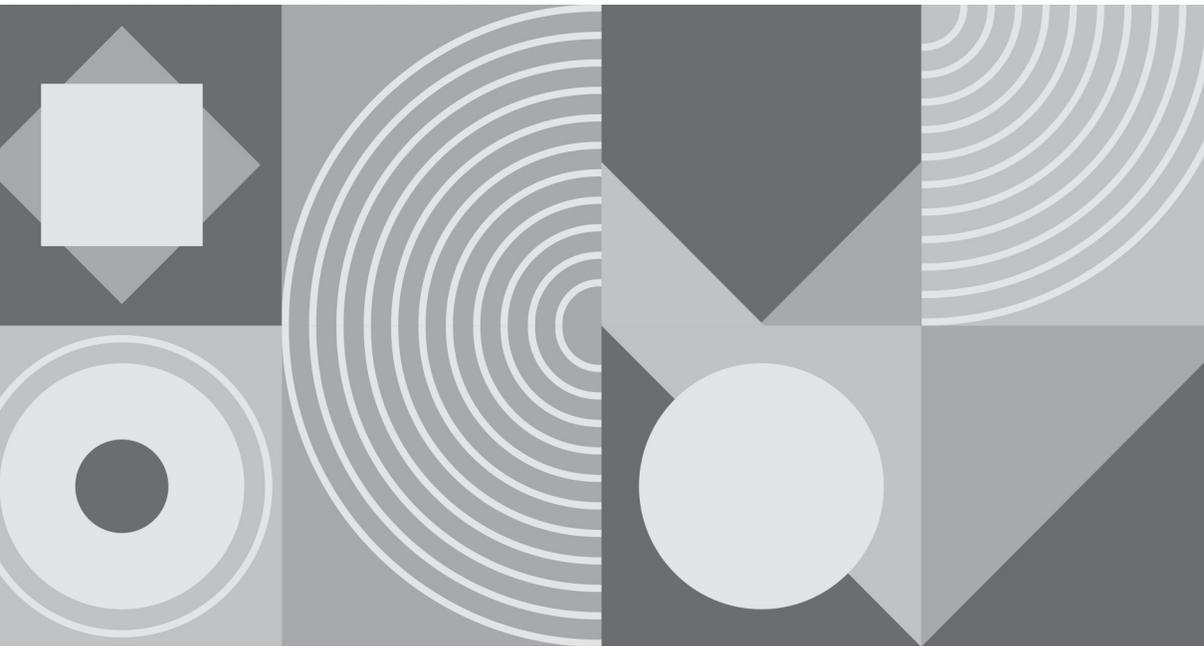
Relatos de propostas de atividades I: Ateliê lúdico e a função dos jogos na construção de um envelhecer singular ..... 331

*Karen Harari*

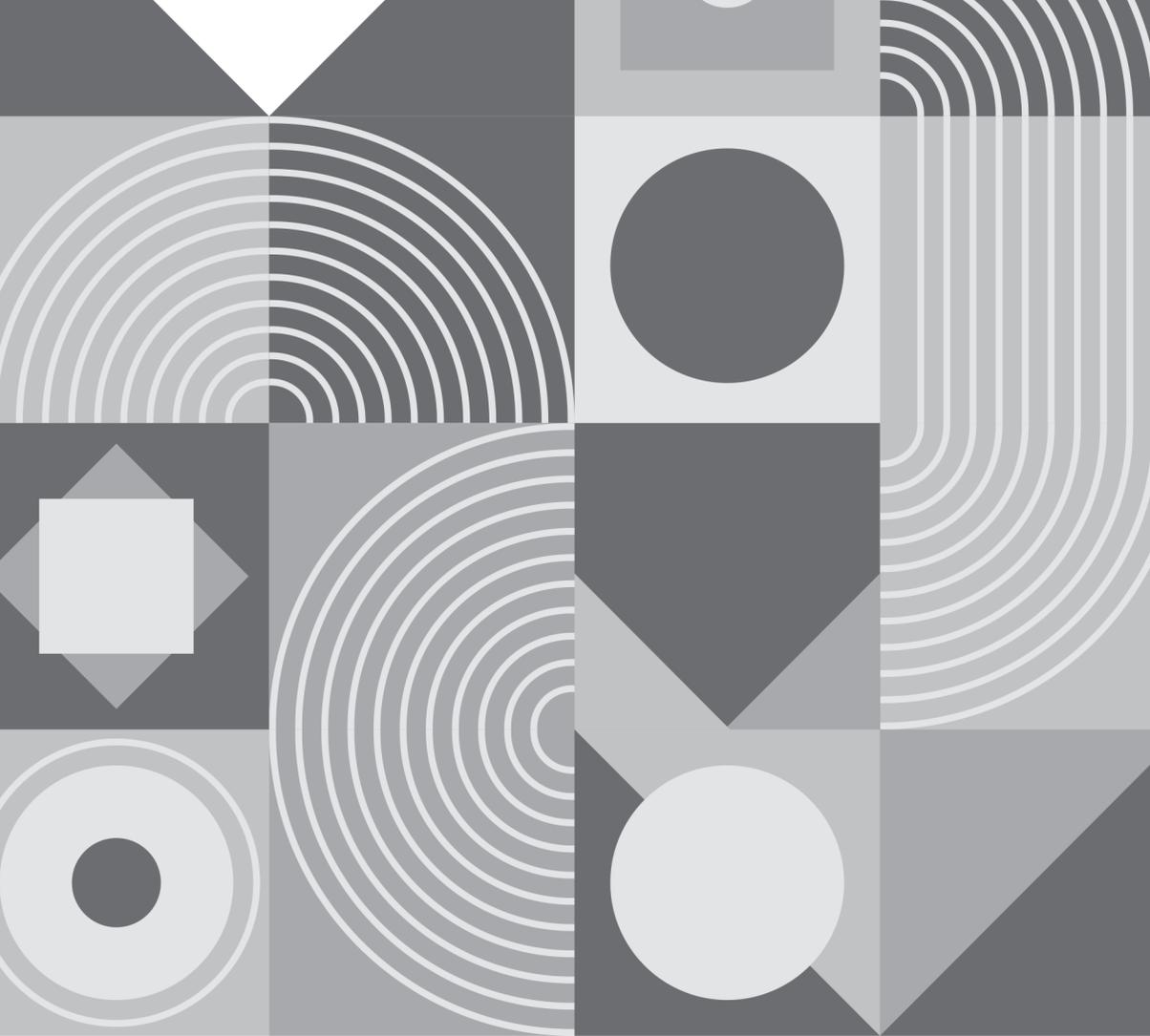
*Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

# PARTE 1

**Pesquisas e reflexões que discutem o foco nas atividades de grupo com ou voltados para diferentes velhices expostas em artigos**







## **PARTE 1**

# **O sentido de trabalhar com grupos**

*Maria Cecília Roth | Vera Lucia Ferreira Mendes*



Neste capítulo, pretendemos dar ênfase aos dispositivos grupais como espaços de produção de saúde, como uma tecnologia de intervenção que visa a ampliar a capacidade de interação entre as pessoas, reconhecendo que o cuidado se faz a partir do encontro com o Outro, nas conversações entre sujeitos. Ou seja, pensar os grupos em sua potencialidade de escuta e de construção de redes colaborativas, capazes de ampliar a potência de ação dos coletivos e de se porem em relação.

É por meio de tais operações que os dispositivos grupais se colocam como espaços privilegiados de produção coletiva, de estratégias de apoio, cuidado e de invenção de formas de vida e de saúde.

Nesta perspectiva, os dispositivos grupais devem ser pensados como uma tecnologia de intervenção que visa a ampliar a capacidade de interação de indivíduos e grupos, de potência de ação dos coletivos, e de estimular a construção de redes cooperativas. Mas para que tais perspectivas sejam efetivas, é preciso ultrapassar os aspectos formais e organizacionais de suas constituições, e investir em posições clínicas que favoreçam a escuta e a intervenção nas questões que ali emergem. Sobre isso, Fernández (2006) afirma que não interessa pensar o que são os grupos, mas, sim, investigar o para quê, o quando, e o que se produz nos grupos. Em outras palavras: pensar o grupal dos grupos, a grupalidade.

A utilização dos dispositivos grupais junto às instâncias institucionais e públicas que compõem o sistema de saúde brasileiro, ganha maior densidade e visibilidade com a crescente ênfase dada às práticas de promoção da saúde como estratégia sanitária, para que possamos atingir níveis mais satisfatórios e qualidade de vida da população.

Tais reflexões, em torno da importância e da necessidade dos sistemas de saúde se estruturarem em torno das ações de promoção à saúde, é descrito no documento denominado “Carta de Ottawa”, elaborado na I Conferência Internacional em Promoção da Saúde da OMS, realizada em 1986, na cidade de Ottawa, no Canadá. O referido documento define as práticas de promoção à saúde como: *“processo de capacitação na comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”* (CARTA DE OTAWA, p. 1). Aponta, ainda, que a promoção da saúde não se restringe exclusivamente ao setor da saúde, sendo resultado de ações intersetoriais, capazes de interferir nos determinantes sociais da saúde e da qualidade de vida.

Nesse sentido, fica evidente que responder a tais dimensões implica, entre outras coisas, na importância do caráter intersetorial das políticas públicas, para que seus efeitos concretos nos territórios possam, de fato, ter capacidade de

transversalidade entre os diferentes serviços, articulando suas estratégias de intervenção no campo social dos diversos setores: saúde, educação, assistência social trabalho e renda, habitação, lazer e cultura, transportes e mobilidade urbana, meio ambiente, assistência social etc.

Especificamente no Brasil, este momento coincide com o processo de redemocratização, do debate em torno da necessidade de expansão dos direitos sociais e do estabelecimento de políticas de proteção social que, no do direito à saúde, materializa-se com a instauração da Constituição de 1988 e o Sistema Única de Saúde (SUS).

Desde então, o processo de implementação do SUS e o esforço de cumprir e tornar progressivamente concretos seus princípios, acabaram por induzir um importante debate sobre os modelos de atenção em saúde, passando por uma série de reflexões e inflexões sobre o conceito de saúde e doença, as relações entre território e produção de cuidado, e o desenvolvimento de novas habilidades e competências necessárias aos profissionais de saúde, na incorporação de saberes e estratégias de intervenção, dentre as quais destacam-se: a capacidade de criar e conduzir práticas de promoção à saúde, a prevenção de seus agravos e o tratamento das doenças da população considerando-se os perfis epidemiológicos, sociais, culturais e relacionais presentes em cada território.

Neste período, assistimos a um investimento significativo no sistema de saúde, visando a estabelecer a integralidade, a equidade e o acesso universal, o que significou, não apenas a ampliação da estrutura física dos serviços, mas também de recursos humanos capazes de atuar de modo interdisciplinar (trabalho em equipe) e do desenvolvimento de modelos de cuidado, com destaque para as ações coletivas e a utilização dos dispositivos grupais (terapêuticos, programáticos, educativos, oficinas etc.), colocando, no centro do debate, as reflexões sobre o campo grupal.

Em relação especificamente aos modos de apropriação de saberes sobre o campo grupal, pode-se observar que as perspectivas clínico-grupais adotadas, com alguma frequência, não favoreciam a escuta e a intervenção nas questões que emergem nos grupos. Diferentemente, a forma de investimento na estratégia grupal no campo de saúde se deu de modo limitado e pelo esforço de compreender seus aspectos formais e organizacionais como, por exemplo: agrupar ou não por patologia; por faixa etária etc. Tal reducionismo não permitiu que fossem tomados em toda a sua dimensão.

Outra face problemática dos usos das práticas grupais em instituições de saúde foi o de tomar tais dispositivos como estratégia de atender um maior número de pessoas e/ou diminuir as filas de espera nas unidades de saúde. Sobre isso, Fernandez (2006) nos alerta:

Os grupos em série ou série de grupos resolvem um único problema: a quantidade de pacientes abordados, mas não a qualidade e continuidade dos atendimentos. Se a oferta for grupal, para que seja efetiva, deve estar assentada em uma organização também grupal. Isso significa que o conjunto de profissionais envolvidos deve se instituir como equipe, ou seja, desenhar coletivamente os dispositivos a serem implementados, avaliar seu desenvolvimento, trabalhar como conjunto em suas atividades de formação, analisar as demandas que recebe, elaborar suas estratégias e políticas institucionais com outros serviços e com a comunidade, participar da gestão e das políticas em saúde etc. (FERNANDEZ, 2006, p. 222).

Evidentemente, como apontado acima, as formas hegemônicas de apropriação dos dispositivos grupais nos serviços de saúde, passam ao largo da escuta das demandas dos usuários em relação aos contextos pessoais, familiares, comunitários e institucionais que estão diretamente relacionados ao processo de sofrimento e adoecimento. E como nos dizem Vicentin e Knobloch (2005):

(...) ainda que haja uma utilização crescente do dispositivo grupal nas instituições públicas de saúde, o modo acrítico, espontaneísta

ou tecnicista como muitas vezes é implementado – desprovido, portanto, das considerações e problematizações ético-teórico-políticas que o atravessam – não contribui para que o grupo se constitua como dispositivo para promoção de cidadania, de coletividade e de singularidade – nossa utopia no campo da saúde mental, em particular, e das ciências humanas, em geral (VICENTIN; KNOBLOCH, 2005, p. 15).

Colocar em análise tais aspectos da vida é uma questão primordial para requalificar a ação em saúde, e os modelos de cuidado praticados nos diversos grupos (puericultura, gestantes, mulheres, crianças, adolescentes e idosos), realizados pelos profissionais em instituições da rede pública de saúde e/ou em ações e projetos sociais do setor privado e do terceiro setor. O que implica, também, em problematizar a oposição individual/coletivo, presente nos debates das ciências humanas e que atravessa diferentes conceituações sobre grupos na psicologia, pedagogia, medicina, fonoaudiologia etc.

Em linhas gerais, observam-se duas posições doutrinárias no pensamento acerca dos grupos: a tese individualista e a tese da mentalidade de grupo. O modo como este debate se colocou ao longo dos anos demonstra a falta de compreensão sobre a indissociabilidade do funcionamento das forças sociais e dos atos individuais. Na Psicologia, por exemplo, um

dos principais problemas do pensamento do campo grupal tem origem justamente neste debate, uma vez que as primeiras tentativas de compreender o grupal deram-se pela transposição mecânica de conceitos da prática clínica individual. Se os indivíduos constituem a única realidade, tende-se

a negar realidade aos grupos na medida em que afirma que os processos psicológicos ocorrem apenas nos indivíduos e estes constituem as únicas unidades acessíveis à observação. Portanto, se os indivíduos são os únicos atores reais, o termo grupo constitui uma fictícia abstração quando pretende referir-se a algo mais que à soma de reações recíprocas dos indivíduos. Dessa forma, para a tese individualista, os grupos a rigor não existem; “grupo” será um termo coletivo que faz referência a uma multiplicidade de processos individuais (FERNÁNDEZ, 2006, p. 34).

Lancetti (*In*: BAREMBLITT, 1986) também nos alerta para os riscos do desenvolvimento de práticas grupais assentadas na tese individualista. Segundo o autor, quando nos baseamos neste tipo de produção epistemológica, supomos o que já está suposto: grupos pensados pelo viés do indivíduo ou indivíduos diluídos numa ideia abstrata de grupo. Quando é assim, obtura-se a função desejante do sujeito no grupo e a produção desejante que pode se operar entre os sujeitos,

dando lugar àquilo que Guattari (*In*: BAREMBLITT, 1986) chamou de “grupos submetidos”.

O problema, portanto, se situa menos em aspectos formais de criação e condução de grupos, e mais nas concepções e práticas grupais adotadas. Significa dizer que a questão está nos modos pelos quais investimos e trabalhamos os grupos como dispositivo clínico: campo de escuta ao sofrimento, de elaboração e de enfrentamento dos problemas de saúde, bem como da criação de alternativas às formas de vida implicadas no trabalho grupal. Mendes (2007) também aborda um elemento importante a este debate, ao afirmar que:

se o coletivo não for pensado apenas como agrupamento de pessoas, de segmentos sociais e de intervenções destinadas a eles de forma indiferenciada; como também se a clínica não for pensada e efetuada desde o isolamento da doença e numa medicina do indivíduo, talvez a conversa possa ganhar outro rumo (MENDES, 2007, p. 128).

Neste sentido, é fundamental analisar a potencialidade dos dispositivos grupais como recurso terapêutico capaz de equacionar e construir destinos aos problemas de saúde, bem como as condições e especificidades desse tipo de intervenção clínica, como estratégia facilitadora e mobilizadora de agen-

ciamentos microssociais e do estabelecimento e/ou fortalecimento de redes de apoio que possam sustentar os aspectos da vida pessoal, familiar, comunitária e institucional.

Trata-se de uma aposta de que os dispositivos grupais têm potencial de responder às demandas objetivas e subjetivas das pessoas, desde que investida no esforço coletivo de escuta e acolhimento das trajetórias de vida, de ampliação às possibilidades relacionais, de interação e de participação, bem como de se dar espaço e tempo de elaboração das demandas que emergem nos grupos. Tal operação se faz quando compreendemos que:

O grupo não tem relação com a vida privada dos indivíduos que se reúnem em determinado espaço, por um certo tempo, para cumprir certos objetivos. Ele é (ou pode ser) um dispositivo quando trata de intensificar em cada fala, som, gesto, o que tais componentes acionam das instituições (sociais e históricas) e de como nelas constroem novas redes singulares de diferenciação (BARROS, 1994, p. 154).

Esta perspectiva aponta para uma dimensão central: investir no estudo e na análise de experiências institucionais concretas, buscando extrair delas índices de efetuação de práticas grupais em seu caráter ético-político, sobretudo em re-

lação à produção dos coletivos como estratégia de resistência à condição individuocêntrica dominante:

Entendemos que as políticas públicas no Brasil, particularmente as da saúde, da educação e da ação social, podem encontrar no trabalho grupal um instrumento ímpar para sua implementação e avanço. Em tempos de soberania da sociedade de mercado e de consumo, com os consequentes efeitos de devastação das tramas vinculares, reclusão individualista, crescentes vivências de desamparo, de privatização do sofrimento psíquico e de produção de adoecimentos, a estratégia grupal é uma tomada de posição ético-política. O dispositivo grupal constituiu-se como uma importante via de intervenção, atuando como fator de desprivatização do sofrimento e de potencialização da construção de outros modos coletivos de existência (VICENTIN; KNOBLOCH, 2005, p. 15).

Se for assim, a atuação profissional em práticas grupais tem a função de provocar e disparar tais produções; deve ir além do ordenar o que é produzido no grupo, estimulando a capacidade de criação de sentidos (individuais e coletivos) e favorecer a escuta e a intervenção dos processos de adoecimento e de manutenção/expansão da saúde da população atendida.

No que diz respeito às intervenções clínico-grupais como dispositivo de cuidado nos processos de envelhecimento, é fundamental traçar um panorama dos elementos que potencializam ou obstruem a qualidade de vida dos idosos em nossa sociedade. Isso permite que

nos coloquemos em posição de escutar e de indicar tais campos problemáticos, para criar condições de elaboração e de invenção de alternativas às suas obstruções, por meio da cartografia de movimentos-índices de vitalidade e de diferenciação (...). Também permite forçar e requalificar os conceitos para que, simultaneamente, ajudem a responder a desafios concretos e resistam à fixação em sentidos alienantes (SOUZA; MENDES. 2009, p. 686).

O Relatório *The World Population Prospects 2019*, da Organização das Nações Unidas (ONU), aponta o aumento significativo da população idosa, por um lado, pela ampliação da expectativa de vida e, por outro, pela redução da fecundidade. Evidentemente, tal fenômeno exige a implementação de políticas públicas voltadas às necessidades desse grupo populacional, como, por exemplo, políticas de mobilidade, lazer e saúde.

Especificamente em relação à saúde, trata-se de produzir políticas públicas que possam ampliar a oferta de prevenção

e tratamento dos processos de adoecimento (doenças crônicas, limitações funcionais e incapacidades), de estabelecer práticas de promoção à saúde, em busca de envelhecimento saudável e ativo, e também, de contribuir com o debate público sobre as representações sociais sobre a velhice no Brasil. Em relação a este último aspecto, diversos estudos apontam que a experiências, acumuladas historicamente ao longo do tempo de vida, são de natureza social e natural, diretamente constituídas pelas diferenças culturais e materiais em que se vive.

Nesse sentido, é fundamental o exercício crítico às concepções que naturalizam e tratam o processo de envelhecimento, em sua dimensão exclusivamente do corpo biológico, bem como é urgente que possamos nos indagar sobre os sentidos de certos espaços e atividades que costumamos ofertar aos idosos.

Em muitos casos, há uma tendência a induzir a convivência exclusivamente entre velhos, o que pode gerar uma espécie de segregação geracional, de diminuição, e até de exclusão, da participação do idoso na sociedade. Isso tem direta relação com uma espécie de naturalização sobre os modos de ver e compreender o papel do idoso nas sociedades modernas. Sobre isso, Gusmão (2003) afirma:

(...) a idade é tudo aquilo que levamos conosco, que herdamos ao nascer e que vamos criando enquanto vivemos, a partir do que o mundo nos diz e tal como se nos apresenta. Não se reconhecendo no interior da idade que portamos, a experiência pessoal e socialmente produzida, inviabiliza-se a comunicação entre diferentes, por esta razão, estigmatiza-se os sujeitos sociais de modo a torná-los negados no tecido social. (...) o velho e a velhice são concomitantemente referidos a um período cronológico e temporal e constituem uma adjetivação em si mesmos. Desse modo, ressalta-se algo de suma importância; ser velho não é só estar numa fase da vida, mas representa uma propriedade, alguma coisa que qualifica em si mesma e que, por esta razão, sofreu um processo de desqualificação no interior da modernidade (GUSMÃO, 2003, p. 28).

Bobbio (1998) não apenas reafirmava as questões levantadas acima, como nos traz contornos ainda mais dramáticos ao tratar a situação de idosos dependentes. Parece-nos impossível não admitir a urgência de tornar público tal debate, assumindo o desafio coletivo de invenção e criação de novos arranjos de cuidado e apoio a esta parcela da população. O autor diz que a velhice

(...) sempre foi relacionada com a ideia de carência, de ausência da capacidade, da fragilidade, da não plenitude da força, da passividade; em suma, frequentemente, foi relacionada a uma ideia negativa da vida. As três etapas (infância-adolescência, maturidade e velhice) correspondem às três dimensões do tempo, o passado, o presente e o futuro, mas invertidos: a juventude, a adolescência são o futuro; a maturidade é o presente; a velhice é o passado. Na adolescência, o futuro é tudo, o passado é nada. Com o velho, ao contrário, o futuro é nada e o passado é tudo. Nestas reflexões há algo de profundamente sentido pelas pessoas da minha idade. Se acumula o patrimônio da memória, frequentemente incômodo de tão grande, e ao mesmo tempo se torna cada vez mais escassa a possibilidade de se comunicar com o futuro. Quanto mais pesada é a bagagem das recordações, mais leve é a esperança. A velhice é o tempo das esperanças limitadas; portanto, frequentemente, da resignação, senão mesmo, da melancolia, do isolamento (BOBBIO, 1998, p. 1).

Como podemos intuir, ainda que apresentado de modo breve neste texto, é essencial que façamos uma reflexão crítica e rigorosa sobre nossas práticas, colocando em análise seus efeitos éticos e políticos. Em outras palavras: é preciso

colocar em análise o quanto nossas práticas reiteram e até contribuem para a manutenção desses estigmas? Por quais caminhos podemos investir em caminhos de resistência e de criação/invenção de formas de cuidado que, de fato, considerem e respeitem as diferenças no campo social?

Responder a tal ordem de questões não é nada simples. De qualquer modo, uma boa pista pode estar na maior aproximação com as necessidades e a situação de vida de pessoas e grupos populacionais. É essencial que nossas práticas de cuidado sejam efetivamente realizadas a partir do encontro com o Outro, do coletivo de forças e de fatores heterogêneos que concernem ao estar junto. Somente desse modo, teremos condição de contribuir com a ampliação da autonomia e do protagonismo dos usuários.

Sem tais reflexões, encontraremos enormes dificuldades em construir práticas clínicas no campo da saúde capazes de acolher as demandas e necessidades desta parcela da população, por ela mesma anunciadas. Produzir espaços de cuidado nesta direção é o que nos permite compreender que os modos de pensar e fazer saúde dependem da ressonância de tais enunciações coletivas nos saberes e nos discursos técnicos/científicos.

Sobre isso, Martins (2004), em artigo sobre as relações de poder presentes na relação médico-paciente, e seus efeitos na

autonomia do usuário, parece-nos bastante útil na reflexão que estamos travando nesse momento e reafirma a importância de que as propostas terapêuticas e de cuidado devem sempre ser compartilhadas e negociadas com o próprio paciente e seus familiares. É nesta direção, que o autor nos convida a refletir sobre as concepções de saúde e doença presentes nessa delicada relação, entendendo que

(...) a Medicina não deve propriamente tratar doenças, mas doentes. A cura de uma doença tende a corresponder à extinção dos sintomas que indicam um mau funcionamento no organismo, pensado não como um todo, mas como uma máquina. Mas a doença pertence ao doente e é o índice de alguma enfermidade que tem o acometimento de algum órgão ou sistema em particular apenas como efeito, não como causa da enfermidade. O objetivo do tratamento do doente passa a ser não a extinção do sintoma somente, mas a reabilitação do indivíduo como um todo, como uma unidade somatopsíquica, como um ser humano enfraquecido que necessita de apoio e tratamento inclusive após a extinção de sintomas, para reencontrar uma potência comprometida. Não ‘a mesma’ potência de antes, pois a seta do tempo só tem uma direção: trata-se de tornar-se novamente potente, a partir da realidade atual. “Não há retorno a

uma inocência biológica”, afirma Canguilhem (1943), no sentido de que, justamente por não sermos máquinas, estamos sempre nos transformando, amadurecendo, avançando, sendo o resultado complexo de nossas experiências (MARTINS, 2004, p. 29).

A partir desse breve percurso, buscamos trazer para o debate alguns elementos que possam contribuir com profissionais que cotidianamente se lançam aos desafios do encontro clínico.

Nas diversas experiências grupais, conduzidas e/ou acompanhadas por meio de atividades de estágios curriculares, atividades extensionistas e de projetos de pesquisa, podemos afirmar a potência dos dispositivos grupais como estratégia de cuidado, de ampliação dos recursos socioculturais e de espaços produtivos de elaboração.

Nossa hipótese é a de que as práticas grupais, ao favorecerem a interlocução e a troca de saberes entre os participantes, são também capazes de criar respostas efetivas às dificuldades enfrentadas. Tais espaços, de produção coletiva, permitem de forma compartilhada, ampliar as vias de problematização e de invenção/criação de novas possibilidades de investimento e de perspectivas à vida.

Mas, afinal, que tipo de implicações estão presentes nas formas de se relacionar em grupo? Como as pessoas se afetam e são

afetadas nesses encontros e como isso as ajuda a superar as dificuldades? Entre outros aspectos, observa-se que as experiências grupais parecem requerer um aprendizado por contaminação: os signos que ali circulam, e são compartilhados, ajudam seus membros a criar novas formas de elaboração e de expressão.

Pichon-Rivière (2005), um dos autores que contribuíram com o campo grupal, aponta algumas condições à composição dos grupos. Para ele, é preciso que um conjunto de pessoas, motivadas por necessidades semelhantes, unam-se em torno de uma atividade específica e dentro de um enquadre de tempo e espaço determinados. Aponta, também, que a construção da tarefa tem papel central para o estabelecimento dos grupos. Segundo ele, não há grupo sem tarefa, já que em toda relação há operatividade.

Ainda segundo o referido autor, quando um grupo se estabelece, uma série de fenômenos passa a atuar sobre as pessoas e, conseqüentemente, sobre o grupo como, por exemplo, a presença de um Interjogo entre o plano psicossocial e o plano sociodinâmico. Tais fenômenos podem ser identificados por meio da observação das formas de interação e dos mecanismos de atribuição e assunção de papéis entre seus membros. É somente a partir do conhecimento desses organizadores internos, que podemos pensá-lo como lugar de intervenção.

Além disso, é importante ter um olhar atento ao grau de maior ou menor coesão grupal e de motivação dos partici-

pantes, dos padrões e modos de compartilhamento de saberes e experiências, e as possibilidades de mudanças e deslocamentos subjetivos que se processam a partir dos afetos que o encontro com o Outro mobiliza.

As condições de formação dos grupos, como espaços de produção de saúde, passam pela compreensão e a análise da pertinência e das potencialidades desse dispositivo, na medida em que se possa

literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais” mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Neste domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais mais amplas (Guattari, 1993, p. 16).

Trata-se, portanto, de um dispositivo capaz de ativar os estados intensivos, que estimulam a invenção de maneiras de aprender não cognitivas, dispostas a problematizações, a partir do que emerge na experiência. Só assim é possível instaurar um espaço de (re)criação de sentido, de abertura de novas vias de subjetivação e, por meio delas, as formas de cuidado de si e do Outro.

## REFERÊNCIAS

BARROS, R. D. B. Grupo e produção. Saúde e Loucura. (4ª ed.). *São Paulo*: Hucitec, 1994.

BARROS, R. D. B. Dispositivos em ação: o grupo. Cadernos de Subjetividade, Número especial, pp. 97-106, 1996. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

BOBBIO, N. Os Valores e Direitos Humanos de Idosos Dependentes Crônicos. *In*: MARTINI, BOBBIO, N. *et al.* Eutanásia da Abandono, Itália: Rosenberg & Sellier, 1998.

CARTA DE OTTAWA. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa, novembro de 1986. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf). Acesso em 20/04/2021.

FERNÁNDEZ, A. M. O campo grupal: notas de uma genealogia. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATARRI, F. A propósito da terapia familiar. *In*: BAREMBLITT, G. (Org.). Grupos: teorias e técnicas. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **As três ecologias**. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. (4ª ed.). Campinas, SP: Papyrus, 1993.

GUSMÃO, N. M. M. (Org.). Infância e velhice: pesquisa de ideias. Campinas, SP: Alínea, 2003.

LANCETTI, A. Para uma reformulação da experiência grupal. *In*: BAREMBLITT, G. (Org.). Grupos: teorias e técnicas. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MARTINS, A. Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, SP, Fundação UNI/UNESP, v. 8, n.º 14, pp. 21-32, set. 2003/fev. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832004000100003>. Acesso em 30/03/2021.

MENDES, V. L. F. Uma clínica no coletivo: experimentações no Programa de Saúde da Família. São Paulo: Hucitec, 2007. (Saúde Loucura 21).

Organização das Nações Unidas. (ONU). Relatório The World Population Prospects 2019. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>. Acesso em 20/04/2021.

PICHON RIVIÈRE. O Processo Grupal. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

SOUZA, L. A. P.; MENDES, V. L. F. O conceito de humanização na Política Nacional de Humanização (PNH). *Interface*, Botucatu, v. 13, supl. 1, pp. 681-688, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000500018>. Acesso em 20/04/2021.

VICENTIN, M. C. G.; KNOBLOCH, F. Uma experiência de articulação entre ensino e extensão: o projeto “Dispositi-

vos grupais na rede pública de saúde”. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 17, n.º1 e n.º 2, pp.13-28, 2008.

---

**Maria Cecília Roth** - Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica e Professora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP.

**ID Lattes:** 7540555648409613

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-3899-7312>

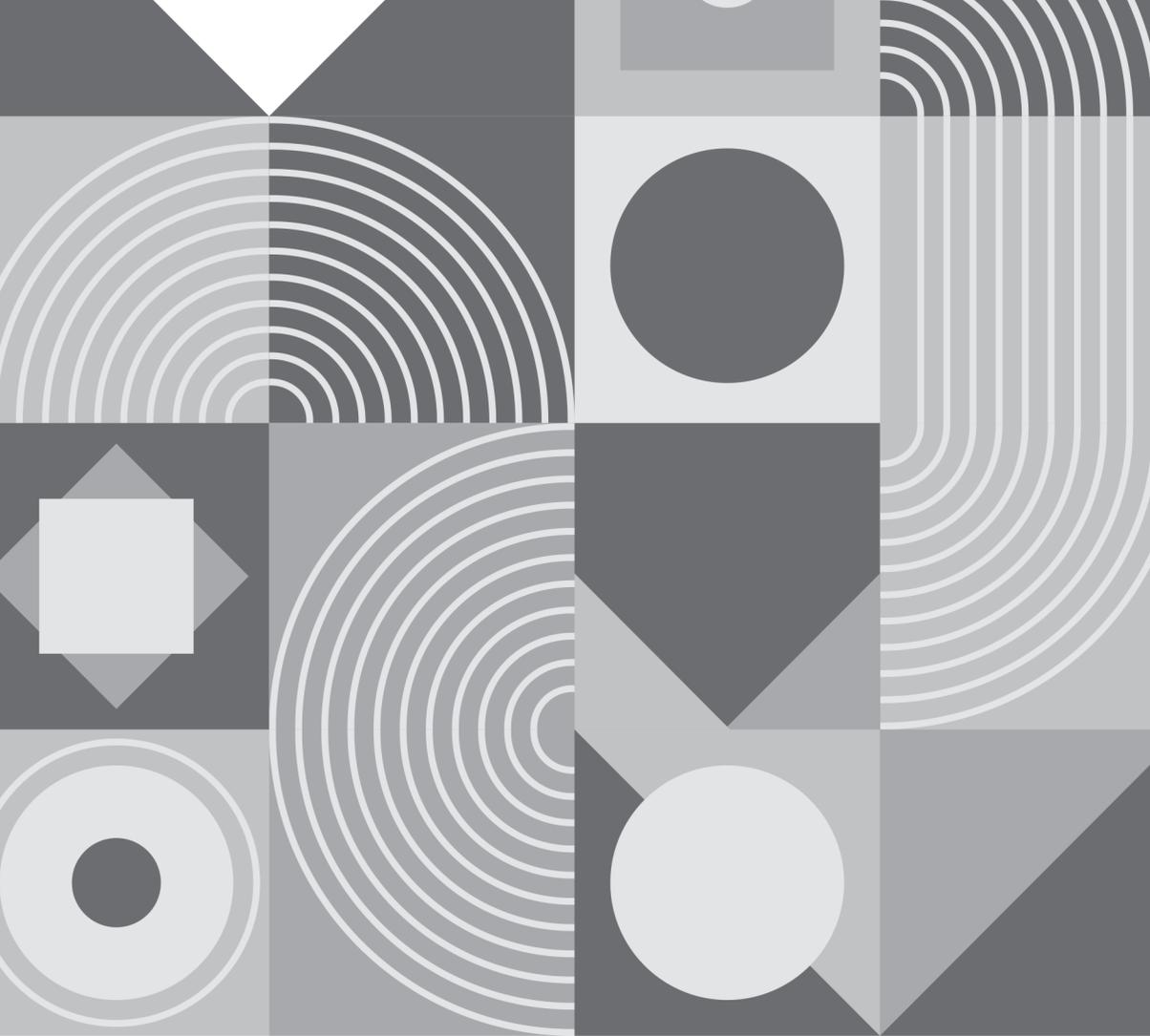
**E-mail:** mceciliaroth@pucsp.br

**Vera Lucia Ferreira Mendes** - Fonoaudióloga e Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica e Professora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP.

**ID Lattes:** 9285279875746982

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-9322-3291>

**E-mail:** veramendes@pucsp.br



# **Grupos de Educação Continuada: Construindo Saberes no Espaço Longevidade**

*Vera Brandão | Beltrina Côrte  
Carolina Côrte de Lucena | Sofia Côrte de Lucena*



**RESUMO:** O Espaço Longeviver tem como objetivo a *educação ao longo da vida (lifelong learning)* – processo contínuo de aprender-transformar(-se) – apoiado nas experiências em docência e pesquisa na área da Gerontologia Social. Idealizado como espaço dialógico interdisciplinar busca, por meio das trocas de saberes-fazeres e curadoria de conteúdos, o processo de reconhecimento de si, por meio da auto e heteroformação. Promove projetos de trabalho-vida para profissionais e idosos, cursos de curta duração, capacitação profissional, seminários, *workshops*, rodas de conversa e ateliês de reflexão temática. O cunho humanista adotado considera o exercício da vida plena, em todas as idades, destacando questões relacionadas às subjetividades, às trocas sociais e afetivas, à saúde, à previdência social, ao trabalho, à família e às políticas públicas, desafios e oportunidades que nos levaram de um projeto acadêmico, à criação de um *site* e, posteriormente (ou / ao longo dos anos), uma revista, uma editora e um espaço de cursos na área do envelhecimento e longevidade, sem descurar da missão social inicial, a uma ação como empresa social.

## Introdução

Tendo como panorama o processo de envelhecimento humano e a possibilidade concreta da longevidade avançada, por nós denominada de longeviver, em uma sociedade capitalista de consumo e descarte – de coisas e seres, temos pautado nossas ações pedagógicas – docência e pesquisa, visando à informação e à formação em gerontologia social, perspectiva que considera os indivíduos em integridade e direitos.

Desse modo, valorizamos as experiências e aprendizagens múltiplas, que se complementam e se reconstróem na perspectiva da educação continuada ao longo da vida, compondo os saberes que possam colaborar na construção de espaços de vida plena, compartilhados por todas as idades. Para tanto, é preciso dialogar e articular as palavras proferidas por especialistas e velhos cidadãos, na construção de conhecimentos renovados, uma interlocução fundamental no espaço e tempo social, para pensar o longeviver na sociedade de comunicação.

Vale esclarecer que, neste processo, utilizamos o conceito de Interdisciplinaridade como desenvolvido por Fazenda (2001 a/b), ao afirmar que é uma ação que se concretiza por meio da atitude de abertura e respeito ante a questão do conhecimento, de todos os envolvidos, de compreensão

e valorização dos aspectos ocultos do ato de aprender, e dos aparentemente expressos na construção dos projetos de vida-trabalho, questionando sobre seus sentidos e significados.

Delory-Momberger (2008) indica que esse processo de auto e heteroformação – compreender o outro e compreender-se por meio do outro, pela palavra socializada proferida em tempo e espaço específico, e com a intermediação do grupo - tem efeito formador, propiciando a construção de uma “cultura da atenção”, que vemos como fundamental na perspectiva humanística proposta. A aposta na formação continuada interdisciplinar e na ‘força’ da experiência é, assim, a abertura de novos caminhos que deem destaque aos sujeitos de aprendizagem e ação, em todas as idades.

### **O Espaço Longeviver - Formação Continuada**

A proposta de formação continuada do *Espaço Longeviver* traz no nome as indicações de seus propósitos, pois buscamos construir um espaço dialógico no qual as palavras são mediadoras e geradoras de sentidos, tal como indica Martín-Barbero (2014, p. 18). A partir das experiências na docência em formação continuada, na pesquisa gerontológica interdisciplinar, e na curadoria de conteúdos do *Portal do Envelhecimento* e na *Revista Longeviver*, nos propusemos o desafio de construir um

espaço presencial de formação continuada e de curadoria de conteúdos, por meio de cursos de curta duração, seminários, *workshops*, rodas de conversa, e ateliês de reflexão e (auto)formação na perspectiva humanística que considera o exercício da vida plena em todas as idades, em perspectiva intergeracional.

Idealmente a educação pressupõe diálogo - comunicação. Não apenas transferência de saberes, mas encontro de sujeitos que buscam significações e sentidos, expressos pela linguagem, e compreender de maneira ampla o objeto da comunicação. Os saberes se constroem na troca solidária, valorizando as experiências e os projetos de vida-trabalho.

O diálogo se faz na criação coletiva - interação entre eu e outros. Com as identidades construídas e expressas nos diálogos, por meio de leituras objetivas e subjetivas das realidades, nos apresentamos e nos (re)conhecemos como membros de uma comunidade linguística, tecendo uma rede de conversações e de (re)significados - palavras sobre palavras - que expressam nossas identidades culturais pessoais e coletivas - únicas e múltiplas - expressas nas palavras faladas e escritas, nos olhares, gestos, silêncios.

Apoiamo-nos, neste sentido, na perspectiva de Freire (1980, pp. 82-83) que indica:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os ho-

mens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.

Proposição que se reforça na sociedade da comunicação na qual consideramos o que se denomina hoje educação continuada como processo de aprendizagem e formação permanente visando a um melhor desempenho e progresso, ao longo da vida pessoal e profissional, articulando os saberes formais e os derivados das experiências e práticas cotidianas e seus desafios.

Os espaços para a educação continuada devem ter como premissa a interdisciplinaridade com o objetivo de promover a abertura para troca de experiências e conhecimentos diversos; respeitar a diversidade; promover o diálogo e parceria. Como afirma Martín-Barbero (2014, p. 33):

Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim de outra palavra, da resposta de um outro [...] é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo.

Afirma o mesmo autor que a palavra não se reduz ao gesto, mas se inicia nele, e por ele descobrimos que a linguagem não é tradução

de ideias, *mas uma forma de habitar o mundo*, de se fazer presente nele, de compartilhá-lo com outros homens. A palavra torna-se, neste contexto, uma ferramenta a ser precisamente utilizada.

Segundo Mariotti (1999), a palavra livre, criadora e comprometida com seu significado profundo, se insere na busca do conhecimento dirigido a uma vida plena. A liberdade, neste sentido, não é a ausência de disciplina e regras mínimas, mas a de veicular informação na busca do bem comum, que pressupõe o “êxito de nossa integração social” (SAVATER, 1998). Os autores indicam que a “liberdade de aprender” se torna realidade ao divulgar conteúdos para a reflexão social sobre os temas que envolvem, entre outros, a longevidade humana.

Nessa perspectiva é fundamental que o curador/mediador/docente seja um profissional reflexivo (SCHON, 2007), ponte entre o mundo acadêmico e a prática profissional, um facilitador na construção de saberes em rede, como responsabilidade social, valorizando os saberes-fa-zeres de todos os cidadãos. Na perspectiva da educação continuada em Gerontologia Social buscamos novas e melhores soluções frente à complexidade inerente a todas as etapas da vida, incluindo os muitos anos que se vive como velhos, saudáveis ou não, desafio suplementar que se impõe na contemporaneidade.

Articular, assim, os saberes formais e experiências profissionais sobre os idosos com o saber e a experiência daqueles em processo de envelhecimento, visa a um melhor enfrentamento das dificuldades e implantação de projetos inovadores de formação que possam transformar positivamente o longeviver, construindo um novo imaginário social e favorecendo a troca intergeracional.

Vale destacar que o termo longeviver traduz, a nosso ver, de modo mais fiel o ciclo natural e dinâmico da vida moderna - processo com interfaces biológicas, sociais, econômicas e existenciais - na qual existe, para muitos, a possibilidade de um prolongamento do “tempo de vida”. De acordo com Papaléo Neto e Kitadai (2015), esse ‘novo’ tempo - denominado quarta idade ou longevidade avançada (CÔRTE; BRANDÃO, 2018) - com crescente número de indivíduos de 80 anos e mais, já é uma realidade nos países desenvolvidos e que se observa em desenvolvimento em nosso país.

As questões teóricas e filosóficas que permeiam as reflexões sobre a existência humana indicam a necessidade da compreensão do longeviver como fenômeno complexo, que abriga um conjunto de saberes e áreas de conhecimento - sociologia, psicologia, antropologia, serviço social, economia, política, direito, biologia, filosofia, comunicação, entre outras - uma perspectiva abrangente e substantiva. Ele deve ser pen-

sado como relações e interfaces, características da interdisciplinaridade, pois refletir sobre o processo de envelhecimento e o longeviver sugere o desenvolvimento de novo olhar, novo pensar a respeito dos seus vários significados e dimensões, visando a ações consistentes.

Consideramos que esse processo de educação continuada não é apenas transferência de conhecimentos, mas criação de possibilidades para a sua própria construção, com a consciência do seu inacabamento. Vivemos a cultura do ‘possível’, pois a instabilidade é hoje cotidiana; não mais vivemos períodos de crise – ela é permanente, o que exige abertura ao diálogo, gerador de acertos possíveis em cenários de fragmentações e reconfigurações.

Assim, a educação continuada, a pesquisa, a informação qualificada e sua divulgação, em mídia aberta e em espaços de reflexão presenciais, são fundamentais para ultrapassar os estereótipos que formam um arco, tendo em uma ponta a visão da decrepitude e na outra a disposição e saúde idealizadas, além do incremento de políticas sociais (BRANDÃO, 2013).

Esta é a reflexão aqui proposta na perspectiva da educação ao longo da vida (*lifelong learning*) que se refere às oportunidades educacionais e de aprendizado para adultos em geral, como possibilidade de promover melhor qualidade de

vida, e instrumento contínuo de transformação. Essa política encontra-se definida no *Memorandum* sobre a educação e a formação ao longo da vida, documento ratificado em Lisboa, pela Comissão Europeia:

A aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) não é apenas mais um dos aspectos da educação e da aprendizagem; ela deve se tornar o princípio diretor que garante a todos o acesso às ofertas de educação e de formação, em uma grande variedade dos contextos de aprendizagem (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2000, p. 3)<sup>5</sup>

A aprendizagem contínua favorece o bem-estar e é considerada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>6</sup> um dos componentes mais importantes do capital humano em um mundo que está envelhecendo. Este importante tema é retomado em destaque no documento *Envelhecimento Ativo (2015)*<sup>7</sup>, ao lado da saúde, participação, segurança/proteção. Assim, a aprendizagem

---

5 Disponível em: [http://arhiv.acs.si/dokumenti/Memorandum\\_on\\_Lifelong\\_Learning.pdf](http://arhiv.acs.si/dokumenti/Memorandum_on_Lifelong_Learning.pdf). Acesso em 30/03/2021.

6 Cf. Keeley B. (2007). *OECD Insights - Human Capital: How what you know shapes your life*. Paris, France: OECD Publishing.

7 ILC - Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015, p. 49). *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro: ILC. Disponível em: [http://ilcbrazil.org/wp-content/uploads/2016/02/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%AADtico-ILC-Brasil\\_web.pdf](http://ilcbrazil.org/wp-content/uploads/2016/02/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%AADtico-ILC-Brasil_web.pdf). Acesso em 30/03/2021.

ao longo da vida, é um pilar que sustenta todos os outros pilares do Envelhecimento Ativo. Instrumentaliza-nos para permanecermos saudáveis, relevantes e engajados na sociedade. Confere, portanto, poder de decisão e maior certeza de segurança pessoal. No nível social, pessoas bem-informadas e capacitadas de qualquer camada social e de todas as idades contribuem para a competitividade econômica, o emprego, a proteção social sustentável e a participação dos cidadãos. A aprendizagem ao longo da vida, ao facilitar a prosperidade em geral, contribui significativamente para a solidariedade entre gerações.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade em sua perspectiva crítica, que alia teoria e prática, consolida-se, pavimentando o caminho da aprendizagem ao longo da vida, que envolva todos os cidadãos e resulte em ação comprometida na articulação dos saberes, vinculada à vida cotidiana, destacando questões relacionadas à identidade e subjetividade, às trocas sociais e afetivas, à saúde, à previdência social, ao trabalho, à família e às políticas públicas, dentre outras.

O exercício de reaprender e refazer, individual e coletivo, concretiza-se no movimento da escuta sensível de nós mesmos e dos outros - descobrir, construir, aprender e ensinar com, e a partir da, intersubjetividade, em perspectiva crítica (BRANDÃO; CÔRTE; FAZENDA, 2015).

O estabelecimento e a divulgação dessa visão alargada sobre o processo de envelhecimento, por meio de trocas de conhecimentos e saberes, devem ser destacados na mídia como perspectiva promotora de um “novo olhar” sobre viver e envelhecer - rompendo o discurso, ainda predominante, que mais veicula notícias sobre os seus “custos” para a sociedade, reforçando, assim, o preconceito e a exclusão - e aposta na construção de uma sociedade para todos e livre das barreiras etárias.

A ampliação das possibilidades de educação continuada ao longo da vida, para profissionais e público amplo, em espaço presencial como o *Espaço Longeviver*, é o desafio que se impõe em momento de incertezas que buscamos enfrentar. É urgente e viável pensar no processo de ensinar e aprender visando a uma vida plena, e que depende de cada um de nós.

É importante mostrar a cada pessoa, no momento em que se encontra hoje, que o investimento mais importante que pode fazer é em estar mais atenta para aprender com tudo, com as pessoas, com o entorno físico e o digital, em um mundo tão pulsante e dinâmico. *"Aprender de forma aberta e intencional é a maior riqueza que podemos acumular, a que acrescenta maior valor e significado à nossa vida e a que nos trará maior realização em tudo"* (MORAN, 2017, s/p. grifo do autor).

## **Desafios e Oportunidades de Formação Continuada - *Espaço Longeviver***

### ***1- Atividades para Grupos em Atividades Presenciais***

O *Espaço Longeviver* concretiza, em 2019, o ambiente físico propício para a implantação de um projeto que visa a acolher grupos de pessoas interessadas em conhecer e/ou se aprofundar na temática do envelhecimento, seguindo as premissas acima elencadas. Neste momento reunimos um grupo de profissionais de diversas áreas, colaboradores do Portal do Envelhecimento e Longeviver, muitos com mestrado e pós-doutorado em Gerontologia Social, para pensar no projeto pedagógico – desde princípios e linhas teóricas possíveis até o detalhamento de quais cursos, oficinas, rodas de conversa, cines-debate, entre outras, de curta duração, seriam ofertadas, bem como suas metodologias, tanto *in loco* quanto no território. Assim foram sendo desenhadas e discutidas, no grupo de profissionais formadores, as ações educativas iniciais.

Desde sua inauguração, em janeiro de 2019, até março de 2020, foram realizadas 66 diferentes atividades de educação continuada presenciais no *Espaço Longeviver*, realizadas em fins de semana, e nos diversos períodos do dia durante a semana. Nas atividades presenciais contamos, no total, com

734 inscrições, a maioria de mulheres, entre 20 a 82 anos, com concentração na faixa de 24 a 59 anos, residentes da cidade de São Paulo, e cidades do entorno. Importante destacar que, desde o início, o público do grupo 60<sup>+</sup> participou de forma ativa, tanto os profissionais ainda no mercado de trabalho, quanto aqueles que buscavam conhecer e se apropriar dos conceitos sobre o próprio processo de envelhecimento em espaço de interlocução aberta.

Este foi um ponto de destaque na perspectiva da metodologia dialógico-integrativa que sempre buscamos, pois, neste espaço, tínhamos as questões trazidas por profissionais, de idades variadas, e das pessoas idosas – interlocução rica e produtiva, que atingia outro de nossos objetivos – a dialogia intergeracional que é, pouco frequente e, a nosso ver, barreira essencial a ser ultrapassada na superação de preconceitos e em visão renovada sobre o processo de vida. Concretizamos, neste primeiro ano, o ideal de trocas entre seres, saberes, fazeres, visando à construção de um patamar elevado de conhecimentos sobre viver, envelhecer e longeviver, segundo os princípios integrativos da interdisciplinaridade, e promovendo o desejado processo de auto e heteroformação.

Outro avanço importante, neste primeiro ano presencial, e que prossegue hoje no ensino virtual, é a oferta, em muitos cursos, de vagas sociais, preenchidas especialmente para trabalhado-

res do PAI – Programa Acompanhante de Idoso<sup>8</sup>, um programa da Secretaria Municipal de Saúde que é realizado por meio da Coordenação da Atenção Básica (2008). É um serviço de apoio para maiores de 60 anos em situação de fragilidade clínica, vulnerabilidade social, com isolamento ou exclusão social devido à insuficiência de suporte familiar ou social. As equipes do PAI oferecem cuidado domiciliar, desempenhado por profissionais e acompanhantes de idosos no que diz respeito ao apoio e ao suporte nas chamadas atividades de vida diárias (AVDs), e trazem conhecimentos e experiências ricas e reflexivas a todos.

Entre os participantes das diferentes atividades, destacaram-se duas áreas de conhecimentos prevalentes – psicólogos e assistentes sociais -, além de um número significativo de aposentadas/os, com ou sem carreira formal e/ou acadêmica, que buscavam informações qualificadas, seja para iniciarem outra carreira; melhorar o cuidado de seus familiares ou incrementar o autocuidado, todos partilhando interessantes e diversas experiências de vida-trabalho.

Além das atividades presenciais no *Espaço Longeviver*, iniciamos, em janeiro de 2020, a formação voltada a grupos de profissionais - técnicos e cuidadores de idosos de serviços socioassistenciais - em regiões de maior vulnerabilidade social -, parte do projeto que intitulamos “Territórios do Envelhecimento”. Com o

---

8 Disponível em: <https://www.spdm.org.br/a-empresa/projetos-sociais/programa-acompanhante-de-idoso-pai>. Acesso em 30/04/2019.

início da pandemia, que abordaremos adiante, essa formação no território também foi mantida, ao longo de 2020 e 2021, na modalidade remota, constatando, até o momento, que a qualidade da formação, o vínculo e interesse dos grupos se mantiveram.

Para ilustrar, trazemos quatro avaliações de alunos dos cursos presenciais, que atestam o impacto social positivo das formações oferecidas - objetivo do Portal do Envelhecimento e Espaço Longeviver:

“O Espaço é ótimo, para mim, um pouco distante, mas vale muito a pena, pois os conteúdos trabalhados são excelentes, os profissionais muito competentes e os organizadores, coordenadores super-atenciosos, prestativos e igualmente competentes. Enfim, um presente para nós em SP, este espaço, para refletirmos sobre as questões referentes ao envelhecimento.”

“Esse curso permitiu olhar a velhice a partir da demanda familiar, que é fundamental para qualquer ciclo da vida. Olha a família despida de preconceitos e julgamentos, faz com que nós, profissionais, tenhamos uma prática mais assertiva. Logo, o Espaço Longeviver possibilita uma atualização profissional de forma objetiva, prática e de qualidade teórica imensurável, considerando as indicações de literaturas e filmes para complementar o que foi dado no curso e colocar em prática o que foi aprendido conforme a nossa realidade.”

*“Acho ótimo, o Espaço Longeviver é acolhedor ao mesmo tempo em que propõe excelência nos cursos que oferece, ao menos nos que fiz. Curioso como também atraem pessoas consistentes e curiosas para assistirem os cursos. Um espaço feito por pessoas, para pessoas!”*

*“Fiz o curso por interesse profissional, mas foi de grande valia para a minha construção pessoal também! O Espaço Longeviver oferece muito aconchego e tranquilidade, com uma sala desconstruída dos padrões existentes, com a ideia de interação entre os alunos e isso se dá de forma muito rica e gratificante. Pretendo fazer outros cursos e super-recomendo este que eu concluí! Todos os envolvidos estão de parabéns!”*

## ***2 - Atividades para Grupos em Modalidade Remota***

Exatamente um ano após a criação do *Espaço Longeviver*, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde fez um alerta sobre o surto do desconhecido coronavírus (SARS-COV-2), infeccioso e altamente contagioso, com diferentes manifestações e sintomas desde o contágio e transcurso – mais ou menos virulento, até a morte, declarando Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada como uma pandemia.

A partir desta data os países foram implantando o afastamento físico-social – denominado quarentena, como medida para evitar a disseminação do vírus, dentre outras de cunho sanitário. Este período, que se imaginava de um a três meses, ainda prevalece<sup>9</sup>, com aberturas e fechamentos de estabelecimentos públicos, segundo a diminuição ou o aumento do número de contaminações e mortes.

Como não poderia deixar de ser, o *Espaço Longeviver*, atendendo determinações e recomendações das autoridades governamentais e de Saúde do Estado de São Paulo, fechou suas portas desde o dia 11 de março de 2020, como medida para ajudar no combate ao coronavírus. Durante um mês e meio analisamos a situação e, atendendo sugestões dos colaboradores, iniciamos uma série de *lives*<sup>10</sup> semanais aos sábados à tarde, que prosseguiram até dezembro pelo nosso canal do *Youtube*, enquanto preparávamos nosso retorno na modalidade remota.

Nesse período difícil, com centenas de milhares de vidas perdidas, o *Portal do Envelhecimento e Longeviver* mostrou, mais uma vez, sua capacidade de resistir e se reinventar - esforço conjunto de colaboradores, ex-alunos e docentes - e o *Espaço*

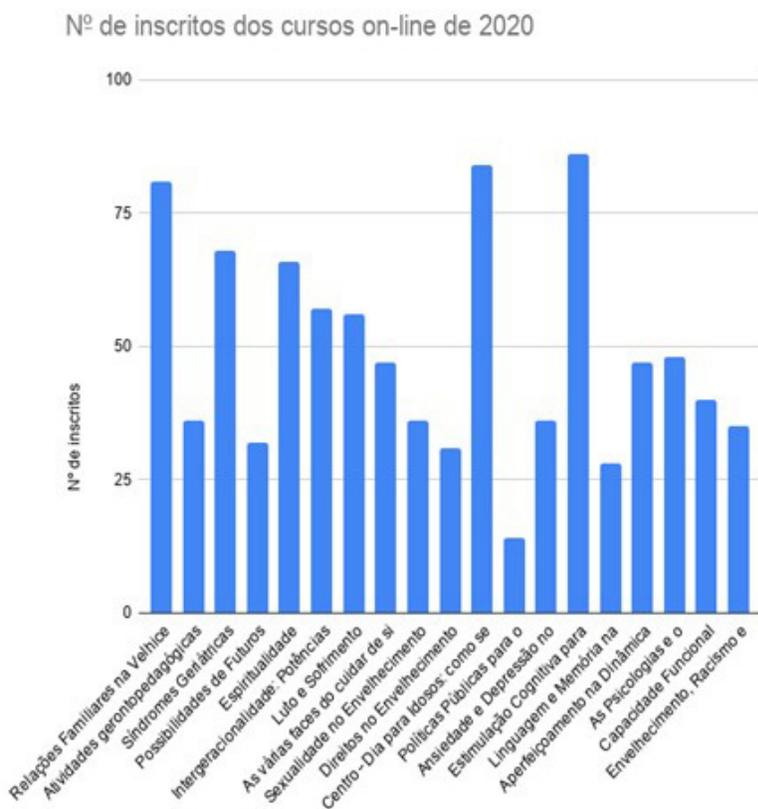
---

9 Ao menos até a data de escrita deste capítulo, 26 de março de 2021.

10 Ao todo foram 27 *lives* que trataram de diversos temas relacionados ao envelhecimento. As que tiveram maior número de visualizações foram: Psicologia do Envelhecimento - 4 mil visualizações; Atividades para idosos - 2,7 mil visualizações; Arteterapia para Idosos - 2 mil visualizações; Centro-dia para Idosos: experiências de São Paulo e Portugal - 1972 visualizações, entre outras, até o dia 17 de março de 2020.

*Longeviver* passou a realizar suas atividades remotas em maio de 2020. No início utilizamos a plataforma *Microsoft Teams* - orientando o grupo de docentes quanto a seu uso, que se mostrava interessante para trabalhar em grupos, aproximando-se bastante de uma sala física, na qual poderiam ser agregados vários arquivos e conversar, deixando tudo registrado.

O Gráfico 1 mostra o número de inscritos dos cursos a partir de junho, momento no qual já estávamos bem-estabelecidos nessa modalidade de atuação.



Mantivemos, praticamente, os mesmos cursos oferecidos presencialmente, e acrescentamos outros, que continuaram voltados a profissionais que trabalham com idosos e público em geral, reafirmando o exercício da dialogia intergeracional. Os cursos de maior interesse do ano foram - Estimulação Cognitiva para Profissionais; Centro-dia para Idosos: como se faz?; Relações Familiares na Velhice; Síndromes Geriátricas e Espiritualidade.

Os principais desafios encontrados, na modalidade remota, surgiram em relação à comunicação em plataforma on-line, experiência que não era comum a muitos participantes. Além disso, no *Espaço Longeviver* físico, oferecíamos uma acolhida carinhosa - com 'delícias' caseiras, feitas pela equipe - bolos, patês, pão de queijo, café e suco - um momento informal de conversas e trocas de experiências, entre todos, fortalecendo, assim, a rede de contatos. Muitas vezes, após as atividades, parte do grupo se demorava em mais um 'café com bolo', folheando os livros de nosso acervo e alongando as trocas iniciadas no período de atividades.

Evidente que é mais fácil passar esse sentimento de comunidade, acolhimento, solidariedade e trocas, entre profissionais de diversas áreas de atuação, idosos e a equipe, presencialmente, mas não queríamos perder esta importante conquista nas atividades on-line. Com esse objetivo nos certificamos

de ‘acolher’, utilizando uma linguagem respeitosa e acessível com os grupos, por e-mail e *WhatsApp*; estando sempre prontos a ajudar com problemas de tecnologia ou internet, muito comuns nesta modalidade; e criando um grupo de *WhatsApp* para cada curso, a fim de facilitar a troca de conhecimentos entre os participantes.

Em relação à plataforma, após três meses, mudamos para o *Google Meet*, mais amigável, embora com menos funcionalidades que o *Teams*, mas que permite que os cursos sejam mais acessíveis e sem barreira de entrada.

Queremos aqui destacar que a modalidade on-line trouxe diversas oportunidades de transformação para o *Espaço Longeviver*, sendo uma delas a expansão para participação de interessados de diferentes estados do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Pernambuco etc. Nas atividades on-line atingimos mais 27 estados do Brasil, além de alguns inscritos de Portugal e Irlanda, proporcionando intensa troca entre os participantes, de realidades e óticas diversas - abrangência territorial que tem sido geradora de muitas e novas oportunidades. Outra transformação foi em relação ao número de participantes por curso, pois no *Espaço Longeviver* a sala comportava cerca de 20 alunos, e nas atividades on-line chegamos a 86, sem perder a qualidade de interação e aprendizagem.

Outra oportunidade interna foi o processo de digitalização, de forma mais eficiente, quanto aos dados sobre os alunos, os cursos e o *feedback* dos mesmos, proporcionando melhor compreensão sobre nosso público e seus interesses. Manteve-se nas atividades on-line a predominância do grupo feminino, indicando que os temas abordados, envolvendo o processo de envelhecimento, e suas questões, ainda afetam mais as mulheresm seja por interesse pessoal, ou pelo papel tradicional como cuidadora profissional ou familiar.

### **A Caixa de Ferramentas**

Uma relevante iniciativa, na implantação da modalidade remota, foi a criação da Caixa de Ferramentas, assim denominada por nós, em que, em um arquivo armazenado no *google drive*, colocamos todos os materiais utilizados pelo docente – bases do curso, além de outros artigos, vídeos, filmes, livros etc., que os alunos comentavam durante as aulas, como recomendação sobre o tema.

No início, ela contém os materiais teóricos indicados pelo docente e, em seguida, passa a ser preenchida com a colaboração do grupo, com outros conhecimentos com que se empodera, passando a exercer o papel de mediador ativo, sugerindo novos recursos: indicação de filmes; documentários; poesias;

leituras científicas e literárias; e testemunhos, ampliando, assim, os conhecimentos e as competências de todos os seus membros, contribuindo e se beneficiando na construção de uma aprendizagem coletiva ampla de saberes e fazeres.

Desde o início do curso, todo esse acervo fica disponível e, ao final, é enviado em formato pdf para que todos possam continuar estudando o tema. Este compartilhar tem se mostrado muito enriquecedor nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento dos cursos. Assim, a disseminação de saberes continua presente nos grupos de cada curso e para além dele.

Interessante destacar, neste ponto, a conceituação de base do que seja essa ‘caixa de ferramentas’, como proposta por dois importantes filósofos franceses Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995). Segundo eles, para que uma teoria funcione, ela deve ser como uma ‘caixa de ferramentas’ – na qual o pesquisador/docente/aluno encontre o que precisa, e que os ajude a repensar e resolver problemas, trabalhando com liberdade nas suas articulações. Foucault reafirma esta ideia em uma entrevista:

[...] todos os meus livros, seja a *Historie de la Folie*, sejam outros, são, se você quiser, caixinhas de ferramenta. Se as pessoas quiserem abri-los, se servirem dessa frase, daquela ideia, de uma análise, como de uma chave de fenda ou uma torquês,

para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros..., pois tanto melhor (FOUCAULT, 2006, p. 52).

Segundo Deleuze (1972), devemos tratar as teorias e conceitos de maneira pragmática e instrumental, e as teorias, conceitos, e palavras devem ser concebidos como instrumentos, ferramentas, dispositivos que só ganham sentido no seu uso, no seu funcionamento e não como algo que contenha um valor em si.

Assim, consideramos que as ideias, conceitos, teorias e experiências são expressas por palavras – unidade básica de comunicação entre humanos – concordantes e discordantes, gerando novos questionamentos que ampliam as perspectivas dos nossos pensamentos e ações – articulando, deste modo, os seres-saberes-fazeres - construção do saber em processo, que agrega diferentes teorias, saberes e experiências, integrados e, simultaneamente, livres para possíveis rearranjos, caminhos para novas aprendizagens e experiências. Assim, ao ‘abrir’ nossa caixa de ferramentas, encontramos palavras, a serem recombinadas de muitos modos, para refletir e construir um saber de si, do outro e as teorias ou conceitos que podem nos guiar no trabalho-vida.

Ao longo do ano de 2020, fomos aprimorando nossos cursos, contando também com a ajuda dos próprios alunos,

com sugestões e ótimo retorno. Além de outras melhorias, compilamos sugestões de temas de cursos e as redes sociais mais efetivas. Nosso Net Promoter Score (NPS) - porcentagem de usuários que classificam a probabilidade de recomendar uma empresa, um produto ou um serviço -, indicou que a maior parte dos nossos cursos foi avaliada ‘com probabilidade de recomendação’, sendo raros os casos nos quais eles não estavam alinhados com as expectativas do aluno.

Percebemos este dado como positivo, já que além de um NPS, nossa taxa de retenção de pessoas interessadas e a porcentagem de reinscrições de ex-alunos em novos cursos oferecidos foi, em média, 46%. As avaliações realizadas pelos alunos dos cursos da modalidade remota seguem a mesma linha dos cursos presenciais, demonstrando, assim, que conseguimos manter a mesma qualidade das trocas, interações e acolhimento aos grupos dos cursos presenciais:

*“O curso é excelente. Oportunidade de conhecer mais pessoas que estudam o envelhecimento e trocar experiências. Foi um momento de grande aprendizado. Tudo muito bem-organizado, conteúdo bem-explorado. Gostei muito da modalidade remota, pois presencialmente, dificilmente conseguiria cursar.”*

*“É de fundamental importância que vocês desenvolvam curso tão rico quanto esse, pois, a meu*

*ver, a base para desenvolvermos um bom trabalho é o conhecimento. Quanto mais eu tenho conhecimentos, mais eu melho minha estratégia de trabalho, mais eu vejo o humano que escolhi como objeto do meu serviço. Mais eu me humanizo.”*

*“Há alguns anos tenho acompanhado as produções do Portal do Envelhecimento e desde o início do Espaço Longeviver, reconheço que ter acesso à qualidade de conhecimento produzidos nestes espaços, de uma forma livre, sem estar confinado em uma universidade é um grande privilégio e com certeza irá beneficiar muitas pessoas que estão se capacitando para poder oferecer um serviço melhor aos idosos. Com certeza, sua contribuição, faz diferença na qualidade do envelhecer.”*

## **Projeto de Educação Continuada - Desafios, Conquistas e Perspectivas**

O Projeto *Portal do Envelhecimento e Longeviver* nasceu como resultado de uma atividade programada do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento, NEPE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Da premissa de informação e formação qualificada, e de acesso livre, na área do envelhecimento humano, surgiu o *site*, meio de comunicação democrático, implantado em 2004, com o objetivo de construir

uma rede de solidariedade entre diferentes segmentos sociais, além de pensar uma nova concepção sobre a velhice, em sua complexidade e múltiplas dimensões, e a missão de:

Transferir informações qualificadas sobre a velhice e o envelhecimento possibilitando o acesso democrático ao conhecimento sobre esta instigante fase da vida por meio de conteúdos com credibilidade; oferecer acesso livre e imediato a seu conteúdo; disponibilizar, gratuitamente, o conhecimento sobre o envelhecimento ao público amplo; proporcionar, além de democratizar e consolidar, a cultura da longevidade.

Em 2006 tomou caminhos para além da academia, migrando para o Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE) - que também teve origem no mesmo núcleo da PUC-SP -, como organização sem fins lucrativos - permanecendo ali até 2013. Em 2010 o Portal se amplia com a criação da Revista Portal de Divulgação, de publicação trimestral (on-line) renomeada **Revista Longeviver** (2019), trazendo artigos ligados à velhice, envelhecimento e o longeviver humano com rigor, simplicidade e acessível ao leitor não especialista e de forma gratuita.

Nesse processo de evolução e aprimoramento, em 2014 o Portal se constitui como empresa social, apresentando mudanças mais radicais de leiaute, sem perder de vista o compromisso social, a reflexão e a divulgação de seus conteúdos, etapas imprescindíveis ao desenvolvimento da cultura do longeviver. No

mesmo ano nasce a editora *Portal Edições*, segmentada no processo do envelhecimento, com o propósito de dar sustentabilidade às atividades de curadoria tanto no Portal quanto na Revista. Contudo, com a crise financeira instaurada no país desde 2015, a receita esperada da venda de livros não permitia a sustentabilidade do *site*, mantido, até então, por seus fundadores.

A empresa mantém a mesma missão de transferir informações qualificadas sobre a velhice e o envelhecimento, possibilitando o acesso democrático ao conhecimento sobre esta instigante fase da vida - missão social que norteia a produção de conteúdos com credibilidade. Ao se constituir empresa social, passou a ofertar novos projetos, entre eles o de Cine-Debate, junto ao *Itaú Viver Mais*, em seis estados brasileiros, contando em cada um deles com profissionais colaboradores, fortalecendo, assim, a rede local e abrindo espaço de interlocução com os idosos, que participavam da atividade, mediada pelos assuntos variados e atuais abordados nos filmes. As reflexões dos diferentes grupos indicaram o acerto da proposta como espaço dialógico de abertura da abordagem de temas ainda considerados tabus.

Outro projeto foi o evento *Diálogos*, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da PUC-SP, em parceria com o Itaú Unibanco, tendo como objetivo fomentar reflexões sobre o processo de envelhecimento e da ve-

lhice, por meio de intercâmbios teóricos, disseminação e elaboração de eventos relacionados à temática da longevidade, contribuindo, assim, para a formação de competências com uma consciência crítica e cidadã a respeito do longeviver. Os *Diálogos*, gratuitos, ocorreram no Espaço Itaú de Cinema, com a participação voluntária de diversos palestrantes. O público participante era bem heterogêneo e composto por estudantes da área de saúde como gerontologia, assistência social, enfermagem e psicologia, assim como jornalistas, profissionais que atuam no setor do envelhecimento, ONGs, servidores públicos entre outros. Entre os temas abordados estão Cidade para Longeviver, Lugar de fala: velhices diversas, Diversidade Sexual nas Velhices, Laços Intergeracionais e Sociedade.

Esses projetos confirmam nosso propósito nos muitos anos de trabalho na área, buscando a perspectiva interdisciplinar na articulação dos diferentes saberes, incluindo as experiências cotidianas dos indivíduos que envelhecem informando, em mídia aberta, sobre os muitos modos de viver e envelhecer, colaborando na compreensão, participação e construção da ‘cultura do longeviver’ como responsabilidade social.

Nesse sentido consideramos o espaço virtual como campo de possibilidade para o diálogo social amplo e transformador, proposta do *Portal do Envelhecimento e Longeviver*, que tem atualização diária, com criteriosa curadoria de conteúdos,

que se pauta na pertinência, relevância e veracidade de informações, sejam as replicadas ou nos materiais originais enviados por uma grande rede de colaboradores. As notícias e artigos que envolvem as muitas faces do envelhecimento, e seus desafios migram, gradualmente, para o acervo dividido e disponível em seções. Já os *blogs* são mantidos por colaboradores convidados. Os artigos opinativos nem sempre refletem a visão do Portal<sup>11</sup> (CÔRTE; BRANDÃO, 2019).

A curadoria da **Revista Longeviver**, publicada trimestralmente, segue os mesmos critérios, processo que passa pela avaliação do material recebido para publicação - que pressupõe leitura cuidadosa, analisando forma e conteúdo - dos artigos, resenhas e relatos de experiência enviados por docentes e estudantes de cursos superiores e especialização, além de profissionais de várias áreas do conhecimento e de diferentes estados brasileiros que, aprovados, são publicados, com o “propósito de estimular o debate sobre os territórios do envelhecimento e da velhice e de refletir as diversas tendências da longevidade humana”<sup>12</sup>.

Importante destacar que a linha editorial do *Portal do Envelhecimento e Longeviver* e da **Revista Longeviver** adota os conceitos da Gerontologia Social, ao destacar que a vida

---

11 Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/quem-somos/>.

12 Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revista-portal/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>.

está acima da doença e que, em um corpo doente, habita um sujeito, um ser que envelhece e não unicamente um ser que adocece. Também, apoiados em Martín-Barbero (2014,18), consideramos o meio virtual como um espaço democrático de comunicação, educação continuada e permanente, apoiado na curadoria dos conteúdos publicados, pela palavra mediadora e geradora de “novos sentidos que possam reinventar o presente e reconstruir o futuro”. O projeto editorial busca concretizar uma ‘curadoria de saberes’ de amplo espectro.

A fim de se compreender a trajetória acadêmica-social-empresa do *Portal do Envelhecimento e Longeviver* e produtos derivados, buscamos na literatura científica informações sobre uma empresa com finalidade social. No senso comum, quando se fala em empresa, esta está sempre associada a uma visão de lucros. Na busca por respostas a esta pergunta, constatamos que não existe uma única definição de empresa social na literatura. Foi somente no final da década de 1980 que este termo se desenvolveu nos Estados Unidos, no sentido de empresa com finalidade social. Desde então, na Europa, novos termos surgiram indicando o compromisso da empresa com a sociedade: empresa cidadã, empresa ética, Responsabilidade Social Corporativa (RSC) ou empresa social.

O surgimento deste tipo de empresa se deve a uma crítica ao sistema capitalista, como uma espécie de renovação do mes-

mo, mas cujas bases continuam sendo a expansão dos mercados e a propriedade privada dos meios de produção. A empresa é, portanto, capaz de produzir também bens e serviços sociais no lugar do Estado e reivindica a capacidade de combinar eficiência econômica (a forma empreendedora) e justiça social (produzida pela inovação social) no âmbito de um propósito social. Por outro lado, permite-nos considerar novas respostas a necessidades que não foram satisfeitas até agora.

Na origem da noção de negócios sociais, em Yunus (2010), o conceito está relacionado às seguintes características: (1) tem a missão de atender às demandas dos segmentos populacionais de baixa renda e mais vulneráveis; (2) desenvolve e comercializa produtos e serviços ajustados a essas demandas sociais; (3) gera receita suficiente para cobrir as próprias despesas; (4) reinveste uma parte do excedente econômico na expansão do negócio, enquanto outra parte é mantida como reserva para cobrir despesas inesperadas; (5) tem investidores que não recebem lucros na forma de dividendos, mas podem receber o investimento de volta após um período.

Em síntese, para Yunus, um negócio social deve ter a vocação para resolver um problema social. Segundo ele, o negócio pode gerar excedente, mas este deve ser reinvestido no próprio negócio e não ser apropriado por alguém ou um grupo e, assim, podemos consideramos que o *Portal do Envelhecimento*

e *Longeviver*, e seus produtos podem ser vistos como empresa social, cuja missão é atender às demandas de um segmento populacional mais vulnerável e frágil, com produtos e serviços ajustados a essas demandas sociais, aliada a sua viabilidade econômica.

Neste ponto consideramos que nossos desafios foram e continuam a nos ‘despertar’ todos os dias, e muitas foram as conquistas nesta trajetória de vidas-trabalhos, e novas perspectivas deste projeto de Educação Continuada ainda estão abertas. Trabalhando com formação continuada, em um mundo em permanente mudança, incertezas e instabilidades, podemos perguntar: O que se considera saber? Como se constituiu? Como utilizá-lo para a vida? A primeira reflexão nos indica sua pluralidade – saberes – já que não se pode pensar que, em um saber único, como verdade absoluta. Segundo Maturana e Varela (2001, pp. 265-270):

[...] ao pretendermos conhecer o conhecer encontramos-nos nitidamente com o nosso próprio ser [...] todo conhecer é um fazer [e] todo o ato humano, ao construir um mundo na linguagem, tem um caráter ético, porque ocorre no domínio social.

O termo ‘conhecer’ – *saber de* - já nos indica um primeiro passo no caminho complexo no processo de integração dos

saberes como ato humano em meio social. Devemos considerar que a primeira impressão – *o saber de* - vem das *experiências* que vivemos e do *que se passa e do que nos acontece* a partir dela (LARROSA, 2015).

O que nos impacta? A experiência, única e individual, é percebida pelos sentidos e filtrada pelo corpo, e a sensação que dela deriva já foi considerada pela Filosofia como *elemento simples e último do conhecimento*. As sensações básicas de frio, calor, dor, paladar, cheiros, sons, nos fornecem os indícios do ambiente circundante e, gradativamente, criamos classes de experiências agradáveis e desagradáveis.

Assim, cada indivíduo experiencia e elabora conhecimentos sobre o ‘mundo’ e adquire um repertório de sensações e aprendizados e cria ‘seu’ universo de saberes – *saber de*. Incorporamos e transformamos experiências, os conhecimentos individuais, em saberes, logicamente organizados – *saber que*; visando a ações coletivas, com benefícios comuns – *o saber como*.

Devemos assim seguir o desafio de nos aproximar, com respeito, dos diferentes saberes, seguindo uma lógica da descoberta, que se renova a cada encontro, a cada curso, a cada grupo. É a descoberta no e do cotidiano, que muitas vezes causa medo e incomoda, pois se arrisca deixar a segurança do que já é conhecido por algo inovador, e que pressupõe movimento e incertezas. Para tanto, devemos estar alertas, ter-

mos espírito crítico, e escolher entre as várias possibilidades – nossa caixa de ferramentas, estudar, refletir, admitir erros e falhas, voltar atrás, recomeçar. Por que nos atemos às “certezas”, sem ousar?

No registro da descoberta teremos um processo de constante e cotidiana admiração pelo universo circundante e de movimento de apreensão e ressignificação. Os indivíduos em formação permanente devem ser levados a perguntar, examinar, analisar, desafiar e, nesse sentido, é mais importante acentuar-se o processo de aprendizagem e relativizar o produto.

A aprendizagem assim estimulada baseia-se no profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos. Quando se respeita o outro se estimula o respeito mútuo e o autorrespeito. Seguindo o pensamento do filósofo brasileiro Hilton Japiassu (1934-2015), para o exercício de (des)pensar e repensar é preciso o *sapere-aude* – saber ouvir – ousadia de pensar e coragem de usar a inteligência (JAPIASSÚ, 2001).

Afirma o cientista social e filósofo francês Edgar Morin (2000) que a complexidade do saber e ação é característica inerente ao ser humano, considerando-se a perspectiva biopsicossocial, e deve ser encarada em sua ambiguidade como geradora de pensamento articulador. Mesclam-se, assim, as complexidades do humano, da apreensão do saber e própria ao momento social de transformações profundas.

Afirmamos que a atitude interdisciplinar, que destaca a fundamental articulação entre saber-saber; saber-fazer; saber-ser – como proposta de Fazenda (2001) – tem sido observada nos grupos de profissionais em projetos de educação continuada, na medida em que mostraram o rigor – compromisso e competência – e a ética na trajetória de vida, por meio dos projetos existenciais e de trabalho. Consideramos a interdisciplinaridade como perspectiva para apreender e articular as complexidades dos seres e dos saberes. Se os saberes são construções humanas, no tempo e espaço da cultura, podemos considerá-los, assim como aos indivíduos, portadores de identidades complexas, múltiplas e passíveis de serem reconstruídas, por meio de ações integrativas.

Desordem e mudança, inerentes à natureza, não são impedimentos para a construção do saber, mas fatores constitutivos dos seres e saberes e das sociedades dos quais são construtores e constructos. Os desafios estão nos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação dos mesmos é a ação que funda as culturas.

A partir dessas reflexões, voltamos a Japiassú (2001, p. 30) que afirma que “saber é um dever, um risco que cada indivíduo deve correr conscientemente para ter acesso ao estatuto de sujeito livre e racional”.

E seguimos, assim, neste caminho da busca de saberes que tem guiado nosso caminho até aqui, incorporando na nossa ‘caixa de ferramentas’ as novas tecnologias – desafios da modernidade -, sem descuidar dos sentimentos, sensibilidade e solidariedade com os que conosco seguem nesta trilha em busca de novas paisagens – conhecimentos, seres, saberes e fazeres e, por que não, prazeres – pois a vida se oferece como o caminho para a educação continuada.

## REFERÊNCIAS

ALTER, K. Social Enterprise Typology. Virtue Ventures LLC, [s. l.], 27 nov. 2007. Disponível em: [https://www.globalcube.net/clients/philippson/content/medias/download/SE\\_typology.pdf](https://www.globalcube.net/clients/philippson/content/medias/download/SE_typology.pdf). Acesso em 15/03/2021.

BRANDÃO, V. Viver bem para longeviver melhor. **Revista Portal de Divulgação** (São Paulo), v. 34, Ano III, jul. 2013. ISSN 2178-3454. Disponível em: [www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista](http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista).

BRANDÃO, V. Caminhos do Saber: Reflexão. **Revista Interdisciplinaridade**, 2015, pp. 47-55. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/25481>. Acesso em 15/03/2021.

BRANDÃO, V.; CÔRTE, B.; FAZENDA, I. A Interdisciplinaridade na Gerontologia Social. **Revista Interdisciplinaridade**, v. 7. Pp. 61-70, 2015, ISSN 2179-0094. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/25067>. Acesso em 15/03/2021.

CÔRTE, B., & BRANDÃO, V. Longevidade Avançada – A reinvenção do tempo. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 21, n.º 1, 213-241. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP, 2018.

CÔRTE, B.; BRANDÃO, V. A Cultura do Longevidar e a Cradioria do Saber. *In*: BARROSO, A. S.; HOYOS, A.; SALMAZOSILVA, H.; FORTUNATO, I. (Orgs.). **Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELORY-MOMBERGER, M. C. **Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Papirus, 2001<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001<sup>b</sup>.

FRANCA FILHO, G. C.; RIGO, A. S.; SOUZA, W. J. A reconciliação entre o econômico e o social na noção de em-

presa social: limites e possibilidades (no contexto brasileiro). **Organ. Soc. Salvador**, v. 27, n.º 94, pp. 556-584, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302020000300556&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302020000300556&lng=en&nrm=iso). Acesso em 15/03/2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. (10 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FOUCAULT, M. **Michel Foucault: entrevistas a Roger Pol-Droit**. São Paulo: Graal, 2006.

JAPIASSÚ, H. A Crise das Ciências Humanas. *In*: FAZENDA, I (Org.). **A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Desistir de Pensar? Nem Pensar!** São Paulo: Letras & Letras, 2001.

LARROSA, J. **Tremores. Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

MARIOTTI, H. **Organizações de Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. A. **Comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo. Palas Athena, 2001.

MORAN, J. **Educando para uma vida mais plena**, 2017.

Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/04/educando\\_vida.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/04/educando_vida.pdf).

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PAPALÉO NETO, M.; KITADAI, F. **A Quarta Idade: o desafio da longevidade**. São Paulo, SP: Atheneu, 2015.

PETRELLA, F.; RICHEZ-BATTESTI, N. **Business social, entreprise sociale et ESS: quelles formes de gouvernance? Entre similitudes et divergences....** LEST-UMR 6123, Université de la Méditerranée, [s. l.], 4 jun. 2010. Disponível em: [http://base.socioeco.org/docs/\\_index90.pdf](http://base.socioeco.org/docs/_index90.pdf). Acesso em: 15/03/2021.

SAVATER, F. **O Valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHON, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 2007.

YUNUS, M. **Criando um Negócio Social**. Rio de Janeiro: Campos, 2010.

---

**Vera Brandão** – Pedagoga, USP. Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia, PUC-SP. Pós-Doutorado com concentração em Gerontologia Social, PUC-SP.

Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento, PUC-SP. Editora da Revista Longeviver [on-line].

**ID Lattes:** 7416241967025927

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1377-4104>

**E-mail:** veratordinobrandao@hotmail.com

**Beltrina Côrte** - Graduada em Jornalismo, Especialização e Mestrado em Planejamento e Administração do Desenvolvimento Regional, Doutorado e Pós-Doc em Ciências da Comunicação, USP. Docente da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Atua na área da Gerontologia, com concentração em Gerontologia Social, e na divulgação científica com o Web site Portal do Envelhecimento e Longeviver, Editora Portal Edições e Espaço Longeviver. Integra desde 2005, a Red Interdisciplinária de Psicogerontología (REDIP).

**ID Lattes:** 2236463664195609

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2717-3262>

**E-mail:** beltrina@pucsp.br

**Carolina Côrte de Lucena** - Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo PUC-SP (2017). Graduanda em Gestão de Negócios e Inovação pela Fatec Sebrae. Possui experiência na área consular e de legalização de documentos (Itamaraty) e atualmente trabalha com gestão na área de formação continuada na área do envelhecimento e longevidade humana, assim como em projetos sociais com foco na gerontologia social. É também colaboradora do *site* Portal do Envelhecimento e Longeviver.

**ID Lattes:** 6517436346953620

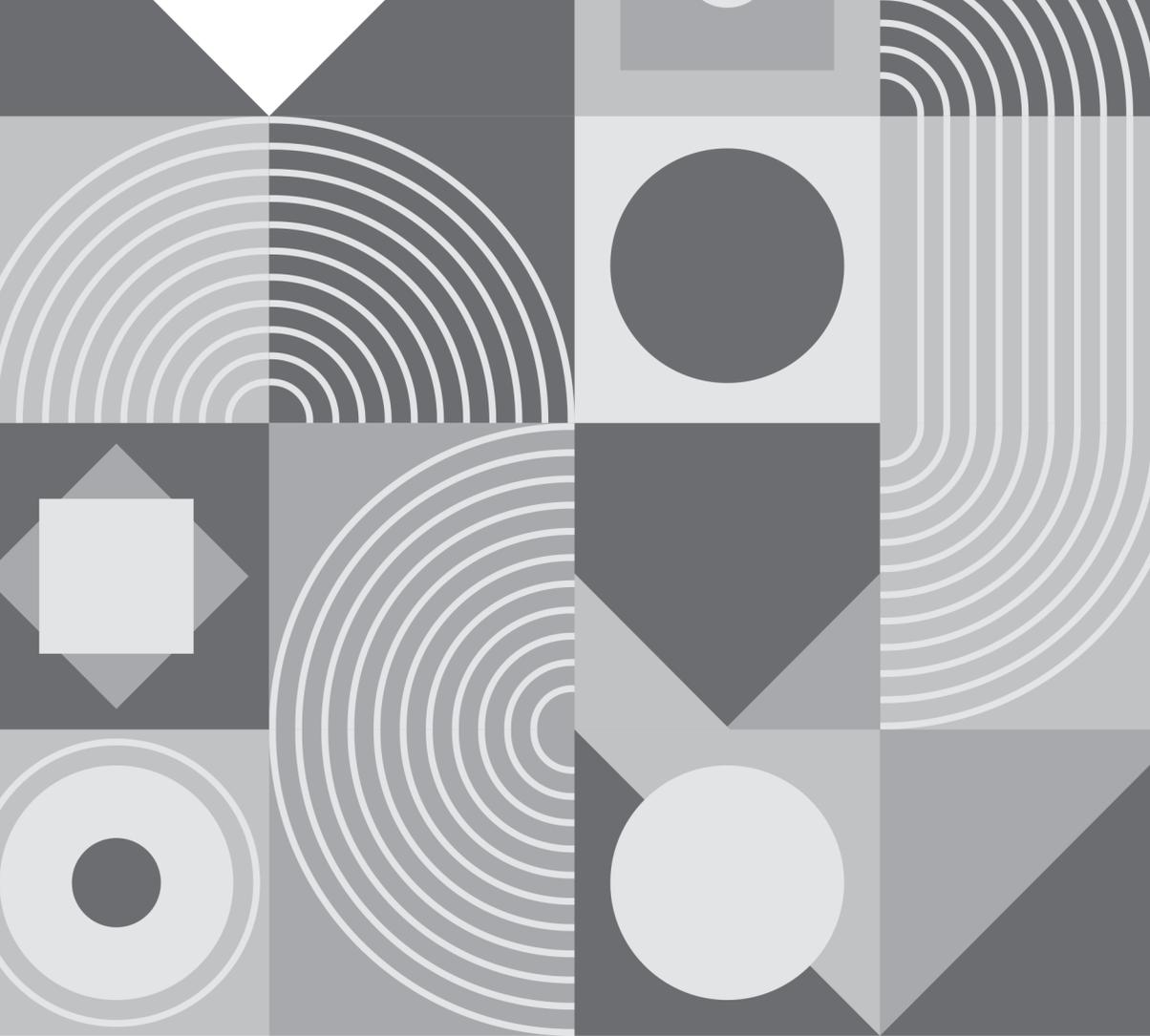
**E-mail:** carolina.cortelucena@gmail.com

**Sofia Côrte de Lucena** - Estudante de Engenharia de Produção na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como tradutora voluntária para a empresa Portal do Envelhecimento desde 2014. Já foi professora voluntária de inglês em escolas públicas de São Carlos durante dois anos, por meio do Projeto Pontinha, além de uma das coordenadoras do mesmo. Fez parte do Centro Acadêmico de seu curso desde 2017, como Diretora de Recursos Humanos em 2018 e como Presidente em 2019. Atuou como monitora da disciplina de Mercadologia no segundo semestre de 2019 e como representante de sua turma no mesmo ano.

**ID Lattes:** 8416207178945871

**E-mail:** sofiacortel@gmail.com





# **Jogos com idosos - Como jogar e quais jogos escolher?**

*Ana Lúcia Nakamura*



**RESUMO:** As práticas de jogos digitais e não digitais com os idosos permitem abrir caminhos para a criação e fortalecimento de vínculos entre os idosos e com os profissionais de cuidado, de uma forma lúdica. Essas dinâmicas com jogos selecionados, e aplicadas nos centros-dia para idosos, se bem observadas, oferecem informações valiosas sobre cada jogador, suas facilidades, dificuldades, habilidades e oscilações. Objetiva-se descrever e justificar algumas das práticas de jogos digitais e não digitais com idosos. Contabilizando mais de mil e cem horas de partidas nas atividades, com 65 idosos (de 2015 até o início de 2020), este artigo reúne não apenas uma seleção de jogos digitais (para videogames, *tablets*, celulares) e jogos não digitais (jogos de tabuleiros, quebra-cabeças, cartas), mas principalmente indica como escolher os jogos, as formas de jogar e as adaptações necessárias nos jogos para diferentes perfis de idosos (fragilizados ou não por demências). Desse modo, todos os envolvidos (cuidadores, mediadores das atividades, idosos...) podem participar e perceber as contribuições valiosas dos jogos aos idosos, dentre outras, as mudanças positivas no seu humor, melhoria nas interações entre idosos e cuidadores, e da autoconfiança dos próprios jogadores, além da ampliação do tempo de adesão, com atenção mais concentrada nas partidas.

## Introdução

Descrever e justificar algumas das práticas com jogos digitais e não digitais com pessoas idosas é o objetivo deste capítulo. As atividades sugeridas foram embasadas em pesquisa acadêmica sobre as contribuições dos jogos digitais aos idosos, realizada a partir de 2013, no mestrado de Tecnologias da Inteligência e Design Digital, na Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP (NAKAMURA, 2015). A prática de jogos digitais e não digitais com os idosos, descrita em detalhes nas próximas seções, é fundamentada também em mais de 1100 horas de atividades de jogos com idosos em centros-dia (CDI), realizadas entre 2015 e 2020, e registradas em tese de doutorado, no mesmo programa de pós-graduação (NAKAMURA, 2020).

Por meio dos relatos dessas experiências, é possível conhecer mais sobre os jogos, mas principalmente sobre o essencial neste tipo de prática: o entrelaçamento concebido, e fortalecido, durante os jogos entre mediadores dos jogos, cuidadores e os próprios idosos, e de uma forma divertida (NAKAMURA; HILDEBRAND, 2020).

O relato dessas interações pode incentivar familiares, profissionais e instituições a utilizar os jogos como forma de fortalecer ou mesmo criar vínculos, de inclusão, operando os jogos como um facilitador de diálogos, de interações mais

prolongadas, e como um outro modo de complementar os cuidados aos idosos, indo muito além de passar o tempo.

Aos que sabem das potencialidades dos jogos e estejam atentos ao *modus operandi* das jogadas, é possível conhecer e analisar as características de quem joga. As interações que o jogo demanda de cada jogador oferecem pistas de como as informações são compreendidas e talvez conhecer em pouco mais acerca da velocidade de respostas, podendo ainda dar respostas a questões como: o processamento da informação é muito ou pouco variável? Constante? Diferente da semana passada? Uma habilidade está melhorando ou piorando? É hora de trocar de jogo? O jogador faz jogadas com lógica e fazendo uso de estratégias? E no momento, qual habilidade do idoso seria importante intensificar, segundo a opinião da equipe de cuidados?

Aproximar-se de um velho e possível jogador do passado, conhecê-lo melhor, permite identificar suas preferências de momento, perceber que talvez ele não goste de ser pressionado ou apressado no jogo e ou na vida; que é detalhista e questionador; que gosta de ler cada palavra que está na tela e que, se tudo ocorrer depressa demais poderá causar desorganização em seus pensamentos, até desistência da atividade; que se sente feliz em ajudar um jogador vizinho; ou que prefere mover suas peças em silêncio a estar em mesas repletas de conversas.

Em termos de cuidado, estas são informações relevantes, pois a partir desse entendimento podem ser realizadas mudanças nas formas de comunicação, ou de lidar com as novas condições de uma pessoa idosa, oferecendo-lhe momentos agradáveis com os jogos, e as diversas interações que as partidas proporcionam e, assim, favorecer seu bem-estar cotidiano.

Todas essas percepções aqui relatadas com pessoas idosas são resultantes das experiências com jogos em oito centros-dia para idosos da capital paulistana, dos 16 existentes até 2020, explicitadas em pesquisa. No entanto, diante dos limites de tempo e de um recorte da pesquisa de tese no sentido de relatar os casos mais atuais, encontram-se aqui os registros das práticas de jogos em três instituições: Centro-dia Angels4U, Centro-dia Bom Retiro UNIBES, e Centro-dia Guaianases. Estes CDI são locais de acolhimento e cuidados diários aos idosos, que contam com o suporte de equipes constituídas por diferentes profissionais como gerontólogo, enfermeiro, assistente social, psicólogo, nutricionista, terapeuta ocupacional, além da assessoria de geriatria e da área de administração.

São disponibilizadas diversas atividades aos idosos, relacionadas à arte, música, jogos, atividades físicas etc. Ao todo, 65 idosos estiveram presentes nas atividades dos citados jogos, e 59 destes participavam da atividade semanal (duas horas), divididos em três grupos (um para cada centro-dia). Os jogadores que participaram das práticas tinham ida-

de média de 81 anos, idade máxima de 97 anos e mínima de 61 anos. A maior parte do grupo era formada por mulheres (73,85%), sendo os homens 26,15% do grupo. Os jogadores com demências representavam 23% do total.

Embora os exemplos destas práticas de jogos sejam baseadas nos frequentadores de centros-dia, não há impedimentos para utilizá-las com outros públicos, outros tipos de instituições, ou em ambiente familiar. O lazer, a diversão, a socialização e a inclusão podem ser oportunizadas nos mais distintos espaços, e para todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas ou mentais, dado que, em se fazendo adaptações sempre que necessário for, as oportunidades nessas práticas mantêm-se iguais a todos.

Este capítulo está organizado nas seções seguintes:

- ❖ O lúdico na perspectiva dos idosos
- ❖ Seleção de jogos, descrição de práticas e adaptações
- ❖ Algumas considerações.

A seção inicial é sobre a compreensão do que é o lúdico para os idosos. E, na sequência, para os gestores, profissionais de cuidados aos idosos, e familiares, são apresentadas sugestões de como selecionar os jogos e jogar com os idosos, incluindo-se também aqueles com algum tipo de dependência, física ou cognitiva.

As contribuições dos jogos são encontradas na própria descrição de cada jogo ou jogada, mas, além das referidas, são notadas mudanças positivas no humor; melhora nos níveis de seus sentimentos de ansiedade, depressão, solidão; ao interagir continuamente com cuidadores e mediadores dos jogos, os participantes passam a se socializar, com o aumento de sua autoestima e autoconfiança; fazem um uso maior de sua função cognitiva, melhorando, assim, a velocidade de processamento das informações (NAKAMURA, 2020). E se os jogos forem do tipo *exergame* (os que exigem uma movimentação mais ampla ao interagir no jogo, caso dos *videogames Wii Fit Plus* e *Wii Sports Resort*), as melhorias acontecem no incentivo à atividade física, no uso em reabilitação, na prevenção de quedas, na diminuição do medo de cair, com resultados benéficos no equilíbrio, na marcha, na aprendizagem, na memória e atenção etc. (NAKAMURA, 2015).

### **O lúdico na perspectiva dos idosos**

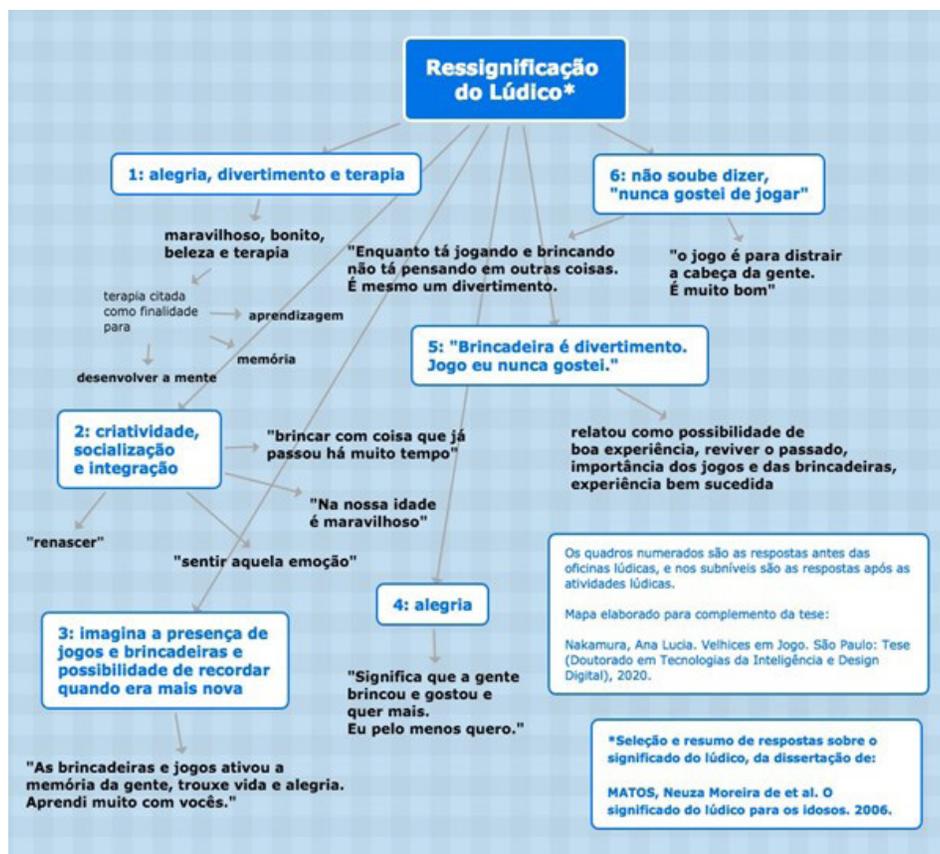
Para um dos possíveis entendimentos sobre o lúdico, apresenta-se um quadro-resumo baseado nas pesquisas da Enfermeira e Mestre em Gerontologia Neuza M. Matos, que relata a compreensão do lúdico e seus benefícios, do ponto de vista dos idosos.

A pesquisadora perguntou qual era o significado do lúdico antes e depois de oficinas com jogos e brincadeiras, para 18 in-

divíduos de uma Associação de Idosos, sem limitações físicas ou mentais que comprometessem a participação nas atividades.

A palavra lúdico foi lida, entendida e reiterada pela maioria dos idosos como jogo e ou brincadeira. No quadro a seguir, podem ser visualizadas parte das respostas. Note-se que nos retângulos numerados estão as ideias sobre o lúdico antes das oficinas, e nos subníveis, as respostas resignificadas após as oficinas:

**Figura 1 – Respostas dos idosos sobre o significado do lúdico**



Fonte: Quadro-resumo de autoria da pesquisadora, com base nos estudos de Matos (2006)

Em meio a outras respostas coletadas pela pesquisadora, as frases destacadas na imagem retratam a diversidade de ideias sobre o jogo e a brincadeira. Embora os perfis sejam diferentes daqueles de idosos de um centro-dia, pelo perfil atendido, prevalecem duas situações muito semelhantes: a primeira é a de quando existe um preconceito sobre o jogo.

A segunda situação exhibe a resignificação do lúdico. Há um conhecimento ampliado a respeito do lúdico, com expressões positivas sobre os jogos.

No caso da resposta 6 (da imagem anterior), por exemplo, o não saber é complementado por mais quatro palavras - “*nunca gostei de jogar*”, e transforma-se em 27 palavras que definem e explicam o jogo: “*Enquanto tá (sic) jogando e brincando, não tá (sic) pensando em outras coisas. É mesmo um divertimento. O jogo é para distrair a cabeça da gente. É muito bom.*”

É um novo modo de ver, que aparece ao permitir-se brincar novamente, ou de abrir-se para novas experiências, e conhecer os jogos ou as brincadeiras propostas ((NAKAMURA; HILDEBRAND, 2020).

O fato de não se estar pensando outras coisas enquanto se joga, conforme descrito na resposta 6, também revela a profundidade da experiência de estar presente no momento, sem outras preocupações.

Os jogos permitem a troca de papéis, o aprendizado de se colocar no lugar do outro, de ver a mesma situação sob novos ângulos. No caso dos idosos são atitudes importantes, visto ser um grupo que assume papéis específicos, que continua em fase de aprendizado e que pode experimentar novas situações. Não apenas experimentar novas situações, mas novos conceitos, como modificar a visão de jogo, vício, competição, para algo que traz divertimento e quebra da rotina de forma agradável (MATOS, 2006).

Essas ressignificações do lúdico modificam o próprio indivíduo; novos conceitos substituem os antigos, e permitem visualizar situações de novos jeitos.

De certo modo, a liberdade e a imprevisibilidade dos jogos causa um eterno ressignificar (GALLO, 2007) e, então, jogo e jogador renovam-se a cada partida experimentada.

A partir das oficinas lúdicas, os idosos participantes da pesquisa de Matos (2006) perceberam as contribuições do lúdico, que se traduziram em alívio de tensões e do tédio, além de recreação, prazer, humor e riso; socialização e integração; criatividade e beleza; autoestima e autoconhecimento; aprendizagem e estimulação.

Para parte dos idosos, nos referidos centro-dias, o jogo é caracterizado como relaxante, divertido, uma forma de es-

cape, um tempo de alívio e pausa das preocupações. Mas, se por vezes, um jogo for considerado repetitivo, ou angustiante (ao não se conseguir resolver o problema de ser desafiante demais ou frustrante), neste caso torna-se urgente a intervenção de um mediador de jogo, a fim de encaminhar aquele conflito com dicas produtivas, mas não respostas completas, ou se for o caso, a sugestão de troca de jogo.

Para muitos, o jogo é realmente prazeroso; sendo livre, o ato de brincar proporciona aos jogadores uma experiência divertida, e mais do que isso, induz um sujeito jogador a aprimorar-se, estando ali realmente presente, vivendo o momento e tentando ser o melhor jogador, ou dar o melhor de si nas partidas, e a superar-se frente aos desafios propostos.

É possível adicionar ainda, como observação da práticas dos jogos nos centros-dia para idosos atendidos, que há mudanças na percepção do tempo, relacionado ao envolvimento profundo que o jogo permite, aumentando o tempo de concentração dos jogadores.

A noção do tempo para os jogadores é alterada de forma positiva, ao invés de um tempo lento de preocupações diversas, os jogadores relatam com espanto como as horas passaram rapidamente.

Por vezes, mesmo após o término da atividade lúdica, se os jogos ficam sobre as mesas; os jogadores mais envolvidos

continuam em jogo até que sejam interrompidos para outra atividade ou para as refeições.

O pesquisador Sérgio Nesteriuk Gallo explica a continuidade e a reverberação dos jogos entre os grupos ou comunidades:

O aspecto da sociabilidade proporcionado pelo jogo é tão intenso que, mesmo depois de acabado o jogo, algumas comunidades de jogadores tornam-se constantes. A possibilidade de poder estar ao mesmo tempo junto e separado, de compartilhar sensações e emoções em um contexto especial, suspenso da vida ordinária e com regras e dinâmicas próprias cultiva seu fascínio e sua magia para muito além da duração de cada jogo (GALLO, 2007).

### **Seleção de jogos, descrição de práticas e adaptações**

Para que este capítulo não fique extenso em demasia, foram selecionados nove jogos, como exemplo, de uma lista de 47 jogos jogados previamente com os idosos. O detalhamento de regras e dispositivos não é abordado aqui; privilegiando-se a parte prática dos jogos. Muitos outros jogos digitais e não digitais podem ser consultados na íntegra, em tese já defendida, e referenciada ao final deste capítulo (NAKAMURA, 2020).

Antes de escolher os jogos para um determinado público (grupo, indivíduo, ou em família), é útil saber o que pensam os idosos sobre a ideia de jogar e seu repertório de jogo.

É comum que muitas pessoas acreditem que os jogos pertencem ao mundo infantil, e desconheçam as potencialidades dos jogos e seus efeitos, como também que idosos, com e sem dependências, possam jogar de forma muito similar se antecipadamente forem combinadas regras adaptadas para que todos possam entrar em jogo e se divertir.

Entre os idosos atendidos nos centros-dia, os jogos não digitais antes conhecidos costumam ser os mesmos. O jogo Dominó, por exemplo, é um dos mais conhecidos, e muitas vezes é disponibilizado pelos serviços de cuidados aos idosos. Jogos de Memória e Bingo costumam estar disponíveis também em casa, ou em instituições.

Assim, o repertório inicial de jogos e dispositivos conhecidos pelos idosos é restrito e pode ser muito ampliado. A adesão aos jogos acontece de forma gradual, sendo necessário considerar sempre a vontade dos idosos em escolher jogar, ou não, em dado momento, assim como o tipo de jogo que ele preferir. A adesão também pode não acontecer, ou não ocorrer imediatamente, mas ao tomarem conhecimento sobre os benefícios dos jogos, os idosos passam a se interessar por eles e começam a experimentar as práticas de jogos. Quando, en-

tão, o jogo passa a ser realizado com satisfação, aumentam o engajamento e a adesão a ele (DISHMAN, *et al.*, 2005, *apud* ROSA, *et al.*, 2019).

Uma das vantagens do jogo digital é a possibilidade de manter ou retomar uma prática que antes se tornara inviável. Por exemplo: quando o local da prática esportiva de costume deixa de ser frequentado por questões de acessibilidade, mobilidade, transporte, segurança ou fechamento. Neste caso, se o indivíduo aprecia jogar Tênis de Mesa, por exemplo, talvez queira experimentar as versões digitais dessa atividade. Ou se o jogador prefere jogar Boliche mas não lhe ser possível carregar uma bola, que pesa entre 2,5 e 7 kg, a versão digital torna-se viável para que ele possa ter o prazer de voltar a jogar, bastando, no ambiente digital, imitar o movimento do arremesso para conseguir jogar.

Também é válido observar possíveis temáticas das quais o público de futuros jogadores aprecie. Não é necessário que seja um tema amplamente dominado, mas de interesse. E, caso não seja possível determinar naquele momento, são sugeridos três temas que podem contemplar o gosto e as possibilidades físicas e mentais de muitos idosos, inclusive aqueles com demências, sendo os que envolvem comida, dinheiro e animais de estimação. A sugestão tem por base a observação participante de horas de prática de jogos com os idosos.

Para alguns idosos, a ideia de jogar jogos digitais ou não digitais, diferentes dos tradicionais como Damas, Xadrez, Dominó, Cartas, pode ser muito desafiante. E o desafio pode empolgar alguns ou afastar outros, que ficam um tanto receosos por não saberem jogar. Fato é que a maioria não conhece outros jogos, mas se os primeiros dos jogos propostos estiverem relacionados com assuntos de interesse, a chance de uma primeira jogada com êxito é maior.

Caso não haja meios de conseguir tais informações, a escolha de jogos com poucas e simples regras é o recomendado. A interação dos jogadores também acaba despertando a atenção dos demais idosos que estão no ambiente.

Grupos que estão se divertindo, em meio a conversas animadas e risadas não passam despercebidos, e acabam atraindo novos interessados.

Também há os que virão apenas observar os jogos – aliás, este é um comportamento a ser incentivado, especialmente para idosos que se sentem ainda inseguros para ingressar em uma nova atividade, esta reservada, assim, para o momento que desejarem espontaneamente ou em resposta aos convites gentis recebidos –, mas que acabam motivando-se e entram em jogo. Não deixando de lembrar que jogo implica em convite, e pela sua própria caracterização, deve continuar sendo uma atividade livre.

Após essas reflexões iniciais, pode-se seguir com comentários sobre outros aspectos relativos aos jogos. Seleção e aquisição envolvem verificar o intuito do jogo e as condições de um jogador.

São perguntas norteadoras deste processo (renovado a cada prática): Os jogadores terão facilidade em manusear as peças? Será de fácil entendimento? Quais idosos poderão envolver-se neste jogo? Se nem todos, como incluir mais pessoas? Quais idosos vão identificar-se com o tema do jogo? Exigirá movimentações rápidas que dependam de agilidade física e cognitiva? As peças têm tamanho adequado para evitar possíveis acidentes? O som é agradável neste jogo digital? As cores são visíveis para este público? Tem um jogo disponível para os idosos na instituição, ou em casa, mas que dependem de muitas regras; neste caso, conseguirei facilitar/adaptar as ações para que todos possam aproveitar-se do jogo ora pensado? Estas são apenas algumas das questões na escolha de um jogo.

No momento de aquisição de jogos, ao se solicitar um jogo direcionado ao público idoso, em lojas físicas de jogos (as conhecidas *boardgames*), frequentemente os vendedores se mostram muito colaboradores, buscando, em suas mentes e prateleiras, que tipo de jogo seria o recomendado.

Assim, ao buscar por jogos nas lojas físicas ou *sites* com resenhas de jogos, tendo-se em mente as questões citadas no

parágrafo anterior, um conjunto de características, visualizadas a seguir na Figura 2, pode guiar os compradores, vendedores, familiares e gestores para a escolha de um jogo:

**Figura 2 – Características a serem observadas na escolha de um novo jogo para os idosos com perfis similares aos desta pesquisa**



Fonte: Autoria da pesquisadora

O fato de se terem regras simples e pouco numerosas facilita na retenção das informações, mantendo a fluidez de um jogo. Já o tempo de jogo ser mais curto também colabora para a memória, não frustrando o jogador que talvez se esqueça rapidamente de parte das informações. E se houver excesso

de informações visuais, isso pode confundir os jogadores, gerando distrações desnecessárias. Caso o público tenha características opostas a estas, investe-se em jogos mais complexos, mas sem exageros, ao menos nas primeiras práticas.

Evitar peças muito pequenas é útil para que não aconteçam acidentes, como algum jogador confundir as peças com balas e ingeri-las, por exemplo. Estes cuidados podem parecer excessivos, mas, de fato, alguns jogadores apresentam momentos, maiores ou menores de confusão, ou de alucinações visuais, e podem querer experimentar ou ingerir tais peças.

Um outro fator, em relação ao tamanho das peças, é o manuseio: pegar e deslocar peças muito pequenas pode ser difícil para aqueles com dificuldades na coordenação motora fina, tremores comuns em pessoas com *Parkinson*. Muitos destes jogadores sentem-se tão desconfortáveis pelos tremores, e por não executarem os movimentos como gostariam, sequer optam por jogar, dado que a partida poderá ser-lhes um tormento, e não uma diversão. Peças maiores ou médias quanto a sua dimensão podem ajudar nesse sentido.

Para facilitar a escolha dos jogos, é preciso pensar no grupo que vai jogar com eles. Se os grupos são compostos por idosos com a doença de *Parkinson*, por exemplo, um jogo que exige mais habilidades cognitivas será mais viável, porque exercitará habilidades de memória, estratégia e atenção destes jogadores.

Se a ideia é atender um grupo com mais participantes que estejam com Alzheimer (fases iniciais ou moderadas), por exemplo, pode-se pensar no tema dinheiro, contemplado no jogo Ouro do Rei ou Banco Imobiliário. Ou ainda os jogos citados no final da seção de jogos não digitais, intitulados Torremoto e Naufrago.

Nas práticas de jogos com os idosos afetados pela Alzheimer, notou-se que o tema relativo a dinheiro é de fácil assimilação e aceitação, pois parte desses idosos acessa com relativa facilidade as informações sobre como lidar com as moedas ou cédulas, e por ser uma anterior prática cotidiana, não exige um aprendizado recente. “Fazer o troco”, “pagar por algo”, no jogo Banco Imobiliário, torna-se totalmente possível e não acarreta estresses ou confusões a estes jogadores, que ficam confortáveis e se sentem incluídos no grupo.

Para os jogadores com Alzheimer também podem ser selecionados os jogos que requerem a parte motora, como os jogos de encaixe. Se há um conjunto de peças de madeira a ser organizada em uma caixa, solicitar ajuda é muito favorável aos demais parceiros, dado que muitos deles são prestativos, ficam felizes e sentem-se bem em ajudar. Na verdade, organizar as peças é o objetivo de vários quebra-cabeças, como: Caixa de Pandora, Pentaminó, Tangram etc.

O mediador de jogos deve checar constantemente a necessidade de retomar o que se está buscando ou montando, pois é

muito comum que, após algum tempo de jogo, parte das regras iniciais sejam esquecidas, trazendo, alguma vezes, ansiedade e confusão ao jogador. Vale ressaltar que não é repetir automaticamente as regras a cada cinco minutos para o grupo todo, mas, sim, observar se o jogador está fazendo jogadas coerentes com as regras combinadas previamente e ajudar a que isso se cumpra.

É preciso ressaltar que cada grupo ou momento do jogador demanda um tipo de jogo. O mesmo jogo, utilizado com êxito em um determinado dia, talvez não faça o menor sentido no momento imediato ou na próxima semana; por isso, é útil ter outros jogos como reserva para tais situações.

Também pode ocorrer o oposto, quando nenhum jogo fazia sentido numa semana e, em outro período, os mesmos jogos são compreendidos e apreciados. O jogador talvez esteja em melhores condições de saúde, mais confortável com o mediador, com a atividade lúdica, ou mais confiante de que é capaz de jogar.

Para os idosos com maior comprometimento cognitivo ou físico, é recomendável um acompanhamento individual inicial nos jogos para um mapeamento sobre suas habilidades (e o nível de apoio que será necessário), suas experiências com os jogos, além das informações da equipe de cuidados. Este mapeamento possibilita planejar uma experiência agradável, social e lúdica para o idoso.

## Práticas dos jogos digitais com idosos

Os jogos de *videogame* mais utilizados nas atividades foram os *exergames* encontrados em quatro coleções de jogos: *Wii Sports*, *Wii Sports Resort*, *Wii Fit* e *Wii Play*, cada um destes títulos com variados mini-jogos.

Para os idosos atendidos nos centros-dia, jogar *videogame* costuma ser uma experiência inédita; alguns presenciaram os filhos ou netos jogarem, mas não jogaram, de fato.

Nos grupos observados, os *games* com maior adesão são os que exigem movimentações mais simples para a interação com o personagem ou ação no jogo.

Quem media o jogo deve oferecer atenção, compreender e ter paciência para que os novos jogadores não se sintam constrangidos com a nova experiência e percebam que é um desconhecimento apenas momentâneo, um aprendizado.

Os próprios idosos durante os jogos percebem que são capazes de aprender, e muitos ficam surpresos com a descoberta. Com a prática, a curiosidade e a confiança aumentam, permitindo que outros recursos e jogos sejam apresentados.

Para o recorte deste texto, inicialmente, dois jogos de *videogame Nintendo Wii* são descritos e posteriormente, mais dois jogos para *tablet* completam as indicações de jogos digitais.

## Luta de Espadas ou Esgrima (*SwordPlay*)

Este jogo da série de minijogos *Wii Sports Resort* exige uma movimentação relativamente simples, de levantar e abaixar o braço repetidamente para derrubar uma série de personagens, que caem de uma ponte e retornam com paraquedas. O nível de dificuldade no jogo varia durante o percurso, com o surgimento de oponentes um pouco mais fortes. A figura a seguir é uma das telas do jogo de luta com espadas:

*Figura 3 – Game Wii Sports Resort Showdown*



Fonte: Site *Wii Sports Wiki* - <https://bit.ly/3ouXKkq>

O interesse dos idosos nesse jogo surge a partir de características como a fácil jogabilidade (controles e movimentação física simples). A música utilizada no jogo também tem um ritmo que parece chamar a atenção deles.

Quando o jogo é iniciado, há idosos que chegam à sala de jogo justamente por sua trilha sonora. Num destes casos, um idoso, ao ser convidado a jogar, fazia os movimentos corretamente, entendia os comandos mais simples e percebia como deveria fazer o movimento, imitando os demais jogadores, embora a compreensão dos elementos da tela e da situação do jogo fosse incompleta e temporária.

Este idoso tinha diagnóstico de Alzheimer, apresentava um discurso muito confuso e aleatório, além de demonstrar muita dispersão e agressividade. Ainda que a sua participação não ultrapassasse cinco ou sete minutos, trata-se de um caso interessante sobre os efeitos do jogo, pois, durante e depois do jogo, conseguia manter uma conversa baseada no presente, nos fatos atuais (do jogo).

Logo, era preciso ir para a realidade do jogo (uma segunda realidade, também conhecida como “círculo mágico”), ter experiências em um estado de atenção maior, e então retornar mais calmo e coerente em discurso, possibilitando a comunicação com os profissionais da casa e equipe de cuidado, além de esquecer os desejos de revidar verbal e fisicamente as piadas ou provocações de outros idosos no centro-dia.

## *Wii Fit Plus - Table Tilt*

O jogo *Wii Fit Plus* requer a plataforma de equilíbrio Balance Board. É uma das coleções de jogos mais empolgantes para os idosos dos centros-dia.

Alguns dos jogos do *Wii Fit Plus* exigem ao mesmo tempo a movimentação de braços e pernas, o que requer muita coordenação motora, independentemente da idade do jogador, e plena atenção de quem está acompanhando o jogador. A seguir, um exemplo dos jogos utilizados do *Wii Fit Plus*, nos CDI, o *Table Tilt*:

É o minijogo preferido dos idosos atendidos. O jogo *Table Tilt* desafia o jogador a manter o equilíbrio na plataforma, guiando bolinhas até um ou mais buracos. Aparentemente fácil, a tarefa torna-se difícil pois há os desafios: aumento do número de bolinhas, o tempo que se esgota, e o surgimento de desníveis que exigem mais força / pressão na plataforma. A seguir, uma das telas do jogo:

**Figura 4 – Tela do Jogo Table Tilt**



Fonte:  
Canal  
Youtube  
Gaming.fit

O equilíbrio faz-se necessário, não somente dividindo o peso do próprio corpo entre direita e esquerda, mas também para frente e para trás; a atenção também é dividida quando surgem muitas bolinhas de uma vez, caso o jogador não tome uma decisão rápida, não terá tempo de guiá-las para os buracos, ou derrubará outras bolinhas para fora da plataforma virtual apresentada. A imagem a seguir mostra jogadores do *Tablet Tilt*:

***Figura 5 – Jogadores jogando Table Tilt e formas de uso da plataforma de equilíbrio (Wii Balance Board)***



Fonte: Blog Angels4U

Ao mesmo tempo que o jogador é forçado a tomar decisões rapidamente, também precisa comandar o corpo na mesma velocidade, e fazê-los obedecer neste ritmo nem sempre é tarefa fácil. É necessário ainda organizar todos os comandos em um tempo determinado; assim, além de

equilibrar, planejar a melhor estratégia para ganhar, ainda é preciso fazê-lo em tempo para progredir no jogo e chegar ao final de oito fases.

Todas essas habilidades juntas causam a imersão do jogador, que fica sem tempo de pensar em outros assuntos ou preocupações. E assim, com essa mudança de foco dos pensamentos, novos estímulos são percebidos e trabalhados. O jogo é, além de divertido, muito envolvente para os idosos, atentos ao próprio desempenho e dos demais participantes, sempre tentando superar-se.

O “jogo das bolinhas” como é chamado pelos idosos deve ser conduzido com um andador à frente da plataforma e com uma pessoa ao lado para apoio e segurança.

## **Mahjong**

Este é o jogo mais pedido pelos jogadores nos centros-dia aqui em foco; mesmo que sejam oferecidos outros jogos do *tablet*, o jogo Mahjong sempre é retomado nas telas, independentemente das facilidades ou dificuldades com os jogos ou dispositivos tecnológicos de quem joga. O jogo é jogado num *tablet*, e ainda que exista a versão para celular, a dimensão do *tablet* é uma grande vantagem em relação à visualização.

**Figura 6 – Jogo MahJong**

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

O jogo aqui referido não é similar ao tradicional jogo de tabuleiro Mahjong de origem chinesa (com 144 peças ou pedras e 4 jogadores). O jogo digital é similar ao jogo de memória, mas as peças são exibidas na tela, porém sobrepostas, como se existissem várias pilhas de peças. O objetivo é eliminar todas as peças em pares, tocando-as em sequência.

Há inúmeros desenvolvedores deste tipo de jogo e, dentre estes, há uma preferência pelo desenvolvido pela Kristanix. A escolha é baseada na experiência dos jogadores, por sua facilidade de uso, existência de opção paga de remoção de anúncios, pelas variedade de temas, tanto para as peças (*tiles*)

como para as telas de fundo (*backgrounds*). O visual é simples, com cores e detalhes que facilitam a visualização das imagens.

Além dessas características, a contagem de tempo deste jogo existe como informação, mas não como limitador de tempo para concluir uma fase. Apesar de o jogo não ser de multijogadores (*multiplayer*), é possível jogar junto. Nos centros-dia, a maioria dos idosos, com e sem demência, aprecia muito e joga este jogo sozinho, embora os cuidadores também joguem com eles.

É possível jogar em grupos maiores, se houver um projetor ligado ao *tablet* e, neste caso, a ideia é que cada jogador seja incentivado a dizer qual o nome do objeto que está na peça escolhida, para manutenção das habilidades de linguagem e memória.

Um exemplo desse modo de jogar está na imagem a seguir:

**Figura 7 – Jogo Mahjong projetado**



Fonte:  
Arquivo pessoal  
da pesquisadora

Mesmo os idosos com a memória mais comprometida, ao iniciar o jogo, logo se lembram de como jogar. Entre as habilidades trabalhadas neste jogo estão as habilidades visuoespaciais: como a busca visual planejada, que acontece quando se faz um rastreio em uma área definida e uma avaliação de figuras com rapidez e eficiência; trabalha-se também a memória visual de curto prazo, utilizada para o reconhecimento das imagens observadas em momento anterior.

A lógica aqui é utilizada na comparação das peças rastreadas, sendo possível explorar mais aspectos da memória e linguagem, se for proposto ao jogador dizer o nome das imagens, ou caso não o saiba, ou não consiga visualizar muito bem, poderá dizer a cor, a forma, a localização.

Lembrar ou dizer nomes torna-se complexo, dependendo da saúde cognitiva do jogador. Para descobrir o que querem dizer, por vezes é necessário fazer perguntas mais objetivas, em que se responda sim ou não.

Os jogos acabam se transformando em novos jogos, como os de linguagem, de adivinhação, de resgates históricos. O que vai se confirmando é que os jogos tornam-se uma ferramenta muito flexível, com finalidades a recriar (pelo mediador, jogador, ou ambos), conforme a demanda e possibilidade do jogador.

## Jigty

O Jigty é um aplicativo de quebra-cabeças de imagens. Há uma série de imagens disponíveis para montar, com configurações do número de peças e rotação; porém, a opção aqui destacada é a de utilizar as fotos da galeria pessoal, tirando fotos do dia ou do momento de jogar. Além da habilidade visuoespacial (capacidade de construir uma imagem com ou sem um modelo), é possível tentar nomear as pessoas da foto, de reconhecer-se nas fotos, e ainda situar o jogador no tempo e espaço em que a foto foi registrada, incentivando, assim, a memória do jogador.

A seguir, a imagem do jogo *Jigty*:

**Figura 8 – Jogo Jigty**

*Fonte: Play Store - Jigty*



A experiência dos velhos, com este tipo de jogo, é aprimorada quando iniciam a montagem sem saberem exatamente quem está na foto; embora o nível de dificuldade seja maior, as dicas são dadas em relação à percepção da cor, de algum móvel, estampa das roupas, da noção e posicionamento das peças que representam as partes do corpo.

Eis que, ao final do jogo, surpreendem-se ao verificar que são eles mesmos na imagem remontada, ou seus colegas, na foto. A imagem dá um sentido atual, com tempo e espaços definidos. É comum que alguns jogadores não estejam situados no tempo e espaço atual; por isso, esse tipo de atividade torna-se relevante.

Há os velhos e as velhas que se encantam, dizem que estão bonitos na foto, outros fazem gestos e expressões de que não gostam do que estão vendo como resultado da sua imagem. Há também os que não se reconhecem, por escolha ou impossibilidade, esboçando esquecimentos.

### **Práticas dos jogos não digitais nos centros-dia para idosos**

Os jogos de tabuleiro são modos de vivenciar mais as interações sociais, de experimentar novos papéis com regras diferentes do cotidiano, mas as regras combinadas são iguais para todos os jogadores ao redor da mesa que aceitarem o

jogo, independentemente de sua idade ou condição de saúde. Os jogos de tabuleiro não se limitam à competição e nem excluem os jogadores que não gostam de competir. Em jogos cooperativos, os jogadores terão experiências de ganhar ou perder juntos.<sup>13</sup> E o fracasso pode ser realmente divertido (MCGONIGAL, 2017).

Nesta seção, cinco jogos não digitais são descritos: Ouro do Rei, Triminó, Telma, Torremoto, e Náufrago.

### **Ouro do Rei** (*Kings Gold*)

O jogo “Ouro do Rei” tem partidas bem rápidas, de aproximadamente 15 minutos cada. A narrativa do jogo traz a história de corsários (ladrões enviados pelos reis) que roubam moedas e dividem parte dos tesouros encontrados com o Rei. O objetivo do jogo é obter o maior número de moedas possíveis do navio e dos outros piratas também, saqueando-os conforme a “sorte”, que é lançada nos cinco dados e, dependendo da combinação destes, também é necessário pagar impostos ao rei.

A experiência dos idosos “piratas” durante o estratégico jogo os faz acompanhar o jogo dos colegas, observando qual

---

13 Informações da palestra de Drew Blas, com o título: O Renascimento dos jogos de tabuleiro e a nova revolução social (The rebirth of board games and the new social revolution). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QE7Q5klSeA>. Acesso em 30/04/2021.

jogador é o mais rico no momento, com mais chances de vencer a partida, a fim de saqueá-lo. Muitas habilidades estão envolvidas neste jogo, como por exemplo:

**Atenção:** Os idosos mais atentos não deixam de conferir a quantidade de moedas que cada jogador obtém, de acordo com o lançar dos dados; observam e expressam imediatamente se houve mudança nas regras;

**Estratégia:** Os corsários mais experientes escondem sutilmente as suas riquezas; em dado momento, é necessário que o jogador da vez decida quem ele irá saquear; nesse momento, alguns jogadores mais estratégicos dão sugestões para saquear esta ou aquela pessoa e argumentam, justo com o intuito de não serem saqueados;

**Tomada de decisão:** baseada nas estratégias de cada jogador, ou no palpite de colegas, todos devem decidir a cada lance, qual adversário será saqueado.

**Interação social:** uma das habilidades mais desenvolvidas neste jogo. Ao redor do tesouro, em uma pequena mesa, os idosos piratas interagem com os colegas, protegem os colegas mais queridos, evitando saqueá-los com frequência, aproveitando para rir dos colegas que serão roubados; às vezes, para “sempre”, em vingança por um ou mais roubos anteriores, não esquecidos ou “perdoados”.

A seguir, as peças básicas do jogo - moedas e dados:

**Figura 9 – Jogo Ouro do Rei**



*Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora*

A dinâmica do jogo dá margem à observação das relações entre os jogadores e de suas características individuais. Os próprios jogadores notam os colegas mais gentis (que chegam a pedir licença para pegar as moedas ou pedem desculpas pelo saque, causando risos nos demais), percebem também os mais estratégicos e os que precisam de ajuda (e que são ajudados pelos jogadores mais empáticos).

Há ainda os jogadores que não precisam de ajuda sobre como jogar, mas demandam incentivo para iniciar-se no jogo

e juntar-se ao grupo; frequentemente os demais colegas e ou profissionais de cuidado os incentivam, convidando-os para ingressarem nas atividades.

É nesta mesa que cada idoso é notado pelo outro, deixando, então, de estar naquele momento isolado, invisível e se torna um sujeito de ação, com autonomia, para escolher seu lance em seu tempo, e com o apoio de que necessitar.

É num destes momentos lúdicos que os idosos se encontram consigo mesmos e, com os demais, se perdem nas regras, esquecendo-se delas ou se confundindo, quanto aí provocam risos dos demais, embora estes parceiros não vão deixá-los perder a vez, e continuarão jogando juntos até o final da atividade.

É um jogo bastante inclusivo. Entre estes idosos piratas encontram-se, num mesmo grupo, jogadores com demências como Parkinson e Alzheimer, jogadores com dificuldades auditivas, visuais e ou motoras.

O jogo segue o fluxo, com regras flexibilizadas para que todos possam jogar, cabendo, aos mediadores do jogo, possibilitar este momento de construção, manutenção e fortalecimento das relações do idoso com ele mesmo, do idoso com os colegas, do idoso com a equipe de cuidados que, por vezes, é sua atual família.

## Triminó

O Triminó é mais um dos jogos favoritos dos idosos. O jogo é similar ao jogo dominó, porém, cada peça tem três pontas e não duas. Assim, ao invés de peças retangulares, são peças triangulares, oferecendo mais possibilidades e exigindo mais atenção e análise dos jogadores.

A seguir, as versões do Triminó em madeira e em resina:

*Figura 10 – O jogo Triminó em madeira*



*Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Triminó JAC Oficina de Madeiras*

*Figura 11 – O jogo Triminó em resina*



*Fonte: Site pingonoi.com.br*

O jogo Triminó é um facilitador de diálogos, favorece as interações sociais, promove a empatia e gentileza dos jogadores, que reconhecem a dificuldade alheia e ajudam os demais que não estão conseguindo achar uma peça a combinar, e indicam a necessidade de compra de peças, se for o caso.

Para jogadores iniciantes ou com muitas dificuldades, é possível propor que, individualmente, façam pares com as peças, até se habituarem com a lógica do jogo e, então, estarão prontos para jogarem na regra comum e no grupo.

Alguns idosos preferem montar imagens com estas peças triangulares e não jogam conforme as regras. É comum que ocorram essas mudanças e que o jogo seja ressignificado para outros fins que não o originalmente proposto. Tal mudança é bem-vinda a fim de facilitar a inclusão de tal jogador.

## Telma

O jogo Telma tem como mecânica a memória e o reconhecimento de padrões. O jogo é formado por 48 cartas, com a representação da personagem Telma e com desenhos de mandalas celtas, conforme imagem a seguir:

*Figura 12 – Jogo Telma e Jogadores*



Fonte: Site [jogandomais.com.br](http://jogandomais.com.br)

Os idosos demonstram muita animação com este jogo e pode-se afirmar que o jogo Telma é o causador de risos aos jogadores. Cada um escolhe um nome no início do jogo (na primeira rodada), e nas próximas duas são acrescentados adjetivos dirigidos a cada um, além de sua procedência (ou algum um gesto característico de cada um).

Cada jogador, em sua vez, coloca uma carta na mesa, até que duas cartas reveladas sejam iguais, quando, então, é necessário dizer o nome do colega com igual carta. Desses dois jogadores, ganha o jogador que se pronunciar primeiro e corretamente. Quem perdeu ficará com as cartas da mesa e o jogo prossegue, até que um jogador esteja sem cartas e vença a partida, seguindo-se, então, para a segunda rodada.

As partidas divertidas são rápidas, mas geralmente são estendidas por opção e duram mais de 40 minutos em geral e, neste período, os idosos riem dos próprios erros e dos alheios. A confusão e a causa de tantas risadas é porque apelidos são trocados, surgindo novos nomes que não estavam combinados, ou que são de outras rodadas.

É muito comum que os idosos saiam da sala rindo e chamando os colegas por seus apelidos no jogo, lembrando das nomeações por horas, dias e semanas, como: galinha atropelada, porca malhada, vaca voadora, jacaré voador, lagartixa sem rabo, frango com quiabo etc.

A imagem a seguir é dos jogadores de Telma, no centro-dia:

*Figura 13 – Jogo Telma e Jogadores*



*Fonte: Instagram 60maisjogos*

O jogo proporciona muitas oportunidades de interação social quando são desenvolvidas as habilidades de memória e agilidade mental. Os idosos com demências também participam deste jogo, com apoio, e se divertem tanto quanto os demais.

Ainda que apresentem uma atenção reduzida, com o suporte dos cuidadores ou dos próprios colegas ao lado, permite-se a continuidade e se garante a diversão para todos os

jogadores. Os cuidadores têm papel fundamental também na hora dos jogos, sendo grandes incentivadores dos idosos e, por alguns momentos, esses profissionais se divertem enquanto exercem suas funções.

### **Torremoto**

Este é um jogo comercialmente também conhecido como “Jenga”, com regras simples e de rápida compreensão. Durante todas as partidas, há a análise de cada movimento, pois o objetivo do jogo não é manter as peças empilhadas mas movê-las uma a uma para a parte superior da torre. Assim, habilidades como análise, planejamento, concentração e percepção espacial são desenvolvidas ao longo da atividade.

O jogo tem visibilidade nas mesas, a chamada “presença de mesa” do jogo, que atrai a atenção de quem está passando pelo local ou dos outros idosos que ainda não estão em atividade e observam, sentados em outros lugares, mas que sentem as mesmas incertezas dos jogadores, e dizem: “Vai cair!”, assim acompanhando cada jogada.

Os idosos participam repetidamente do jogo e demonstram ansiedade para remover as peças. Alguns mal esperam chegar sua vez de jogar. A imagem mostra esse momento em que todos querem jogar ao mesmo tempo:

**Figura 14 – Jogadores no Torremoto**



*Fonte: Instagram 60maisjogos*

As dificuldades neste jogo quase inexistem, exceto por alguma limitação motora, quando o topo da torre não está ao alcance, e o ombro ou o braço não permitem tal deslocamento e, então, os demais colegas ou cuidadores ajudam. Os jogadores com demência demonstram adesão ao jogo, e divertem-se tal como os demais.

Mesmo com todos os esforços dos jogadores, a torre sempre é derrubada, e este, é claro!, é o momento mais di-

vertido e esperado do jogo. Há um enorme ruído e vários sustos entre os idosos e entre os cuidadores. Estes últimos preocupam-se com a possibilidade de ser alguém caindo, e os primeiros, porque estavam concentrados em outros jogos ou atividades.

Dependendo do grupo, duas adaptações são necessárias: no tamanho da torre e no abafamento do estrondo causado pela queda das peças, no caso do modelo maior da torre Torremoto (Jac Oficina de Madeiras). Um empilhamento menor permite que todos alcancem o topo da torre, mesmo os idosos com mais dificuldades de movimentação. Ou, então, pode-se montar a torre em outro local que não seja a mesa, porque, ao ser esta derrubada, as peças podem cair nos idosos. Montar a torre no chão não é uma opção, porque gera desconforto para os jogadores. Mas um pequeno banco ou caixa, ao servir como base da torre, impede que as peças caiam no chão.

A outra adaptação é para ambientes com vários grupos de jogadores e quando há usuários de aparelhos auditivos que, com razão, se incomodam pelo som amplificado da queda das peças da torre, causando dificuldades de atenção em suas atividades. Para tanto, usa-se uma superfície macia embaixo da pilha de peças, para diminuir o som causado pela queda de peças, conforme a imagem a seguir:

*Figura 15 – Jogadores com o jogo Torremoto sobre um tecido para diminuição de ruídos*



*Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora*

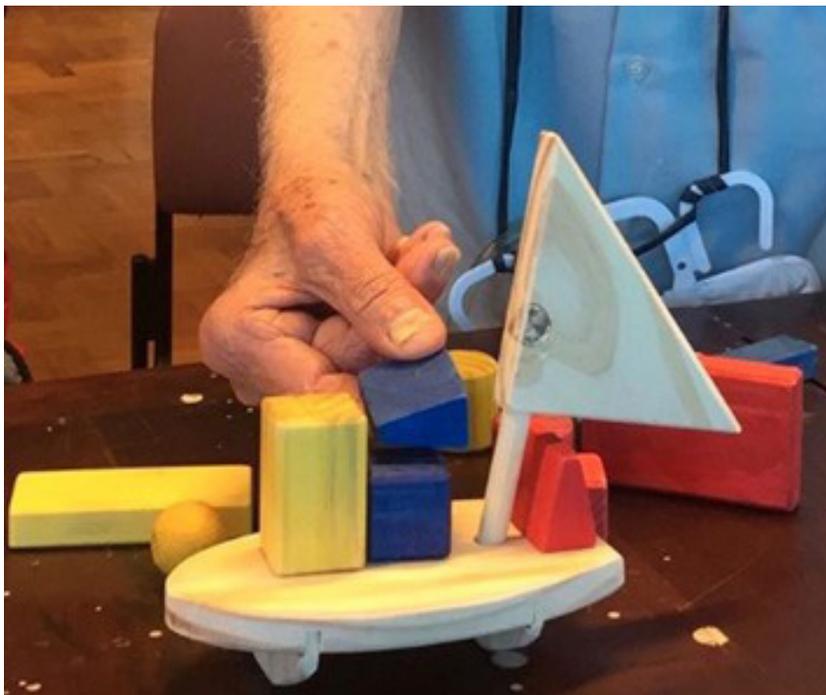
Ainda em relação aos sons, alguns jogos promovem saudáveis discussões e risadas e um tom mais elevado de voz, com um maior número de pessoas falando ao mesmo tempo, o que desconcentra outros jogadores com dificuldades de atenção ou que preferem ambientes mais silenciosos. Dentro dessas situação, tais jogos são jogados um pouco mais distantes do restante do grupo, ainda no mesmo ambiente ou, se necessário, em salas ao lado.

### **Náufrago**

O jogo Náufrago tem 12 peças em cores e formatos variados, acompanhadas de um dado de cores. O objetivo é equilibrar as peças, que são colocadas em um barco, conforme a cor indicada no dado, lançado por cada jogador ou equipe.

A aprendizagem quase imediata, pela facilidade da lógica deste jogo, permite que os idosos entendam-no rapidamente, e comecem a interagir posicionando suas peças. Durante as práticas nos centros-dia, há alguns idosos que pouco se comunicam (com algum tipo de demência), mas demonstram rápida compreensão das situações do jogo ao indicarem com a mão ou balançando a cabeça, como se avisassem que não se deve pôr aquela peça em dado local do barco, porque irá cair. A seguir, a imagem de um jogador experimentando o jogo Náufrago:

**Figura 16 – Jogo Náufrago**



*Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora*

O jogo Náufrago tem permitido a criação de vínculos com idosos que quase não participam nos grupos e pouco ou nada interagem. Este jogo também amplia o repertório de jogos dos idosos que quase não ficam nos grupos, a não ser com jogos tradicionais como o Dominó. Ao compreenderem a lógica do jogo Náufrago, eles podem tranquilamente jogar o Torremoto (Fig. 14), que tem o desafio de equilibrar peças também. A imagem a seguir é do barco com todas as peças equilibradas:

**Figura 17 – Jogo Náufrago**



*Fonte: Instagram Jac Oficina de Madeiras*

### **Um exemplo de resultado das práticas de jogos**

Nesta seção adicional é descrito o caso do Sr. Carvalho, dado que os jogos foram extremamente úteis para auxiliá-lo em questões como a tomada de decisão, melhoras na sua autoconfiança e comunicação.

O jogador em questão, nomeado de forma fictícia, tem 76 anos e frequenta o centro-dia para idosos desde 2016. Carvalho participava da atividade com jogos digitais, por aproximadamente 10 a 20 minutos, desde quando a atividade de jogos foi introduzida no centro-dia.

Ele jogava quando havia muito incentivo e um apoio constante. Em geral era preciso deslocar os periféricos do *videogame* até seu lugar, pois embora não verbalizasse, não jogava no *videogame* se precisasse ir até o centro da sala. Lá, a visualização do jogo seria melhor, mas talvez ficasse muito exposto e ocorriam as recusas. Com o *tablet*, de modo mais reservado, jogava um pouco mais, mas sempre precisando de um incentivo constante.

Seu discurso foi mudando ao longo dos anos, apenas respondendo afirmativamente a qualquer questão, repetindo o final das frases e sem conseguir escolher entre opções; tomar decisões parecia angustiante.

A situação preocupante ocorria em outras atividades, segundo a assistente social do local que, a partir desta observação e baseada em experiências anteriores, sugeriu colocá-lo em situações de escolha, na tentativa de melhorar seu “poder de decisão”. Então, bastante apoiado pela equipe para não causar angústias, os jogos eram propostos, buscando as tomadas de decisões, mas essencialmente incentivando e re-

conhecendo suas decisões, até que ele mesmo percebesse que estava realmente apto para realizar e resolver os desafios conforme suas escolhas no jogo.

Além disso, a representação nos jogos foi utilizada, para que Carvalho tivesse então novos papéis, em que teria poder de decisão. Então, no jogo Banco Imobiliário foi nomeado o Banqueiro, e cuidou do dinheiro de todos os participantes, recebendo e trocando dinheiro, vendendo uma propriedade (imóvel) e entregando o “cartão” da propriedade.

Em outro jogo, ganhou um apito e foi então nomeado o juiz (no Jogo da Bomba, que envolve dizer um objeto que existe em um lugar pré-definido); julgaria se a resposta dos demais participantes estava correta; no início do jogo consultava a equipe pelo olhar, e aguardava a confirmação quando achava que a resposta estava errada, recebia um sinal afirmativo e sem palavras, que era a decisão correta e ele apitava.

Com o andamento do jogo, ele já posicionava o apito na boca, pronto para apitar quando suspeitava dos erros. Ainda consultava a equipe, e ficava analisando e decidindo se os outros haviam errado, mas já demonstrava mais segurança. Carvalho também memorizava alguns jogadores, que estavam sempre errando, e já se preparava, imaginando o erro a surgir.

No jogo Quadro Cromia, Carvalho tornou-se “detentor” da informação; ele tornou-se “o dono das regras do jogo”, por

saber explicar e ajudar a todos, e era apontado e nomeado como “o cara que é bom no jogo”. Carvalho, então, era o juiz e professor neste jogo, avisando os demais, por iniciativa própria, se as peças estivessem incorretamente posicionadas.

Carvalho chega à solução final com apoio, sabe exatamente as regras, avalia o que os demais estão fazendo com as peças e verbaliza, avisando que a jogada não é válida, dizendo que “não pode”, e questionado ainda argumenta: “está errado porque aqui tem preto e preto” (indicando peças de mesma cor que não podem ser posicionadas de forma adjacente).

Mas a prova de que Carvalho havia melhorado foi quando um grupo de alunos veio jogar com os idosos. Para ele, antes muito mais reservado, coube a função de explicar aos alunos como jogar (obviamente ele foi consultado antes e concordou em fazer este papel). Carvalho, além de explicar as regras sozinho, deu dicas, e argumentou quando questionado sobre a estratégia com que contava. Com largos sorrisos.

O Sr. Carvalho mudou bastante nos últimos meses, demonstrando mais iniciativa. Em uma situação no CDI, em que aconteciam filmagens para um curso de EAD (Educação à Distância) sobre o Envelhecimento, a respeito das tecnologias e idosos, o Sr. Carvalho demonstrou muita curiosidade, observando atentamente todos os movimentos da equipe de audiovisual.

Se este fato ocorresse meses atrás, o Sr. Carvalho estaria muito retraído e jamais jogaria como o fez ao ser convidado. No centro da sala com todo o foco, microfone, duas câmeras e muitas luzes em sua direção, aceitou inclusive participar da entrevista sobre os jogos.

### **Considerações**

Feitas as descrições sobre os jogos e as jogadas com os idosos, nota-se que não se trata unicamente de ter jogos minuciosamente selecionados e disponibilizados, então, numa estante, mas, sim, de ter jogos escolhidos para um determinado indivíduo ou grupo, com o objetivo de proporcionar um momento lúdico, agradável, de lazer. E em cada escolha também existe a intenção de aproveitar a oportunidade desses momentos para obter os benefícios do jogo, em termos cognitivos, físicos, emocionais e sociais.

Conforme as partidas se tornam frequentes, é notável que cada jogador e jogo revela algo nas partidas. O jogo Telma, por exemplo, leva o jogador para outra realidade, em que a demência parece dar descanso ao jogador, que se diverte e dá risadas da mesma forma que os demais.

Dentro dessa outra realidade e nos jogos propostos, a busca é por equidade, quando são dadas não apenas as mesmas peças e quantidades para todos os jogadores, mas tam-

bém são dadas as mesmas condições de jogar, competir ou cooperar de forma igual. E o que se espera é que estas ações sejam trazidas e refletidas para as demais realidades.

As regras dos jogos são adaptadas conforme o grupo, mas uma vez combinadas valem para todos, e se um dos jogadores precisa de mais ajuda dos que os demais, certamente jogará com mais apoio ou com ajuda dos próprios colegas.

Os jogos Náufrago e Torremoto são destaques de jogos que permitem a criação de vínculos com os idosos mais difíceis em termos de acesso e comunicação. Esse tipo de jogo é uma boa estratégia a ser usada como uma iniciação aos jogos e um “quebra-gelo”, sendo um primeiro passo importante para as próximas interações e opções de jogo.

Com base nas práticas de jogos com os idosos, verifica-se que o ato de jogar é estar presente naquele momento com foco nas experiências sociais, e não em ser o melhor jogador.

As ações dentro do jogo e os papéis emprestados para cada jogador permitem e facilitam os diálogos e, assim, os vínculos são criados e fortalecidos. Parece que jogo e idoso ganham forças. O jogo torna-se mais do que diversão, e as dinâmicas de cada jogo podem fortalecer as habilidades dos idosos especialmente em comunicação e interação social.

Se é possível atentar para as características ou mudanças de cada jogador durante as partidas, também é possível, a partir

destas observações, ampliar os cuidados aos idosos, como no estudo de caso citado sobre o Sr. Carvalho, do qual a discussão entre profissionais gerou ações e resultados positivos para o idoso.

Assim, percebe-se que o jogo é um elemento potente, que une as pessoas num objetivo inventado e extraordinário, que traz à tona as realidades modificáveis, transitórias de cada jogador, suas características, percepções, preferências e histórias. Tudo isso é posto abertamente no jogo, para aqueles que estão abertos à observação e à escuta dos idosos jogadores.

Que todos os profissionais de cuidado, familiares e idosos possam se divertir a partir destas práticas de jogos! Com o tempo, vão descobrir que cada jogada é uma oportunidade de criar um momento divertido de trocas e alegrias.

## REFERÊNCIAS

DISHMAN, R. K., MOTL, R. W., SAUNDERS, R., FELTON, G., WARD, D. S., DOWDA, M., & PATE, R. R., 2005, *apud* ROSA, A. da S., FELICE, B. F., SANTOS, L. C. B., YONAMINE, M. T., SILVA, R. R., MIOTI, T., LIMA-SILVA, T. B., & CHUBACI, R. Y. S. (2019). O significado de jogar Xbox Kinect boliche na percepção de idosos residentes de uma Instituição de Longa

Permanência para Idosos (ILPI). **Revista Kairós-Gerontologia**, 22(3), 319-333. ISSNprint 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/47875/31754>. Acesso em 30/04/2021.

GALLO, S. N. **Jogo como elemento da cultura: aspectos contemporâneos e as modificações na experiência do jogar**. Tese (Doutorado). São Paulo, SP: Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MATOS, N. M. **O significado do lúdico para os idosos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, 2006.

MCGONIGAL, J. **A realidade em jogo: Por que os games nos tornam melhores e como eles podem mudar o mundo**. [S.l.]: Editora Best Seller, 2017.

NAKAMURA, A. L. **Exergames: jogos digitais para longeviver melhor**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18182>. Acesso em 30/04/2021.

NAKAMURA, A. L. **Velhices em Jogo? Análise sócio-gerontológica de práticas de jogos digitais e não digitais com idosos**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18182>.

pucsp.br/handle/handle/23338. Acesso em 30/04/2021.

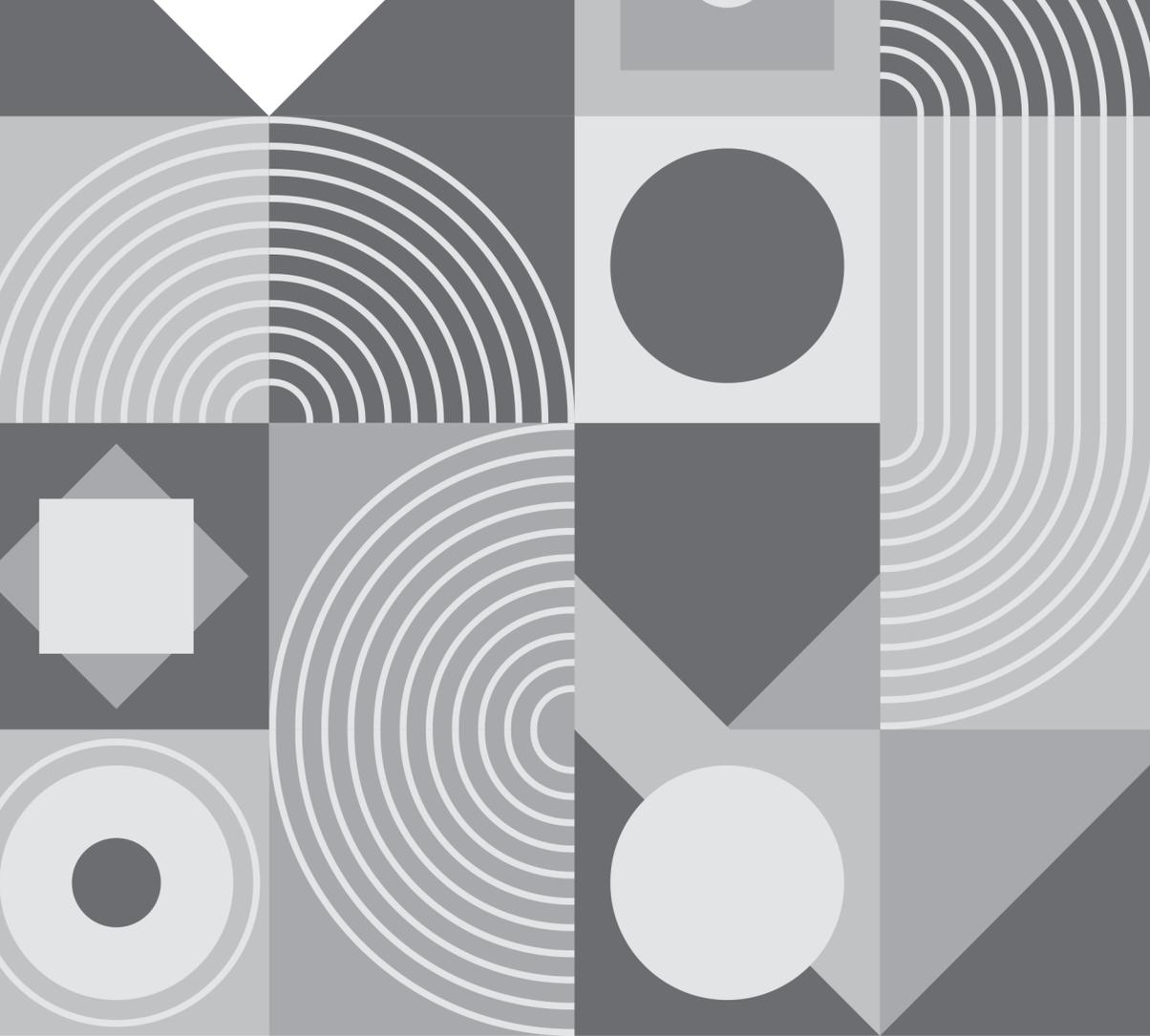
NAKAMURA, A. L.; HILDEBRAND, H. R. Brincar na velhice - um ócio lúdico e valioso. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, n.º 2, pp. 273-296, 2020. ISSNprint 1516-2567. ISSN-Ne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/50724/33154>. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i2p273-296>. Acesso em 30/04/2021.

---

**Ana Lucia Nakamura** - Doutora (2020) e Mestra (2015), Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, com pesquisas sobre jogos digitais (videogame, *tablet*, celular) e não digitais (tabuleiros, cartas, quebra-cabeças) com idosos. Desde a conclusão do mestrado e doutorado, baseada nas contribuições dos *games* aos idosos, coloca sua dissertação em prática, atuando em centros-dia para idosos, verificando as contribuições dos jogos para os idosos, principalmente quanto ao aspecto social.

**ID Lattes:** 7160941037664622

**E-mail:** ana.nakamura@gmail.com;  
ana.nakamura@60maisjogos



# **Apontamentos e reflexões sobre ações socioculturais para a pessoa idosa**

*Celina Dias Azevedo*



**RESUMO:** Grupos de convivência, Centros de convivência para Terceira Idade, Universidades Abertas para Terceira Idade, variadas formas de ações – de cunho sociocultural – voltam-se na contemporaneidade para o cidadão idoso. Uma das principais justificativas que nortearam essas ações, desde o início de suas práticas ainda na década de 60 no Brasil, refere-se ao isolamento vivenciado por muitos idosos. A perda da identidade com a aposentadoria, o sentimento de incompetência e/ou inutilidade – em uma sociedade que valoriza a produção e a juventude –, a síndrome do ninho vazio, sensação vivenciada especialmente por mulheres – daquelas gerações – que, com a saída de filhos do lar, perdem o objetivo de suas vidas; não há mais de quem cuidar; o tempo livre que surge como possibilidade de vivenciar experiências que até o momento da velhice não foi possível experimentar. Todos esses elementos, entre outros, serviram para justificar a criação e desenvolvimento de programas voltados aos idosos. Uma revisão da literatura mostra a produção acadêmica apontando para a importância e relevância dessas ações – na área da saúde se concentra grande número de discussões – a pertinência para a qualidade de vida dos idosos, como instrumento de sociabilização; no entanto, devemos questionar tais propostas e conceitos que conduzem essas ações culturais dirigidas às pessoas acima de 60 anos, ações – conservadoras ou trans-

formadoras? Que demandas a pessoa idosa apresenta e que ações podem contemplar as subjetividades e singularidades de quem envelhece?

## **Introdução**

*“O que torna a questão complexa (falar sobre a velhice) é a estreita interdependência [...] sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados fisiológicos e os fatos psicológicos: eles se impõem mutuamente.”* (BEAUVOIR, 1990, p. 15)

A partir da gerontologia social que, como campo interdisciplinar, se aprofunda e investiga o fenômeno do envelhecimento humano - remetendo-se, recorrendo às ciências humanas consolidadas e nestas se apoiando - é que buscamos o diálogo para esta reflexão. O olhar lançado para o envelhecer pela gerontologia considera-o como fenômeno complexo e multifacetado, que contempla o processo de todo o ser, sem prescindir da percepção da singularidade e particularidade do envelhecer de cada sujeito.

O processo de envelhecimento tem como referência a passagem do tempo - quantificado, contabilizado - como fator de qualificação. Herança cultural, o tempo informa, marca a idade. O tempo como uma construção cultural, entre tantas

outras, a que nos apegamos - o *Kronos* - para quantificar o tempo que passou.

Um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas, quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo o sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento [...] a repreensão contínua passa por essa esperança imbecil de que amanhã estejamos mais espertos [...] fazemos coisas sem saber e não a fazemos por estupidez, fazemos por descoordenação entre o que está certo e o que nos parece certo e até sabemos que isso decerto ou errado é muito relativo [...] <sup>14</sup>

A personagem de Valter Hugo Mãe nos deixa, de forma irônica, a uma das mais amplamente difundidas temáticas na atualidade. Presente em discursos e projetos no âmbito público e privado: o aprendizado permanente, a educação permanente, o aprendizado contínuo, como *commodity* a depender, sempre, de uma atitude pró-ativa e meritocrática de cada indivíduo e que propiciou a criação de um mercado de ações socioeducativas e/ou socioculturais, para atender a uma demanda.

---

14 MÃE, V. H. A máquina de fazer espanhois. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-maquina-de-fazer-espanhois-valter-hugo-mae-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em 15/12/2020.

Queremos refletir sobre essas práticas que têm, principalmente, na sociabilização e também na educação, objetivos valorizados. Certamente, a percepção e a compreensão dos benefícios que a sociabilidade traz à pessoa idosa acontecem no dia a dia, no cotidiano e na convivência entre profissionais e velhos que compartilham momentos e partilham espaços. Bailes, atividades físicas<sup>15</sup>, grupos de teatro são apenas alguns dos exemplos que têm na relação social e/ou sociabilização se não seu objetivo principal, elemento sem o qual perderiam muito de sua força de sedução.

Mas, para além da sociabilização e educação – sem dúvida importantes no contexto contemporâneo e no cotidiano dos velhos – que outros objetivos estão presentes nas ações socioculturais? Não incorremos em equívocos ao lembrar - e lançar dúvidas - sobre outros objetivos apontados como: o “preenchimento do tempo” ou, muito pior, “matar o tempo”; a fruição da arte – música, teatro, cinema – atada à re-

---

15 Sabendo-se do lugar que ocupa a prática de atividades físicas nas ações voltadas aos idosos, sugerimos interessante discussão a respeito da infantilização dos idosos, abordada na tese de doutorado em Educação Física de Edmund de Drummond. O autor faz uma análise da prática da atividade física voltada aos velhos, por meio de uma pesquisa sócio-pedagógica, investigando quatro associações – duas francesas e duas brasileiras – que ofereciam ginástica ao público idoso. Um dos elementos encontrados é de como a infantilização estava presente, em alguns momentos, na postura de alguns profissionais que ali atuavam e no conteúdo disponibilizado nas aulas. ALVES Jr., E. D. Pastoral do Envelhecimento Ativo. Disponível em [http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde\\_busca/processa\\_pesquisa.php?pesqExecutada=2&id=347&listaDetalhes%5B%-5D=347&processar=Processar](http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processa_pesquisa.php?pesqExecutada=2&id=347&listaDetalhes%5B%-5D=347&processar=Processar). Acesso em 01/03/2021.

ferência apenas do passado o “que foi do seu tempo” como se o tempo do velho, ou ao menos ser valor, não fosse o momento presente; muitas vezes, na inclusão digital uma tentativa quase de “adestramento” para uso de equipamentos e *gadgets* ao invés de uma contextualização e provocação para o entendimento e apropriação da cultura digital<sup>16</sup> que, necessitam de urgente discussão.

Os velhos já se deram conta da importância da cultura digital e têm procurado se apropriar dessa ferramenta, comunicando-se pelo *whatsapp*, criando canais no *youtube*, relacionando-se no *facebook*, marcando encontros pelo *tinder*, fazendo uso do correio eletrônico. O velho está no ciberespaço, faz parte das redes sociais na Internet conectando-se com pessoas e forjando novos laços sociais.

No entanto, estereótipos continuam afirmando a dificuldade do velho diante das novas tecnologias e ignoram suas potencialidades. Aqueles que se apropriaram, muitas vezes, são mostrados como “exceções” beirando o exotismo, acompanhados de muitas expressões de surpresa! Certamente os jovens, “os nativos digitais”, relacionam-se de forma própria com esse universo, mas isso não significa que, a seu modo, com seu repertório,

---

16 Afinal, a situação de pandemia pela qual o mundo passa, na atualidade, provou e apontou para a importância de os velhos não serem aliados desse processo de aprendizado.

os velhos não possam fazer uso e estar no mundo digital, também, transformando-o.

Não se pode generalizar ou uniformizar a velhice, desprezando a singularidade e a potencialidade de cada ser. O olhar lançado sobre ela na contemporaneidade desvaloriza-a diante da juventude e abre caminho a uma série de situações discriminatórias.

Dessa forma, em uma sociedade que valoriza a produção e a juventude, a vida não-produtiva – habitualmente representada pela aposentadoria -, passou a justificar a criação de ações socioeducativas para que os velhos pudessem vivenciar novas experiências, conceberem novos projetos de vida, além de conviverem, em princípio, junto a grupos de indivíduos da mesma faixa etária - grupos apenas de idosos - e, mais recentemente, a partir dos anos 90 o estímulo à convivência entre as diferentes faixas etárias, com ações e programas intergeracionais<sup>17</sup> ganhando força, concorrendo e tentando driblar os estereótipos construídos socialmente sobre cada faixa etária.

---

17 Tais movimentos, no Brasil, refletiram-se no texto do Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de outubro de 2003, que, no Título I, dispõe sobre a prioridade na “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações”; no Título II, artigo 21, § 2o: “Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais e, no seu artigo 22, que: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre matéria.”

No entanto, insistimos na necessidade de questionar-se que conceitos conduzem essas ações culturais dirigidas às pessoas acima de 60 anos: são conservadoras ou são transformadoras? Partem de demandas da pessoa idosa ou de demandas organizacionais e de profissionais? Contemplam as subjetividades e singularidades de quem envelhece?

### ***Brevíssimo Histórico***

No Brasil, foi a partir dos anos 60 que surgiram, por meio da iniciativa privada, propostas de ações dessa natureza voltadas aos idosos. Naquele momento, “o primeiro trabalho com pessoas idosas, iniciado pelo Sesc São Paulo, mais precisamente em 1963, focalizou-se no encontro social e na ocupação do tempo livre dos aposentados.” (DOLL, 2008, p. 8).

Organizada pelo Sesc São Paulo<sup>18</sup>, a proposta, inspirada em centros já existentes nos Estados Unidos, tornou-se referência no Brasil, além de ter sido reproduzida, desde então, por instituições públicas e privadas. “Grupos de convivência”, “Centros de convivência para Terceira Idade” “Universidades

---

18 O Sesc - Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral; sua ação possibilita a todos, o acesso a manifestações culturais, ao desenvolvimento de habilidades pessoais, além da ênfase às ações educativas.

Abertas para Terceira Idade”, representam variadas formas de ações de cunho socioeducativo.

Em conferência realizada no Brasil em 1978<sup>19</sup>, Claudine Attias-Donfut narra da seguinte forma a criação das Universidades abertas para terceira idade na França (e uma das ações mais populares e reproduzidas no Brasil, voltadas aos velhos), e que serviram de modelo às implantadas no Brasil, na década de 1970:

[...] teve origem na cidade de Toulouse, ao sul da França, em decorrência da preocupação de um professor de Direito da Universidade daquela cidade [...] [para] **oferecer uma reciclagem aos aposentados que tinham uma profissão técnica, durante período relativamente curto, para os países do Terceiro Mundo.** E foi no Departamento de Direito da Universidade de Toulouse que esse primeiro apelo foi feito aos aposentados. Portanto, de início, **havia uma preocupação muito prática**; tendo passado, depois, por uma transformação total [...] houve uma reação a esse apelo, um número significativo de aposentados se dirigiu à universidade, não para trabalhar e nem para fazer trabalhos técnicos, mas para frequentá-la. Formou-se, assim, um grupo de estudantes idosos [...] (que) não exige nenhum diploma [...] também não é concedido diplo-

---

19 Seminário de Estudos sobre a Terceira Idade com Claudine Attias-Donfut. In: Cadernos da Terceira Idade, Sesc São Paulo, n.3-a, março 1979.

ma algum [...] devido ao sucesso, foram criadas outras: existem cerca de vinte outras Universidades desse tipo, em várias cidades da França, além de outras na Bélgica e na Suíça [...] se **destinam principalmente à formação através de conferências, acentuando, principalmente, atividades culturais.** Certas Universidades da Terceira Idade têm currículo de formação e **treinamento para reaproveitamento de pessoas idosas** [...] em Nanterre [...] [surgiu uma] que integra os cursos para idosos ao conjunto dos cursos dados aos estudantes normais, no setor de formação contínua [...] as pessoas idosas adquiriram mais segurança para discutir problemas intelectuais e para trocar ideias com a geração imediatamente abaixo deles; **essas pessoas foram, de certa forma valorizadas; e isso nasceu, justamente, do contato com a geração mais jovem** [...](Grifo nosso)

Desta narrativa já podemos apontar alguns elementos que já anunciavam propostas contaminadas pelo neoliberalismo nas ações culturais voltadas aos velhos, nas décadas seguintes. A valorização da “reciclagem” dos trabalhadores para atualização de sua competência profissional, o “reaproveitamento” e/ou continuidade do trabalho como forma de valorização social. A globalização propondo e facilitando ao

“Terceiro Mundo” a atualização de técnicas e conhecimentos a partir dos saberes do “Primeiro Mundo”.

Aqui, no Brasil, o pesquisador Marcos Augusto de Castro Peres aponta, em seu artigo *A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação*, o caráter funcionalista do modelo educacional como projeto de formação de mão-de-obra qualificada e disciplinada para o sistema capitalista. Discute, ainda, como a educação popular ou não-formal voltada à pessoa idosa surgiu como forma alternativa de educação mas, no decorrer do tempo, acabou por ser apropriada pela lógica do consumo e dos modelos para o “bom envelhecer”. Ao citar Cachioni (1999) e Debert (1997), Peres (2005, pp. 24-25) assinala que:

As chamadas universidades abertas à terceira idade (UNATI), trazidas ao Brasil pelo SESC na década de 1970<sup>20</sup>, representam uma proposta de educação na velhice, de caráter andragógico, que tem se multiplicado rapidamente. Atualmente, diversas instituições de ensino superior brasileiras – faculdades, universidades e centros universitários – já possuem cursos voltados ao público idoso, que contam com disciplinas variadas, abrangendo as três áreas do conhecimento: exatas, humanas e biológicas. **Inspiradas**

---

20 Referência no Brasil e na América Latina para essas ações, as “Escolas abertas da terceira idade” (validado o nome pelo Sesc São Paulo, criadas as primeiras em Campinas e Ribeirão Preto, cidades interioranas, do Estado de São Paulo), traziam importante proposta de conscientização política.

na experiência francesa, as UNATI misturam educação formal e não-formal, e são direcionadas principalmente a aposentados das classes média e alta, em sua maioria mulheres. Não têm como objetivo formar para o mercado de trabalho, o que as diferencia da educação informal tradicional e profissionalizante, mas, por outro lado, estão carregadas – e são, em grande medida, as disseminadoras – dos valores relativos à ideia de terceira idade: envelhecimento ativo, negação da velhice, busca do rejuvenescimento etc. (CACHIONI, 1999). Dessa forma, pode-se dizer que as UNATI são coerentes à lógica de mercantilização da velhice inerente ao termo “terceira idade” (DEBERT, 1997) (Grifo nosso)

De uma população de idosos que não chegava a 6% na década de 60 – de início dos programas – testemunhamos um aumento populacional dessa faixa etária e, conseqüentemente, o aumento da oferta de atividades; mas, o que norteia na contemporaneidade essas práticas?

Uma revisão da literatura mostra a produção acadêmica apontando para a importância e relevância dessas ações – na área da saúde se concentra grande número de discussões –, a pertinência para a qualidade de vida dos idosos e como instrumento de sociabilização.

Vale questionar: qual o o interesse na inclusão da velhice em uma agenda educacional? As discussões engendradas a partir da década de 1980 sobre o envelhecimento populacional produziram encontros e programas internacionais que repercutiram mundialmente, assim como suas propostas, que foram apreendidas e tornaram-se um mantra a nortear ações voltadas aos velhos em todos os países.

Para a organização de ações socioeducativas e/ou socioculturais voltadas à chamada “terceira idade”<sup>21</sup>- e como parte de uma ação de cunho pedagógico -, em complementação à educação formal instituída nas escolas, especialistas apontaram a educação informal e a não-formal – que têm por base a convivência estabelecida entre indivíduos com experiências e repertórios diversos, como metodologia -, como um dos principais fundamentos para disseminação ampla dos Grupos

---

21 Aqui se utilizam aspas para realçar este termo, uma vez, que optamos por fazer uso do termo velho e, em alguns momentos, idosos. Essa terminologia provoca discussões entre pesquisadores que refletem sobre a velhice. “O surgimento do termo ‘terceira idade’ a partir de meados do século XX – particularmente na Europa – inaugurou um movimento de tentativa de ressignificação positiva da velhice. A terceira idade, momento localizado após o período de trabalho e produção, seria o tempo em que o indivíduo, em sua aposentadoria, poderia dedicar-se às realizações pessoais que não foram possíveis anteriormente, a novos aprendizados, ao lazer e à construção de novas relações sociais”. Ação bem-sucedida por tratar-se de um dos termos mais aceitos pelo público idoso. Não é incomum em eventos, encontros de idosos – ou mesmo em textos que circulam na internet – encontrar-se a afirmação “terceira idade sim, velho não!” In: AZEVEDO, C. D.; SOUZA, I. D. Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo. Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento. São Paulo, Sesc São Paulo, v. 67, n.º 65, set. 2016. pp. 52-69, artigo onde as pesquisadoras abordam esta questão. Nota-se, como valor que referencia este período, a produtividade de um indivíduo, isto é, que está na terceira idade aquele que deixou, por meio da aposentadoria, o mercado de trabalho.

de convivência e de atividades que propõem a sociabilização entre idosos.

Na consideração de Doll (2008, pp. 13-14), a educação informal

[...] se refere a uma **educação pela convivência, sem que haja uma intencionalidade expressa** ou uma organização específica para alcançar determinados objetivos [...] **como elementos da educação informal o caráter espontâneo, a forma involuntária de aprendizagem, uma progressão permanente durante a vida inteira** e seu caráter ocasional [ou seja, uma] concepção ampliada de uma educação durante a vida inteira em diferentes espaços. (Grifo nosso)

Já a educação não-formal – fora do sistema formal de ensino – cujo foco de atuação são os interesses e/ou grupos específicos, representam para Fernandes e Park (2016, s.p.) aquela

[...] educação que acontece em [...] associações, entidades [...] **com intencionalidade e sistematização** [...] a educação não formal promove educação e formação de modos abertos e flexíveis [...] Ela é voltada para as necessidades urgentes e atuais dos sujeitos e dos grupos humanos, portanto, o presente. A **educação não formal [...] oferece oportunidades para outras experimentações, vivências e exercícios de construção de saberes.** (Grifo nosso),

constituindo-se como outro pilar das atividades voltadas aos idosos, traduzido na intenção de propiciar experimentações e vivências, que não foram possíveis em outro momento.

### ***Experimentações, vivências e sociabilidade***

Há pelo menos 60 anos, instituições públicas e privadas realizam ações de natureza socioculturais aos idosos. Grupos de convivências, escolas abertas e, mais recentemente, universidades abertas. Tais ações são apresentadas como alternativas aos idosos para que possam dar continuidade a seu aprendizado, para que descubram/desenvolvam novas habilidades – particularmente ligadas às linguagens artísticas -, para elaborar novos projetos de vida e refletir sobre o envelhecer.

Como preparar-se durante a vida para tirarmos proveito da velhice, sem que instituição e/ou especialistas digam o que é correto ou não mas que, muitas vezes, valorizam uma velhice submetida. O planeta em algumas décadas terá mais velhos que crianças, pela primeira vez na história da humanidade; assim, tais reflexões colocam-se como condição *sine qua non* para o longeviver.

As ações voltadas às pessoas idosas deveriam colocar-se a favor da criação, na recusa à reprodução de modelos esta-

belecidos e prontos para “cabem” em um figurino ideal, em um tempo que, pode, sim, ser o momento de des-obrigações de produção, das des-obrigações de trabalho e todos seus compromissos para apenas: ser.

Ao nos depararmos com objetivos como “Desenvolver habilidades”, “aprendizagem para o bem-estar” percebemos que, na verdade, o inativismo e, muitas vezes, a infantilização, o utilitarismo e a uniformização, enfraquecem e afastam a todos da possibilidade de apropriação das próprias forças, situando-os distanciados e impedidos de experimentar, uma vez que tudo está dado, orientado, modulado.

Porquanto algumas das palavras-chave sejam repetidas à exaustão: “fortalecimento da cidadania” ou, em outros espaços “resgate da cidadania”; “garantir que tenham seus direitos respeitados”, esquece-se que só é possível reapropriar-se do mundo depois de reapropriar-se de si mesmo. Ainda, diante de propostas de aparente atividade ou ativismo, o que percebemos é a necessidade de um ser passivo, que não se dê conta de sua condição de um novo assujeitamento àquilo que ora o seduz.

Outro objetivo recorrente em propostas de atividades socioculturais para os velhos é “dar voz aos idosos” ! Esquece-se que esses sujeitos já têm sua voz? Talvez, a expressão apro-

priada fosse criar espaços de visibilidade~ ou "criar espaços e oportunidades" para que suas vozes sejam ampliadas.

Pensar o envelhecimento é pensar em um processo multidimensional que incorpora fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos. Em acordo ao pensamento de Simone de Beauvoir, sabemos não ser simples estabelecer uma única imagem para a velhice, uma vez que as referências variam conforme o tempo e a sociedade, o que exige um olhar complexo de quem atua e/ou pensa políticas destinadas a esse grupo populacional.

### *Acerca de modelos*

“Atividades que contribuem para combater os efeitos negativos do envelhecimento” ou a “ocupação do tempo ocioso” — certamente, tais apelos são atrativos e encontram simpatizantes e ressonâncias em um universo cujo envelhecimento é percebido como “falta”. Segundo Tótora (2006, p. 29):

Situar o envelhecimento na perspectiva da vida exige uma nova atitude, diferente daquela que pretende eternizar valores atribuídos em um dado período do vivente; mais que isso, implica uma ruptura com a servidão aos va-

lores vigentes [...] Tais questões exigem que se abandone uma postura reativa, que aceita os valores estabelecidos e os justifica.<sup>22</sup>

Enquanto a velhice continuar a ser considerada como período de carências e faltas, as recomendações e propostas não devem alterar-se, uma vez que parte da perspectiva de “preenchimento” de algo que está em falta: ocupação, prazer. As ações são, geralmente, sugeridas e elaboradas na perspectiva de “solucionar” problemas. Incluso aqui a estranha ideia de ações para “matar o tempo”.

A mudança do olhar lançado para o velho e o envelhecimento passa por uma mudança cultural. Essa mudança não será efetiva enquanto não for superada a contradição que vivemos na contemporaneidade. O idoso interessa como consumidor, mas não existe um reconhecimento de suas potencialidades.

A experiência do viver como um movimento constante é saber possível aprender a criar, afirmar modos de vida para si. Assim são construídas as subjetividades, não necessariamente na pura negação do que nos rodeia, mas, na verdade, na percepção e atenção dessas dimensões que nos atravessam.

Uniformização, padronizações do conhecimento dos velhos, revelam exigências de um mercado controlador, que

---

22 TÓTORA, S. “Ética da vida e o envelhecimento”. In: CÔRTE, B. et al. (Orgs.). Envelhecimento e velhice: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006, pp. 27-48.

tem interesse em sujeitos dóceis, consumidores e produtivos. Valores morais criam anteparos que impedem o surgimento do novo, tolhendo a força plástica de um indivíduo, sua capacidade de transformação.

Novamente na literatura encontramos uma referência - muito bem humorada - sobre as práticas e modelos passados e repassados de ações recorrentes voltadas à pessoa idosa.

Téo, personagem de Juan Pablo Villalobos<sup>23</sup>, 78 anos, instala-se em edifício de três andares, na Cidade do México, onde todos os moradores são velhos. No edifício, repleto de baratas mas, por outro lado, com preço de aluguel muito baixo e valores congelados - que torna os apartamentos “atrativos” e disputados -, encontra-se o que Téo chama de “gueto da terceira idade”. Entre idas e vindas, disputas internas entre os moradores, com poder autoinstituído de decidir pela permanência, ou não, dos inquilinos, encontramos um grupo atento e seguidor das práticas e modelos para um bom envelhecer.

Capitaneados por Francesca, moradora que, segundo Téo, articulava de maneira devotada “[...] **estratégias políticas de controle** do edifício”, fazendo do grupo “capachos da **tertúlia literária [obrigados] a ler um romance atrás do outro**”, mas que:

---

23 VILLALOBOS, J. P. Te vendo um cachorro. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

[...] não era a única desgraça na rotina do edifício. Hipólita [...] dava aulas de **modelagem em miolo de pão** às terças, quintas e sábados. Havia também um instrutor que vinha às segundas e sextas para eles fazerem **ginástica aeróbica** ali perto [...] [em] um parque cheio de mato e arbustos, onde, mais que oxigênio, o que se respirava era dióxido e monóxido de carbono [...] E ainda tinha **ioga, informática e macramê** [...] Também organizavam **excursões a museus e locais de interesse histórico**.<sup>24</sup>

Impossível não sorrir ao recordar e relacionar tais ações com tantas quanto conhecemos e vemos divulgadas no universo das atividades socioeducativas voltadas aos velhos, no Brasil. Parece que se segue um *menu* uniforme e “uniformizante” de opções, mundialmente. Trazendo, como motivação e objetivos, “a produtividade”; “manter a funcionalidade do idoso”; “a qualidade de vida”; “ações relevantes e intervenções biopsicossociais”; como forma de “atuar na saúde integral do idoso”, além, é claro!, quase que como uma forma de manter a sanidade, a possibilidade de “ocupar” ou “matar” o tempo, uma vez que, para um certo entendimento comum, os velhos - que não mais trabalham e/ou produzem - têm muito tempo livre e devem usá-lo de forma produtiva.

---

24 Ibidem, pp. 15-16.

A aversão e a recusa de Téo em partilhar daquelas atividades - tomadas como importantes e centro da vida cotidiana para os outros moradores - e integrar-se àquele grupo, leva seus vizinhos a fantasiarem sobre o misterioso morador tão antissocial. Bem-humorado, irônico, sarcástico, Téo vive como quer.

Em um diálogo com a obra, pode-se questionar “o que há de errado em grupos de leitura, visita a museus?”. Lembramos aqui, novamente, a simplificação, a pasteurização, a uniformização, a padronização, o "pacote pronto" dessas propostas de consumo. Nossa existência faz-se/produz-se a partir de atividades simples e cotidianas, quando é possível resistir e desenvolver a criação, o cuidado, a transformação.

Aqui nos deparamos com a valorização da “ilustração” - visitar a exposição, conhecer o museu, ler determinada obra ou assistir a um filme - em detrimento da liberdade de experimentação, em detrimento da fruição.

“O que há de errado em estimular atividades físicas, na atenção a um corpo saudável?” O que há é a marca da devoção a um corpo consumido e consumidor, corpo como produto. Ao invés da busca pela liberação do corpo, persegue-se seu aprisionamento em músculos, em modelos definidos, a partir do modelo do corpo jovem, rígido, na agilidade - predicado tão caro nos tempos de velocidade da contemporaneidade.

Ainda aqui, o que está presente, muitas vezes, é o trabalho repetitivo, mecânico, alienado, pautado em uma tendência tecnicista que parte da preconização da saúde, desconhecendo a possibilidade de os idosos gerirem suas próprias práticas. Um saber/poder monopolizado por especialistas.<sup>25</sup>

A partir de uma estética dominante pautada pela publicidade, por modelos, pelas promessas de associação à saúde, as práticas corporais sugeridas submetem, geralmente, o corpo velho a uma domesticação, com o objetivo de estar à altura do julgamento e do olhar do outro. É a partir do músculo rígido a ser exibido, da flexibilidade e agilidade a ser demonstrada, da coragem e ousadia a ser elogiada, que as práticas são sugeridas, referenciando uma maneira servil de encontrar o reconhecimento do outro.

Sobre a procura do "reconhecimento do outro", sua negação encontramos na deliciosa personagem Totonha<sup>26</sup>, de Marcelino Freire, que faz parte de seu livro **Contos Negreiros** (2005, p. 79) - uma personagem antológica que possui o dom de nos desacomodar: "*Capim sabe ler? Escrever? Já viu ca-*

---

25 Aqui fazemos, novamente, referência à pesquisa de ALVES Jr., E. D. A Pastoral do Envelhecimento Ativo, que reforça e corrobora esta afirmação e, ao mesmo tempo, amplia a discussão, apresentando possíveis alternativas a essa condição. Disponível em: [http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde\\_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=347 &lista=Detalhes%5B%5D=347&processar=Processar](http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=347 &lista=Detalhes%5B%5D=347&processar=Processar). Acesso em 01/03/2021.

26 FREIRE, M. Totonha. In: *Contos Negreiros*, p. 79. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/08/freire-marcelino-contos-negreiros.pdf>. Acesso em 05/03/2021.

*chorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso”.*

No conto, entrevemos a fala de uma mulher, velha, que desafiadoramente coloca-se contra uma proposta de letramento, ao que tudo indica por uma funcionária da prefeitura: “*Será que preciso mesmo garranchear meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente?*”, desafiando a autoridade e os saberes constituídos, legitimando sua singularidade; afinal, para os letrados o analfabetismo é um despropósito. Nesse questionamento já entrevemos a postura de não se subjugar a uma posição determinada por uma sociedade letrada, reclamando seu lugar.

Não há como fugir da reflexão em torno do saber estabelecido - daquele letrado, científico - frente aos saberes da vida. Por outro lado, nos deparamos e somos obrigados a encarar uma lógica diferente. Totonha aponta para outros rumos. Nós, letrados, nos desestabilizamos diante dessas certezas da personagem, que nos força a mudar de perspectiva. Vale pensar, a que ponto não traímos a noção de alfabetização/letramento, ao encarcerá-la na prática da escrita e da leitura, esquecendo-se da experimentação e da vivência, principalmente, o respeito aos saberes de cada um?

Letramento, educação continuada, alfabetização, cultura, educação permanente, universidade aberta para a terceira

idade, são palavras-chave rotineiras em ações voltadas aos velhos. No entanto, tais ações reproduzem, ainda, elementos de nossa tradição escolar ancorada na transmissão de informações consideradas essenciais e necessárias, porém, distantes do prazer e da criação ou, ainda, distantes dos interesses do sujeito para quem se pensam as ações. Na verdade, fonte de uma tal “ilustração” é a guia e torna-se quase que obrigatoriedade no entendimento de proposta e ações socio-culturais “adequadas” à pessoa idosa.

### *Considerações, alguns dados e provocações*

Em 2020, o Sesc São Paulo e a Fundação Perseu Abramo apresentaram os resultados da segunda edição da Pesquisa Idosos no Brasil<sup>27</sup> que tinha por objetivo investigar o imaginário social sobre a velhice e o envelhecimento, no Brasil.

A primeira edição<sup>28</sup> foi realizada entre os anos de 2005 e 2006 - logo após, portanto, à promulgação do Estatuto do Idoso, em 2003 - e sua construção ancorou-se em reuniões,

---

27 Disponível em <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626pesquisa+idosos+no+brasil+2+edicao+2020>. Acesso em 21/ 08/2020.

28 Disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/pesquisa/#:~:text=A%20pesquisa%20p%C3%BAblicos%20de%20Cultura,pr%C3%A1ticas%20culturais%20do%20p%C3%BAblico%20brasileiro.&text=P%C3%BAblicos%20de%20Cultura%20%C3%A9%20uma,quatrocentas%20entrevistas%20em%20139%20munic%C3%ADpios>. Acesso em 11/02/2021.

pesquisas, seminários, procurando integrar, o máximo possível, velhos, profissionais que atuam junto à pessoa idosa em organismos públicos e privados, acadêmicos que investigam o processo de envelhecimento.

Dentre os diversos temas investigados o item relacionado a atividades de lazer, pode nos auxiliar com alguns dados e reflexões. Majoritariamente assistir à televisão, tanto na primeira como na segunda edição, ainda é o mais mencionado (93%), ouvir rádio e leitura são também mencionadas.

Nas atividades fora do âmbito doméstico houve um aumento geral nas menções de frequência em atividades culturais como cinema (28%), teatro (5%), exposições (4%) e apresentações musicais (21%). Por outro lado, percebe-se o aumento das preferências por atividades externas, em detrimento das domésticas, ou seja, dentre os idosos pesquisados, a predileção é por atividades fora de casa.

No entanto, questões financeiras, medo de sair à noite ou sozinho, a força cultural da televisão, entre outros, são elementos que não podem ser ignorados, ou seja, nas propostas de ações socioculturais voltadas à pessoa idosa as questões sociais - economia, familiaridade com linguagens, hábitos no cotidiano, medos e anseios - são elementos que devem ser levados em conta, além, é claro, de uma escuta ativa e sensível dos interesses desses sujeitos.

Outro item, ainda, deveria provocar reflexões a nós, profissionais, a exigir uma problematização sobre essas ações. Ao serem inquiridos sobre seu "*Interesse por algum curso*" em 2006, continuar os estudos no ensino formal aparece em primeiro lugar e, em 2020, informática e computação são os preferidos, entre outros mencionados quase que na mesma dimensão, variando entre 5 e 6% das respostas: culinária, pintura, marcenaria, entre outros.

No entanto, e vejam só!, de longe o mais mencionado por 56% em 2006 e, por 50% em 2020 é *nada/nenhum*. Mais da metade em 2006 e metade dos entrevistados em 2020, apontam não ter interesse em nenhum curso.

Certamente, pesquisa alguma é definitiva e/ou absoluta, mas se trata de algo a pensar. O que se faz no cotidiano dessas práticas que não atingem ou não interessam a um grupo tão grande!

Sem dúvida, apesar de não se constituir como modelo, podemos colocar como fundamental ao se pensar as ações socioculturais tomadas de perspectivas outras para além do que está posto "tradicionalmente" e, principalmente, construir-se um espaço de diálogo e de coeducação em que os velhos possam ser ouvidos, rompendo com a ideia de representar apenas o "público-alvo".

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. D.; SOUZA, I. Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo”. **Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento**. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 27, n.º 65, set.2016. pp. 52-69, 2016. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/650\\_idades](https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/650_idades). Acesso em 05/07/2017.

AZEVEDO, C. D.; SOUZA, I. D.; BARBALACCO, R. (2021). Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil. *In: Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. (No prelo).

BEAUVOIR, S. (1990). **A Velhice**. São Paulo: Difel.

BRASIL. Leis e decretos, 2003. **Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do idoso**, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm). Acesso em 30/01/2021.

CÔRTE, B., MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Orgs.). **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006.

DOLL, J. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. *In: Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*, Sesc São Paulo, v. 19, n.º 43, pp. 07-23, out. 2008. Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/online/artigo8760\\_](http://www.sescsp.org.br/online/artigo8760_)

educacao+e+envelhecimento+ fundamentos+e+perspectivas#tagcloud=lista. Acesso em 01/02/2021.

FERNANDES, R.; PARK, M. (2016). **Um papo sobre educação não formal**. In: **Eonline**. [Entrevista]. Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/online/artigo9677\\_ um+papo+sobre+educacao+nao+formal#/tagcloud=lista](http://www.sescsp.org.br/online/artigo9677_um+papo+sobre+educacao+nao+formal#/tagcloud=lista). Acesso em 01/02/2021.

PERES, M. A. C. A. Andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação. Itajaí, SC: **Revista Contrapontos**, v. 6, n.º 1, pp. 65-77, 2006. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/850/702>. Acesso em 20/dez/2020.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Fundação Perseu Abramo, 2006. **Pesquisa idosos no Brasil, 2020**. (1ª ed.). Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102\\_pesquisa+idosos+no+brasil+vivencias+ desafios+e+expectativas+na+3+idade](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_pesquisa+idosos+no+brasil+vivencias+ desafios+e+expectativas+na+3+idade). Acesso em 21/08/2020.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Fundação Perseu Abramo, 2020. **Pesquisa idosos no Brasil, 2020**. (2ª ed., 2020). Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626pesquisa+idosos+no+brasil+2+educacao+2020>. Acesso em 21/08/2020.

VILLALOBOS, J. P. **Te vendo um cachorro**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

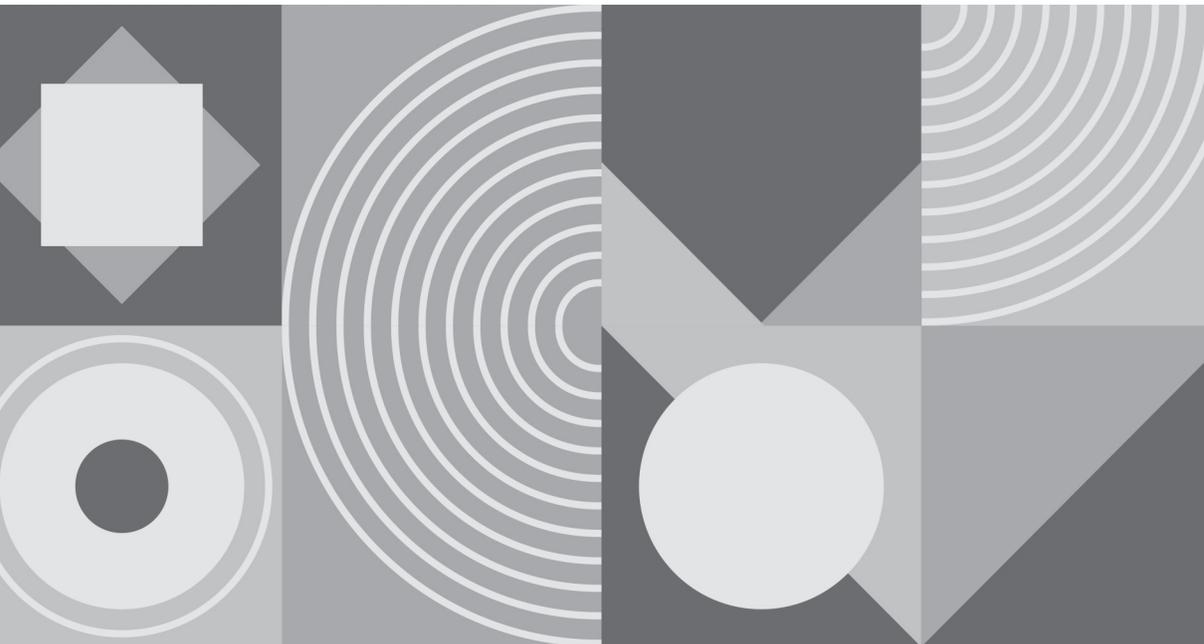
**Celina Dias Azevedo** - Doutora em Ciências Sociais e Mestra em Gerontologia, Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Gestão de Programas Intergeracionais, Universidade de Granada e em Gerontologia Social, Instituto Sedes Sapientiae. Docente no Curso de extensão universitária, Fragilidades do Envelhecimento: Gerontologia Social e Atendimento, da COGEAE/PU-C-SP.

**ID Lattes:** 1846391115134867

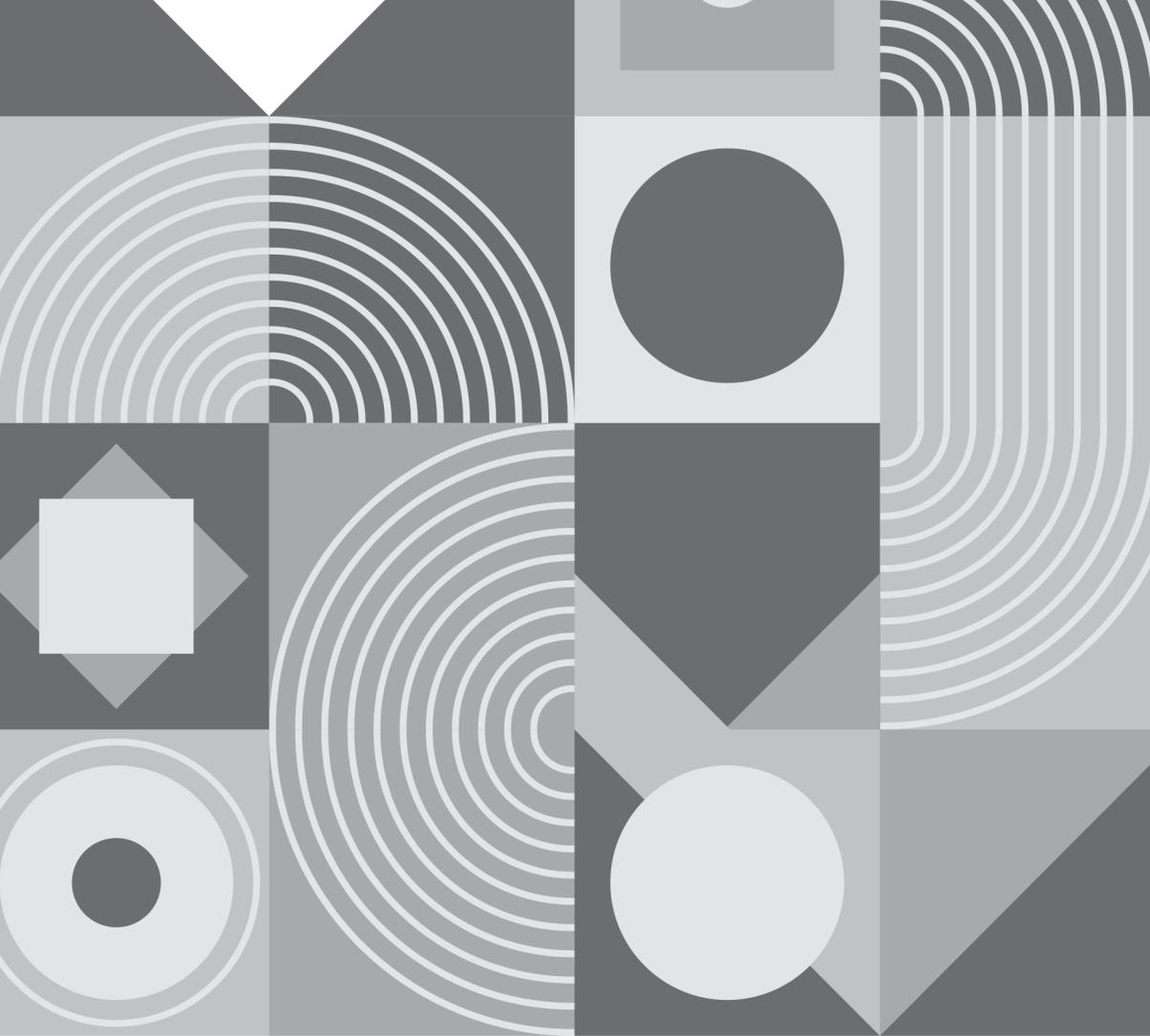
**E-mail:** celinazevedo@gmail.com

# PARTE 2

**Práticas desenvolvidas e aplicadas com idosos,  
expostas em relatos de atividades**







## PARTE 2

# **Longeviver e grupos: subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores - Relatos de propostas de atividades II: O Psicodrama**

*Rosalba Filipini | Marcia Almeida Batista*



Jacob Levy Moreno, o criador do Psicodrama, nasceu em 1889 e manteve suas atividades até o final da vida, aos 84 anos. Teve vida longa para sua geração e, além disso, também fez parte de uma minoria que se manteve ativa e trabalhando quando idosa.

Ao contrário do século anterior, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que a população brasileira está envelhecendo e, até 2060, o percentual de pessoas com mais de 65 anos passará dos atuais 9,2% para 25,5%. Ou seja, um em cada quatro brasileiros será idoso. O IBGE também informa que, em 2039, o número de idosos com mais de 65 anos superará o de crianças de até 14 anos, o que acelerará a trajetória de envelhecimento da população ([censo2021.ibge.gov.br](http://censo2021.ibge.gov.br)).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “nas próximas décadas a população mundial com mais de 60 anos vai passar dos atuais 841 milhões para dois bilhões até 2050, tornando as doenças crônicas e o bem-estar da terceira idade novos desafios de saúde pública global” (OMS, 2014).

Dessa forma, as questões referentes ao envelhecimento são de diversas ordens e óticas e estão associadas ao declínio da vitalidade, da produtividade e da chegada da aposentadoria. Contudo, com as mudanças advindas da medicina e outras ciências, é possível que, nos próximos tempos, viva-se bem e melhor.

O psicodrama é adequado para qualquer idade. Como método de ação profunda, possibilita trabalhar com indivíduos e grupos, abrangendo diversidade e complexidade. Ele marca o advento de um olhar científico que inclui a participação dos sujeitos como coautores de um projeto, deixando em evidência o saber e sua capacidade de transformação.

A proposta de trabalho de Moreno é o resgate da espontaneidade e da criatividade, conceitos que ele considera inatos e que nos acompanham sempre (1984, 1987, dentre outras publicações). Alguns psicodramatistas desenvolveram trabalhos específicos, nomearam e criaram técnicas que contemplam a população da chamada terceira idade. Entre eles, destaca-se a contribuição de Sene Costa (1988), que cunhou o termo Gerontodrama, apresentado em livro de sua autoria, onde discute limites e possibilidades do trabalho com idosos.

Neste capítulo, trazemos alguns dos conceitos centrais da obra de Moreno e alguns de seus métodos, com sugestões de como trabalhar com os idosos. O objetivo é contribuir com os profissionais que se interessam pelo trabalho com idosos, trazendo experiências e sugestões que envolvem acolhimento e transformação. O método psicodramático oferece, ainda, a oportunidade de ampliar as experiências vividas, processadas e co-construídas na medida em que a informação e a interação do saber são compartilhadas.

## **Conceitos psicodramáticos e a compreensão do *homem moreniano***

Para apresentar propostas de trabalho com Psicodrama, começamos por trazer alguns dos conceitos teóricos que sustentam a prática psicodramática. A concepção de homem moreniano é de que somos seres sociais que se constituem por meio das relações. Nestas, os sujeitos se relacionam desempenhando papéis.

Para Moreno, papel é uma unidade da cultura e tem características muito diferentes de uma cultura para outra. Assim ele o define:

Papel é a forma de funcionamento que assume um indivíduo, no momento em que reage frente a uma situação também específica, na qual estão envolvidas outras pessoas e outros objetos. Logo, podemos dizer que é o que determina o sentido da ação. Pode-se definir papel como uma unidade de experiência sintética na qual se fundiram elementos privados, sociais e culturais (MORENO, 1984, p. 11).

Merengué (2009) acrescenta que o papel tem em si um ou mais projetos que se refazem e se renovam ao longo da experiência social. Os papéis são construções sociais que, quando

postos em ação por um indivíduo, trazem também características sociais acrescidas de características pessoais.

Mesmo quando vivido de forma restrita e preconizado por determinada cultura, sendo transmissível entre seus elementos, o papel pode conter particularidades em função de aspectos subjetivos, na forma como cada sujeito o exerce. Em outras palavras, quanto mais o exercício do papel se restringe ao *script*<sup>29</sup> proposto pela sociedade, ele se mostra mais e mais cristalizado, e trabalhar estes papéis é dar a ele o exercício do papel com espontaneidade e criatividade, quando o sujeito se expressa ainda que dentro dos parâmetros da sociedade. Os papéis cristalizados são conservas culturais que permitem a herança cultural de comportamentos e costumes peculiares de determinados grupos. Como conservas, tendem à rigidez e ao automatismo, não possuindo a flexibilidade de conduta exigida em cada nova situação. Por isso, necessitam ser reatualizados pela espontaneidade e pela criatividade para se adequarem a novas situações.

Dessa perspectiva, sabemos que a sociedade propõe determinados papéis aos idosos, bem como lhes impede outros tantos. Compreender este movimento pode auxiliar os sujeitos a questionarem este movimento e se permitirem viver papéis com espontaneidade, que estejam de acordo não

---

29 Script: termo do inglês, entendido em Português do Brasil como roteiro.

só com as regras da sociedade em que vivem, mas também às suas necessidades.

O ser relacional trazido por Moreno não é um indivíduo, mas um átomo social, ou seja, o sujeito em suas relações, havendo uma íntima relação entre as pessoas com as quais o sujeito se relaciona e os papéis que o sujeito exerce. O primeiro átomo social é composto por aqueles que cuidam do recém-nascido o que, em nossa sociedade em geral, refere-se à família nuclear, que Moreno define como Matriz de Identidade<sup>30</sup>. O conjunto de átomos sociais é chamado de rede sociométrica. Estes conceitos são importantes quando pensamos no trabalho do idoso, pois o empobrecimento das relações diminui a possibilidade de papéis que o indivíduo exerce e sua rede sociométrica se torna ainda menor. A existência dessa rede não apenas torna mais rica a vida do sujeito, como também dá sustentação para suas diferentes questões existenciais.

Olhamos para o idoso como um ser que pode estar em constante movimento, que exerce diferentes papéis, os quais, quando exercidos com espontaneidade e criatividade, dão-lhe um lugar favorável na sociedade. Para isto, também acreditamos ser importante auxiliar o idoso a avaliar suas relações e ampliar sua rede sociométrica.

---

30 "A Matriz de Identidade, no seu sentido mais amplo, é o lugar do nascimento (locus nascendi). Moreno a definiu também como placenta social pois, "à maneira da placenta, estabelece a comunicação entre a criança e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os que dela são mais próximos." (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 60).

## **Psicodrama, Sociodrama, *Role-playing***

Psicodrama e Sociodrama são intervenções terapêuticas que promovem a revivência de conflitos, procurando novas respostas e ações às dinâmicas relacionais. Por meio de dramatizações, cria-se um espaço no qual o desempenho espontâneo e sem inibições de hábitos e comportamentos podem acontecer, permitindo desvendar as formatações culturais de um grupo, para quem o observa e para seus próprios integrantes.

O psicodrama permite desvelar alguns aspectos de um indivíduo, sua forma de agir e suas diferenças em relação a outros indivíduos formatados por diferentes redes sociais e tradições. As pessoas em geral vivem seu cotidiano sem ter sempre clareza de como pensam, agem ou reagem. Suas características permanecem encobertas pelo sistema de crenças impessoal e pela cosmovisão do grupo a que pertencem. Dessa forma, explorar o átomo social do idoso, é auxiliá-lo a rever seus papéis sociais e buscar ampliá-lo.

Segundo Moreno (2008), por meio do sociodrama é possível conhecer as estruturas de papéis de cada um dos participantes e o que se apreende pode ser extrapolado para a coletividade de onde eles vêm.

O sociodrama percebe cada participante como representante de papéis da comunidade. Ao desempenhar determina-

do papel, o sujeito cria na situação e pode buscar os sentidos de sua ação e os desejos que o orientam. No sociodrama, como em outros métodos do Psicodrama, a cena dramática é o recurso por excelência. A dramatização permite revelar conflitos, contradições entre as atitudes, os pensamentos e leis internas do grupo e dos indivíduos, abrindo espaço para que eles possam liberar sua criatividade e espontaneidade.

O *role-playing*<sup>31</sup> não tem uma perspectiva terapêutica, mas, sim, uma ação que permite reconhecer e desenvolver novos e antigos papéis. Todos nós, desde pequenos, jogamos os papéis no “como se”. Moreno enfatiza a possibilidade de usar esta habilidade de forma a auxiliar os indivíduos a desempenharem novos papéis, ou desenvolverem aqueles que já exercem.

A representação de papéis permite que o sujeito pratique papéis alternativos e novas formas de desempenho. A movimentação corporal pode revelar aspectos que não se apresentam na fala dos sujeitos. Podemos exemplificar isso, quando trabalhando com cuidadores numa casa de idosos, os primeiros realçam as capacidades dos segundos e se indignam ao falar de como as pessoas menosprezam os idosos. Mas, quando convidados a dramatizarem situações de seu cotidiano, ao tomarem o papel dos residentes da casa, atuam mostrando corpos arqueados, passos lentos e trêmu-

---

31 Role-playing: jogar papéis.

los, indicando na atuação uma percepção do idoso como alguém que é frágil e alquebrado.

Dayton (2005) afirma que: “Quando exploramos o papel, também exploramos o pensamento, o sentimento e o comportamento, junto com as fomes e tensões abertas, embutidos no papel. Isso é parte do que torna a representação de papéis um veículo tão profundo para o conhecimento” (p. 151). Não se trata de treinar o papel, mas de desenvolvê-lo, dando ao sujeito uma clareza das expectativas sociais sobre os papéis designados socialmente aos velhos, e sua forma particular, individual de exercê-los.

Ao pesquisamos sobre envelhecimento ou terceira idade é comum encontrarmos os idosos no papel de tristes, enlutados e desvalorizados, e serem apontadas as perdas de vários papéis que tiveram ao longo da vida. Auxiliar os idosos a perceber os papéis que exercem e buscar novos papéis que podem desenvolver, pode auxiliar a ampliar seu universo, desenvolvendo novos papéis, descristalizando outros e discutindo os papéis apresentados a eles pelo grupo e pela sociedade em que vivem. A qualidade de vida para a terceira idade atual, assim como seu bem-estar psicológico e envelhecimento satisfatório, depende muito do equilíbrio entre o que se pode fazer e o que não se pode realizar nesta fase da vida, ou seja, que papéis desempenham.

## O trabalho de psicodrama com idosos: algumas possibilidades

A prática psicodramática consiste em algumas etapas: aquecimento (inespecífico e específico), dramatização e compartilhamento. Para que isso ocorra, são necessários alguns *instrumentos*, a saber: o diretor (coordenador, ou terapeuta); ego-auxiliar, protagonista, cenário e plateia. Além disso, também é importante que se diferenciem os contextos: social, grupal e dramático. Sendo uma metodologia de ação, ela envolve elementos físicos, sociais e psicológicos e os sujeitos trabalham para passar da conversa à ação. A tarefa do psicodramatista/diretor é ajudar neste processo de "transformar" a narrativa em ação.

Como dito anteriormente, alguns trabalhos de psicodrama têm sido realizados com a população idosa (COSTA, *et al.*, 2019). Serão relatadas, a seguir, algumas propostas que podem ser desenvolvidas pelos profissionais que acompanham essa faixa etária. Algumas são realizadas pelas autoras deste trabalho (BATISTA, 2012; FILIPINI, 2014), outros trarão a respectiva referência (CAMPOS; COELHO; CURADO, 2007).

**1. Átomo Social.** Numa sessão de psicoterapia individual ou de grupo, o desenvolvimento do Átomo Social é um instrumento importante para o reconhecimento da

rede relacional do indivíduo. Sugere-se que ele utilize objetos para representá-lo, bem como a outras pessoas. É dito mais ou menos assim: *Você vai nos mostrar quem são as pessoas significativas da sua vida agora e, para isso, vai escolher um objeto para te representar. Você ficará no centro e irá colocando numa distância considerada afetiva, as outras pessoas.* Após a representação com objetos, solicita-se que a pessoa olhe com certo distanciamento o que fez, verifique se está completo ou se necessita de alguma modificação, bem como que sentimentos que isso lhe traz. Depois, essa pessoa tomará o papel das demais escolhidas e iniciará um diálogo com o diretor, no intuito de revelar que tipo de relacionamento essa pessoa estabelece com o protagonista (o idoso), como se dá essa relação, que transformações essa relação já teve ao longo da vida etc.

**2. Escrita** de uma carta, um diálogo, um *script* de situações ou cenas significativas. Essa atividade também pode ser realizada num trabalho individual ou de grupo. Após a atividade, ela deve ser lida e refletida e seu objetivo é poder entrar em contato com elementos intrapsíquicos que são difíceis de serem ditos. A escrita oferece um distanciamento afetivo que favorece com que o idoso adentre em aspectos mais difíceis, de forma protegida. É possível, em situações seguras, que

esse escrito seja lido na presença de seu destinatário (papel e seu contrapapel, representado por um ego-auxiliar).

**3. Desenho do corpo.** Cada indivíduo desenha o contorno do seu corpo e depois o vai preenchendo com os sentimentos que tem. Podem ser oferecidas canetas de cores diversas que representarão os diferentes sentimentos. Após, são refletidos os sentimentos trazidos, o local simbólico que ele ocupa no corpo e o reflexo dele no funcionamento geral do indivíduo. Também é importante que mais atividades sejam desenvolvidas por meio do desenho do corpo e outros aspectos sejam trabalhados: marcas que esse corpo traz (doenças, cirurgias, cicatrizes...); o que eu gostaria de trazer nesse ou para esse corpo; virtudes que esse corpo carrega; dificuldades que esse corpo carrega, dentre outros aspectos, que, por sua vez, podem ser refletidos mediante os diferentes papéis que o sujeito exerce.

**4. Cadeira vazia:** uma técnica comumente usada que permite ao cliente colocar, em uma cadeira vazia, uma pessoa com quem ele precisa resolver questões ou expressar sentimentos e pensamentos não expressos. O objetivo é trabalhar conflitos de uma relação por meio da dramatização, ou seja, no contexto dramático do “como se”.

**5. Teatro espontâneo.** Especialmente em sessões de grupo, o teatro espontâneo é sempre bem-recebido pela população idosa. Depois de um aquecimento com tema definido, cada participante entra em um papel psicodramático e desenvolve uma história. Um exemplo: o tema do grupo era a relação com os filhos; todos entram no papel de um filho e o grupo escolhe onde eles vão se encontrar. Pode ser num ambiente social, como um bar, e lá eles dialogam entre si, falando de coisas diversas, e dos pais e mães que têm. A experiência clínica mostra que a possibilidade de jogar esses papéis e falar de conteúdos por vezes difíceis, mas de forma lúdica, tem se mostrado favorável para o resgate e elaboração de algumas relações.

**6. Genograma ou Genodrama.** Descrever a família de forma gráfica, apontar seu desenvolvimento, características e transformação são possíveis por meio do genodrama. A família é um elemento central na organização humana; no entanto, ao longo do tempo e nas diferentes culturas, a família variou em estrutura e função. Também se espera que os papéis numa família se alterem de acordo com a etapa do ciclo vital familiar. Trabalhar a família através do psicodrama permite que se discutam os papéis presentes na mesma e a expectativa familiar sobre os que exercem os diferentes papéis. O genodrama é uma ferramenta que permite que muitos aspectos

sejam trabalhados: a descrição inicial da “árvore genealógica” à qual pertence o indivíduo; as transmissões geracionais; e os papéis desenvolvidos e transformados ao longo do ciclo de vida familiar.

**7. *Role-playing*.** Jogar papéis na ação dramática é sempre um recurso importante no trabalho com idosos. Se a literatura aponta que uma das questões do envelhecimento é a mudança ou diminuição dos papéis sociais, jogar papéis é um tipo de intervenção que favorece o desenvolvimento de novas formas de exercê-los, bem como o exercício da descoberta de novos papéis que podem ser desempenhados. Por exemplo, treinamento do papel de mãe/pai; avó/avô (BATISTA, 2012); de irmã(ão); filha(o); sogra(o); amiga(o); profissional, dentre outros.

**8. ‘Construindo um jardim’.** Em um Centro de Referência de Assistência Social, CRAS, foi desenvolvido, com um grupo de psicodrama com idosos, a construção do subjetivo e a identidade pessoal. Para isso, realizou-se uma movimentação saudável e diferente que transformou o *setting*<sup>32</sup> terapêutico frente às frustrações que enfrentavam. O grupo teve participação ativa na construção de um jardim. No encontro

---

32 *Setting*: espaço no qual acontece a relação entre paciente e terapeuta.

de encerramento foi abordado o tema: destruindo barreiras e plantando sonhos, nome dado para o jardim que o grupo criou na instituição, promovendo saúde social e libertação das dificuldades que carregavam (COSTA, *et al.*, 2019).

**9. Construção de bonecas com garrafas *pet*.** Este foi um trabalho realizado em uma Unidade Básica de Saúde da cidade de São Paulo, em que as autoras investigam como a Metodologia Socionômica pode atuar na perspectiva de saúde da terceira idade e, em consequência, potencializar ações espontâneas, bem como facilitar a criação e o fortalecimento de vínculos nessa faixa etária (BARBOSA; RODRIGUES, 2016). As participantes do grupo confeccionaram bonecas utilizando garrafas *Pet* e jornal e, inspiradas pelo sentimento de um sonho não realizado, foram instruídas a criar uma personagem. Caminharam durante o aquecimento corporal e apresentaram suas bonecas. Houve a eleição daquela que mais as representasse, tanto esteticamente quanto pelo sentimento motivado por sua confecção: sonhos foram trazidos, frustrações e realizações foram trabalhadas.

**10. Contar histórias.** Um trabalho realizado num asilo com 15 idosos teve como objetivo demonstrar a contribuição do teatro espontâneo, enquanto ferramenta de intervenção em psicologia social (CASTRO, *et al.*, 2018). Na intervenção, foi feito um aque-

cimento inespecífico e a diretora esclareceu que o objetivo do encontro era contar histórias e revelar com quem os participantes aprenderam a contar histórias. Como aquecimento específico, fez-se uma cena em que os egos auxiliares fizeram duplos dos idosos, falando sobre os seus gostos e suas dores. Em seguida foram dramatizadas, na modalidade *playback theater*<sup>33</sup>, as histórias dos idosos, que foram alteradas conforme instruções dos próprios. A partir das dramatizações, foi oportunizado que os idosos dirigissem os atores e reescrevessem suas histórias, reconstruindo cenas na realidade suplementar e as ressignificando. Com esse encontro, foi possível perceber o teatro espontâneo e o psicodrama como importantes ferramentas na intervenção em psicologia social, possibilitando discutir, ressignificar e reconhecer a história de cada membro do grupo, fortalecendo a identidade social e favorecendo a espontaneidade e a criatividade.

**11. Tatadrama.** Colombo (2020) desenvolveu um trabalho em que usou o Tatadrama<sup>34</sup> como possibilidade de transformação na preparação para a aposentadoria. O Tatadrama é

---

33 *Playback theater*: teatro que remete a algo prévio.

34 Tatadrama é um método criado por Elizete Garcia que consiste na criação de bonecas de pano e o trabalho psicodramático. O Tatadrama é a transformação através da ação, método que busca no Psicodrama e na cultura popular das Bonequeiras no Pé de Manga do Crato, Ceará, os instrumentos de mudança e a simbologia do encontro consigo mesmo. A aprendizagem se dá por meio da vivência grupal e no compartilhamento, onde surge o sentimento de pertencimento e de transformação.

um recurso bastante interessante de resgate de potencialidades pelo ato de brincar. No brincar, as pessoas resgatam sonhos depositados nos bonecos de pano que são levados embora, como símbolo concreto da reflexão. A escolha do método Tatadrama teve como objetivo dar aos participantes a possibilidade de se reinventar na arte de brincar, permitindo-lhes levar o resultado dessa “brincadeira” séria para sua vida, para se manterem sonhando e criando novos papéis. Esta foi uma forma aprofundada de resgatar as potencialidades dos participantes, fazendo com que voltassem a sonhar e a serem empreendedores desses sonhos. Segundo Garcia (2013), a transformação visual e corporal no boneco de pano é um dos pronunciamentos mais originais dentro do Tatadrama, pois, ao permitir que o participante o modifique segundo seus critérios pessoais e criativos, propicia-lhe uma nova linguagem, rica em metáforas emocionais e reveladora de fatos de seu inconsciente.

**12. Psicodrama Interno.** É uma técnica de dramatização, cuja ação dramática é simbólica, sendo vivenciada, pensada e visualizada pelo cliente, embora ele não a execute. Segundo Cukier (1992), este trabalho envolve uma fase inicial de relaxamento, uma segunda fase quando é apontado algum indicador físico, emocional ou imaginário que, por sua vez, nos conduz ao mundo interno e suas personagens. No final, a

interação dessas personagens, que pode ser feita utilizando-se recursos clássicos do psicodrama, é vivenciada mentalmente. Este método pode ser importante para trabalhar com idosos de forma geral e, em especial, para aqueles que têm limitações de mobilidade física.

**13. Gerontodrama.** Esse termo foi criado pela psicodramatista Elisabeth Sene Costa (1988) e consiste numa técnica de atendimento grupal para a terceira idade. O gerontodrama é uma adaptação das técnicas do Psicodrama para esse público específico. A premissa do trabalho é saber lidar com o público idoso e ajudar essas pessoas a descobrir novas formas criativas e dinâmicas de viver. A autora ressalta que, nos casos em que o idoso resgata a sua espontaneidade, ela vem associada com a criatividade. E, quanto “mais aquecidos terapeuticamente” (isto é, mais comprometidos e ávidos por mudar), mais deixam fluir seus recursos criativos, utilizando por inteiro suas outras capacidades mnésicas, de inteligência, raciocínio etc.

**14. Imagem da família.** É um jogo dramático que pode ser explorado de muitas formas. Segundo Cukier (1992), ele visa a explorar os sentimentos que o paciente possui por sua família. É solicitado ao cliente que use objetos disponíveis para recriar uma imagem de sua família e, depois de constru-

ída, ela pode ser explorada de várias formas. Entrar no papel dos representantes, entrevistar, tomar distância e perceber que aspectos e sentimentos são despertados, podem ser favoráveis para elucidar sentimentos, entrar em contato com a realidade atual e desenvolver um novo olhar para os papéis que são desenvolvidos.

**15. Psicodrama e Música.** A música utilizada como complemento terapêutico, e como coadjuvante nos processos grupais, tem demonstrado grande eficácia. O conceito da música como promotora de bem-estar físico e emocional foi um componente importante no arcabouço teórico e prático das ações promovidas por uma equipe profissional que desenvolveu Oficinas no Projeto Pilates para o Idoso e Programa Vida Ativa/Univasf (BARRETO; RIBEIRO, 2016). Uma das perspectivas das ações com música, dentre tantas, é a especial atenção que envolve a busca de memórias positivas para uma ressignificação do presente. Este é um aspecto de muita importância, já que as questões que envolvem as dificuldades inerentes aos processos mnemônicos são temas importantes no contexto de melhoria das condições de saúde emocional dos idosos. Atividades musicais integradas ao psicodrama possibilitam um maior aquecimento, uma grande interação entre os idosos, aumento da espontaneidade nas

atividades físicas, aumento das lembranças relacionadas às temáticas das músicas; portanto, reforçando a memória de longo prazo, além de uma melhoria das funções cognitivas.

### **Considerações finais**

A atenção aos idosos tem crescido na psicologia, e em outras áreas da saúde, exigindo cada vez mais que os profissionais conheçam e criem estratégias de trabalho.

O psicodrama em suas múltiplas possibilidades é uma metodologia adequada e interessante para o trabalho com idosos, por propiciar o desenvolvimento de novos papéis, convívio grupal, resgate da espontaneidade e criatividade dos sujeitos.

Com a ideia estereotipada de que o idoso é um ser entristecido e com poucos recursos, nem sempre se valoriza a capacidade que ele tem de dramatizar e jogar papéis, o que é validado pelos exemplos expostos. As possibilidades são muitas, seja por meio do gerontodrama, da exploração do seu átomo social, da música, da confecção de bonecas, do jogo de papéis, imagens, histórias e outros. A experiência dos psicodramatistas que trabalham com os idosos mostra o poder da ação no processo de reflexão e ampliação dos seus papéis (BRAGA, 2009).

O trabalho grupal também se revela como a possibilidade de construir novos laços e criar, ou ampliar, uma rede de sustentação. Cada uma das sugestões acima pode ser proposta como foram apresentadas aqui, ou transformadas a partir do movimento do próprio grupo. A ideia central do trabalho de Moreno é o resgate da espontaneidade e criatividade no desempenho dos papéis, sendo assim, para o profissional que trabalha com grupo de idosos, significa estar aberto às demandas e a adaptação necessária da metodologia empregada. A cocriação de um projeto dramático com os idosos referenda o saber e o poder deles, bem como o favorecimento da ampliação de suas redes sociométricas.

## Referências

BARBOSA, C.; RODRIGUES, R. Espontaneidade na terceira idade. *In: Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 24, n.º 2, pp. 102-107. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20160024>. Acesso em 30/03/2021.

BARRETO, D. C.; RIBEIRO, M. S. S. A música como recurso em atividades para idosos: relato sobre dois programas de extensão da Univasf. *In: EXTRAMUROS – Revista de Extensão da UNIVASF*, v. 4, n.º 1, pp. 116-128, 2016. Disponível

em: <http://www.periodicos2.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/859/550>. Acesso em 30/03/2021.

BATISTA, M. A. **Retramatização e a pesquisa dos papéis familiares: os avós**. Doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/61317977-Retramatizacao-e-a-pesquisa-de-papeis-familiares-os-avos.html>.

BRAGA, M. H. O. **Uma análise gerontodramática do filme: meu pai, uma lição de vida**. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, Brasília, DF: Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde, FACES, UniCEUB, 2009. Centro Universitário de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2714/2/20510001.pdf>. Acesso em 30/03/2021.

CAMPOS, A. P. M.; COELHO, V. L. D.; CURADO, E. M. Como é estar na velhice? A experiência de mulheres idosas participantes de uma intervenção psicológica grupal. *In: Ser Social*, v. 21, pp. 45-70, Política Social, Envelhecimento e Família, 2007. Disponível em: DOI: [https://doi.org/10.26512/ser\\_social.v0i21.12735](https://doi.org/10.26512/ser_social.v0i21.12735). Acesso em 30/03/2021.

CASTRO, A.; VITALI, M. M.; BERNARDO, L. C.; GARCIA, A. F. (2018). No Palco os Idosos, como roteiro o envelhecimento. *In: Revista Psicologia & Saberes*, v. 7, n.º 8, 2018. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/issue/view/46>. Acesso em 30/03/2021.

COLOMBO, M. O uso do tatadrama como possibilidade de transformação na preparação para a aposentadoria. *In: Rev. Bras. Psicodrama*, São Paulo, v. 28, n.º 1, pp.16-24, 2020.

COSTA, A. R. S.; MENDES, A. T.; BERETTA, R. C. S.; FIGUEIREDO, G. L. A., ANTONIASSI JUNIOR, G.; Promovendo saúde através do Psicodrama com idosos. *In: Anais do III Fórum de Debates Psicologia na Contemporaneidade*, v. 5, n.º Suppl. 1, 2019. Disponível em: <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/480>. Acesso em 30/03/2021.

CUKIER, R. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu cliente e seu terapeuta**. São Paulo: Ágora, 1992.

DAYTON, T. **The living stage: a step by step guide to Psychodrama, Sociometry and Experiential group Therapy**. Arlington, VA, USA: Health Communication Inc., 2005. (504 p.).

Filipini, R. **Psicodrama com crianças: uma proposta socionômica**. São Paulo: Ágora, 2014. (152 p., ISBN:9788571831476, 8571831475).

GARCIA, E. L. Tatadrama: a violência mantida em segredo que emerge na boneca de pano. *In: Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 21, n.º 1, pp. 165-172, 2013. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br>. Acesso e, 30/03/2021.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J.; ALMEIDA, W. **Lições de Psicodrama- Introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

MERENGUÉ, D. **Poderes, papéis: um estudo preliminar sobre gêneros na contemporaneidade.** Trabalho apresentado na Universidade Católica de Goiás, para obtenção do título de Professor Supervisor da FEBRAP. Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas, 2009.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** Trad.: Dr. Antonio C. Mazzaroto Cesarino Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1984.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1987.

Sene-Costa, E. M. (1998). **Gerontodrama: A velhice em cena. Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade.** São Paulo: Ágora.

---

**Rosalba Filipini** - Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, PUC-SP; Psicodramatista Didata e Supervisora pela FEBRAP; Professora e Supervisora no Curso de Graduação de Psicologia, PUC-SP; autora do livro **Psicodrama com crianças: uma proposta socionômica**, e de capítulos e artigos referentes à metodologia Psicodramática.

**ID Lattes:** 1649277810223152

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-1119-5136>

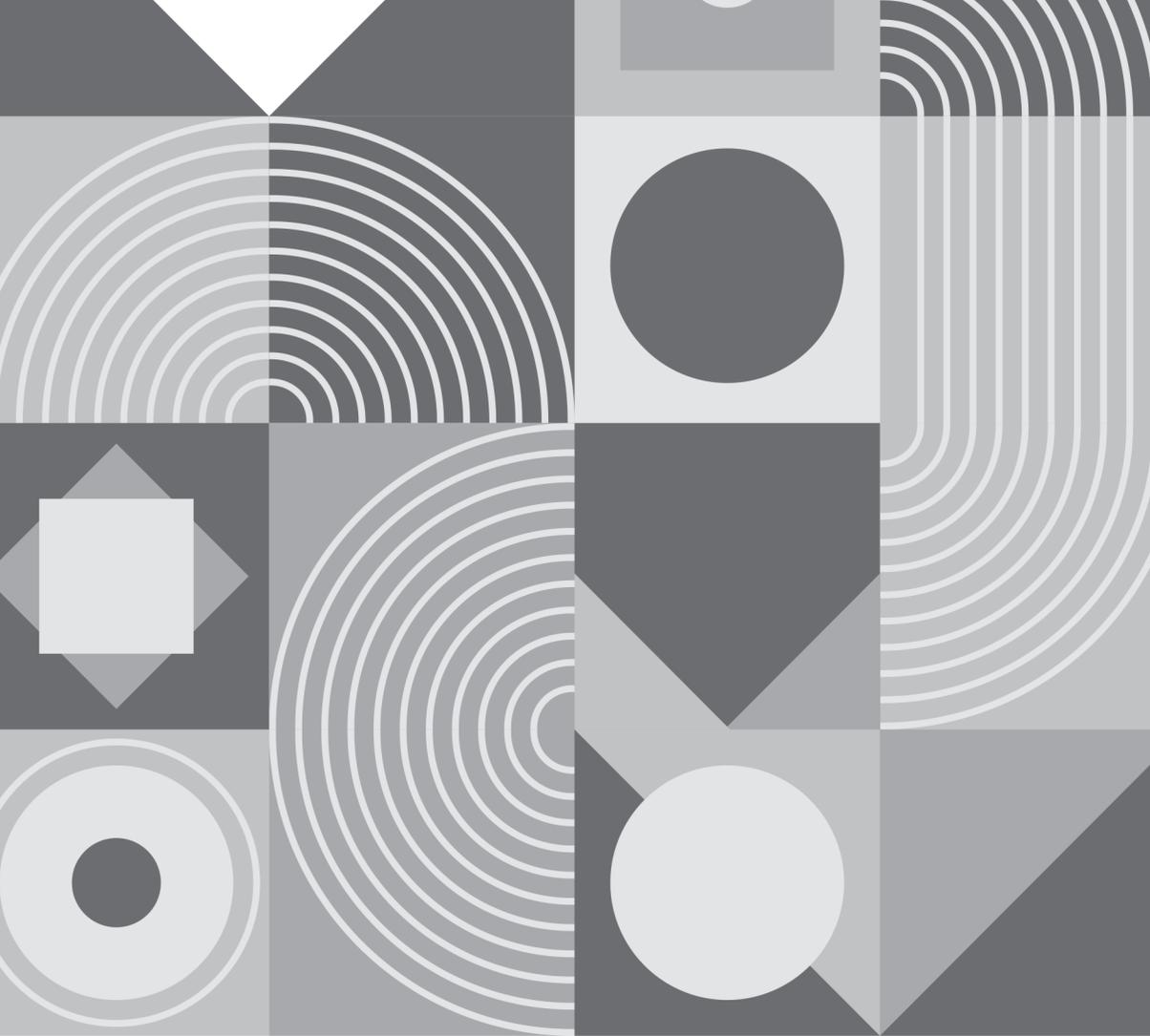
**E-mail:** rfilipini@pucsp.br

**Marcia Almeida Batista** - Doutora em Psicologia Clínica, PUC-SP. Psicóloga Psicodramatista. Diretora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, FACHS, PUC-SP. Professora do Curso de Psicologia da FACHS. Membership Chair Internacional Association of Group Psychotherapy.

**Id Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7527865192210818>

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8043-6856>

**E-mail:** mabatista@pucsp.br



# **Arteterapia em grupos a favor das velhices: uma potente ferramenta no enfrentamento à pandemia**

*Cristiane Pomeranz | Dhara Côte de Lucena*



*"... no meio de tanta dor que o mundo vivencia, desejamos que a Arte receba a devida importância. Desejamos transformá-la orgulhosamente em força para contarmos às futuras gerações esta triste história pandêmica. Sobre viveremos e a superaremos para usufruir do envelhecer."* (Cristiane Pomeranz, 2019)

Neste artigo apresentamos ao leitor o método PRE-AMAR de intervenção terapêutica, sistematizado por Cristiane Pomeranz, arteterapeuta e mestre em Gerontologia Social. Indicaremos as adaptações do método realizadas durante o contexto da pandemia, tendo em vista a manutenção da qualidade das atividades de arteterapia em grupo, durante o ano de 2020. Pautado no engrandecimento do idoso e na potencialização da velhice, diferentes profissionais podem aproveitar o PREAMAR, adaptando-o às áreas de atuação, público e contexto.

Para além da valorização do sujeito nas diversas velhices, o método em questão tem como objetivo a estimulação cognitiva e social por meio da arte e da cultura. Desenvolvido no decorrer do envolvimento profissional e afetuoso de Pome-

ranz com Elisa, atendida na AACD<sup>35</sup> após sofrer um derrame, e sistematizado durante o mestrado de Pomeranz em Gerontologia Social (POMERANZ, 2017). Elisa foi uma espécie de "tipo ideal"<sup>36</sup> por possibilitar observações que podem ser replicadas em práticas na arteterapia. Da soma do encontro com Elisa e do conhecimento gerontológico, a arteterapeuta pôde identificar as características essenciais de um serviço voltado aos mais velhos.

Em 2009 funda-se o projeto *Faça Memórias*, programa cuja metodologia seria aplicada e desenvolvida de forma a se tornar uma potente intervenção não medicamentosa, na qualidade de vida das pessoas com problemas de esquecimento, assim como para aqueles que buscam manter a mente ativa. São oferecidas oficinas que fazem uso da história da arte e de obras expostas em museu, como estímulo social e cognitivo para adultos, pessoas idosas e idosos com problemas de esquecimento.

O *Faça Memórias* tem como inspiração o programa *Meet Me At MOMA* do Museu de Nova York<sup>37</sup> e é, hoje, referência para lidar com esquecimentos decorrentes dos efeitos do processo de

---

35 AACD é uma organização sem fins lucrativos que visa a garantir assistência médica em Ortopedia e Reabilitação.

36 Conceito desenvolvido por Max Weber como instrumento de pesquisa do saber sociológico.

37 Projeto educativo do MOMA com o intuito de tornar a arte acessível para pessoas com demência, a iniciativa durou de 2007 a 2014.

envelhecimento, assim como os déficits causados por doenças que comprometem a memória. Em 2009 o Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE) acolhe o Faça Memórias e, em 2012, com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a partir do Programa de Ação Cultural (ProAC), o projeto leva 38 idosos com Alzheimer ao museu. Desde então, o Faça Memórias permanece sob a forma de curso pago do museu, dividido em duas turmas com cerca de 10 pessoas cada.

Em 2019, depois de um longo percurso, o Faça Memórias é aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura. Durante seis meses seriam oferecidas oficinas culturais de artes plásticas que compreendiam uma parte teórica e uma prática, através de releituras de obras de grandes pintores reconhecidos da história da arte, como Monet, Van Gogh e Degas. É esse o mais recente formato do projeto que vamos nos ater neste artigo, de forma a examinar, principalmente o processo de adaptação no contexto da pandemia.

Neste novo formato, o Faça Memórias insere os idosos nos museus e os estimula a se apropriarem do espaço. Com o recurso captado, o Faça Memórias é acolhido pelo Instituto Tomie Ohtake, na cidade de São Paulo, onde quinzenalmente são realizadas oficinas gratuitas com visitas guiadas ao espaço expositivo, seguidas de um fazer artístico criativo no ateliê. O público privilegiado é a população idosa com toda a sua

heterogeneidade, sem deixar de lado as velhices com problemas de esquecimento.

Além dos encontros no Instituto, atividades gratuitas são propostas para instituições que oferecem serviços para o público idoso - como Centros-dia, Núcleos de Convivência e Instituições de Longa Permanência para Idosos. Para estas oficinas, são utilizados *kits* artísticos enviados como presentes, com todos os materiais necessários para a prática da atividade, assim como materiais para estímulo sensorial com a temática de um grande artista da história da arte. Flores, miniaturas de pássaros e borboletas enfeitam a caixa do Jardim de Monet; uma caixinha de música com uma bailarina que rodopia cativa a atenção dos idosos que recebem o Kit Degas.



Em um mês e meio de oficinas, 173 pessoas haviam sido afetadas presencialmente pelo trabalho do Faça Memórias, sendo três das oficinas no Instituto Tomie Ohtake, nove em cinco Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e uma em um projeto de refugiados e imigrantes. Em cada ILPI, dois encontros garantem a possibilidade de estabelecer vínculos com os moradores que compartilham recordações, enquanto nós, da equipe, demonstramos as potencialidades da arteterapia.

Em março de 2020, o Faça Memórias tem sua história de expansão e inclusão social interrompida pela pandemia do Coronavírus que certamente deixa marcas nas vidas dos inúmeros idosos isolados; os esquecimentos crescem em ritmo desenfreado, decorrente da falta de estímulo social acelerando o comprometimento cognitivo de alguns. A pandemia pausa o sonho de expandir o Faça Memórias como proposta de compartilhar, fisicamente, arte e cultura com tantos. A tristeza abate a equipe e a dor de cada um se mistura à dor do mundo. Por sorte, temos a Arte.

Como recuperar tamanho déficit causado pela pandemia no novo normal? É a pergunta que fizemos e fazemos neste presente ainda tão repleto de dúvidas e que nos assegura um amanhã desconhecido e incerto. É preciso parar, sentir e repensar.

## Um novo caminho: o PREAMAR como base

Em agosto, o projeto volta ao público e o que seriam as oficinas em instituições que oferecem serviços aos idosos e no Tomie Ohtake se tornam oficinas pela plataforma Zoom. Nesta nova maneira de se falar de arte, a metodologia PREAMAR sofre algumas adaptações, o que revela sua importância no que se refere ao respeito ao indivíduo e ao momento vivido.

Cada letra do método corresponde a um dos sete passos que o compõem, sendo estes: percepção, reconhecimento, estratégia, afeto, mão na massa, análise de resultado e refinamento. Assim, o PREAMAR assegura a compreensão do sujeito velho que cruza os caminhos dos profissionais e exige destes o entendimento da pessoa no contexto social, mesmo quando se trata de grupos de idosos com características semelhantes.

A autora do método, explica o nome utilizado para defini-lo:

... A palavra PREAMAR [...] é comumente usada para definir as marés cheias e altas. Numa vida onde somos todos navegantes, entendemos os idosos, a quem apresentamos afetuosamente este método de trabalho, como seres navegadores de uma maré revolta e, de tão cheia, prestes a transbordar. Ao executar todos os passos deste método, composto por sete passos, é possível olhar para o sujeito idoso e compreender a imensidão de cada mar. E assim, juntos navegamos para um dia, por fim, poder finalmente voar. (POMERANZ, 2017, p. 57).

Apresentamos a seguir os componentes do método, como subsídio para profissionais da área do envelhecimento que atuam com grupos, de forma presencial e/ou virtual. Cada passo do método PREAMAR será explicitado de forma a compreendermos a ideia de componentes de um círculo que se retroalimenta.

### ***Percepção***

A percepção do sujeito e da história pessoal é o primeiro passo: falar com o sujeito e com o entorno para conhecer sua história de vida, fatos importantes, habilidades e gostos, propicia ao profissional condições de compreender o idoso não só no contexto atual.

Ler as entrelinhas, olhar o que não se enxerga e escutar o que nem sempre é dito faz parte da apreensão de quem é o outro.

### ***Reconhecimento***

Ao entrar em contato com a história de vida do idoso que faz parte dos encontros de Arteterapia, é possível identificar eventuais questões específicas da etapa do envelhecimento. Reconhecer angústia, depressão, solidão, abandono, violência, assim como sintomas da patologia, permite formular estratégias de ação. Vale dizer que muitas vezes o idoso chega ao ateliê de Arteterapia com uma queixa ligada a uma patologia específica que deve ser compreendida, mas sem descartar as queixas subjetivas que fazem parte da problemática.

## *Estratégias*

Este passo é elaborado para o indivíduo e para o grupo, com as modalidades de estratégias seguintes:

**Estratégias Individualizadas** – As estratégias são pensadas individualmente e têm o objetivo de ajudar o idoso a elaborar questões relacionadas a sua problemática no contexto da velhice, assim como estímulo cognitivo por meio da Arte e do fazer artístico.<sup>38</sup>



---

38 Todas as imagens utilizadas neste artigo foram autorizadas.

**Estratégias de Relações Sociais** – Estratégias pensadas para serem executadas em grupos de idosos com o objetivo de inserir o idoso no grupo, por meio de interação social, direito à fala e à escuta, compartilhar a vida e a sensação de pertencimento.



### *Afeto*

Tão importante quanto os materiais, os processos criativos e a motivação, o afeto é fundamental durante o processo terapêutico. É por meio do fazer artístico que nos deixamos afetar por sensações e percepções. É preciso ser tocado pela proposta e pela própria Arte que facilitará essa entrega, já que a partir do trabalho artístico é possível colocar-se perante o profissional de maneira mais confortável e aberta/ verdadeira.

A proximidade do arteterapeuta com o sujeito deve acontecer e se fortalecer a cada encontro. É esta relação afetiva que rompe barreiras e coloca o profissional emocionalmente vinculado ao idoso. O afeto é aqui considerado indispensável; o vínculo emocional potencializa um resultado potente e efetivo e é inerente a uma proposta que se constitui da relação de pessoas com a arte e entre si.



## *Mão na massa*

### ● **Escolha dos materiais**

Ao propor uma atividade artística é preciso, além da criatividade que deve envolver a proposta, uma coerência em relação ao material artístico escolhido. Para isso, fazemos uso de um *continuum* de Terapias Expressivas, comumente denominado ETC - *The Expressive Therapies Continuum*.

O ETC é composto por quatro níveis de modalidades relacionadas com o desenvolvimento humano e de interação com os materiais artísticos que, teoricamente, refletem os diferentes modos da expressão humana.

Trata-se do nível sensório/motor (Nível K/M *Kinesthetic/Sensory*), Perceptual/Afetivo (Nível P/A *Perceptual/Affective*), Cognitivo/Simbólico (Nível C/S *Cognitive/Symbolic*) e Criativo (Nível CR - *Criative*), criado por Sandra L. Kagin e Vija B. Lusebrink, ambas da Universidade de Louisville, Ky, USA, e publicado em 1978, em *The Arts in Psychotherapy*.

As autoras dizem que o ETC é uma tentativa de examinar a interação da pessoa com os materiais nos diferentes níveis da experiência e da expressão.

Segundo Kagin (1978), todo o material aponta para uma direção ou potencial, ou seja, cada material pode ser classifi-

cado pelos limites que impõe. O conhecimento por parte do arteterapeuta acerca da situação de cada participante fará a proposta artística ser ou não bem-sucedida. Sem esse olhar, individual e único, não haverá método de trabalho que garanta a realização de uma proposta.

Ao escolher o material a ser oferecido a um idoso, é preciso saber o efeito que causa, e se a pessoa que fará uso terá ou não benefícios em utilizá-lo:

Quando pessoas interagem com materiais em atividades plástico-expressivas, cada uma dessas dimensões mobilizará predominantemente um nível de funcionamento humano (sensório-motor, afetivo, perceptivo, cognitivo etc.) e facilitará certas qualidades do processo expressivo (como fluidez, espontaneidade, estabelecimento de limites, diferenciação, figura-fundo etc.), podendo também servir de ponte para outros níveis. Por essas características, são consideradas “potencialidades terapêuticas”. Dessa forma, a vivência pessoal e o estudo cuidadoso das propriedades de cada material e técnica com base nesse referencial podem orientar a escolha do terapeuta nas atividades sugeridas (CIORNAI, 2004, p. 106).

Para cada idoso, para cada situação e momento, o material deve ser específico e proposital.

Dito isso, alguns cuidados podem ser tomados diante de idosos com esquecimentos. Ao sugerir e elaborar atividades, o ideal, principalmente para aqueles com graus mais elevados de demência, é fugir de abstrações, ou seja, descrever cada passo da atividade de forma muito clara, ter moldes em mãos, rabiscar o grosso ou o começo do desenho, ou deixar uma imagem como exemplo. Outro cuidado é diferenciar o material a ser trabalhado da mesa onde está exposto: colocar um papel maior com cor bem forte e distinta embaixo do que será pintado pode ser uma saída para que o idoso com declínio cognitivo e/ou baixa visão possa diferenciá-lo. Quanto mais fortes e vívidas forem as cores, melhor será para enxergá-las.

A seguir, ilustramos a adequação do material à especificidade das demandas: Teresa<sup>39</sup>, 85 anos, uma das participantes mais antigas do Faça Memórias. É uma pessoa metódica e sempre muito detalhista. Ao pintar uma paisagem, começa pela parte superior, depois ocupa o meio e, por fim, a parte de baixo. Presta muita atenção no que está pintando, usa poucas cores, e dificilmente mistura uma com a outra; se emprega mais de uma cor, cada uma ocupa uma parte específica do desenho. Se orientássemos Teresa para pintar com aquarela logo de início, por exemplo, ela ficaria muito angustiada, pois é uma tinta que foge do controle da pessoa que a

---

39 Nome fictício.

manuseia. Para desafiá-la, sem provocar excessiva angústia, propusemos, então, outras atividades. Em uma delas, em vez de oferecer a cartela, distribuímos quantidades de tintas em diferentes partes da tela, de forma a provocar mistura de tons e novas ocupações da tela. A proposta foi bem-sucedida e acabamos, nesse mesmo dia, elaborando mais uma atividade: desafiámos Teresa a pintar um céu azul em um papel azul; na foto abaixo é possível ver o resultado.



O mais importante é não os subestimar nunca. Novas propostas e desafios evitam simplificar demais uma atividade, infantilizando o idoso ou não o estimulando tanto quanto possível. Prestar atenção aos indícios que o participante manifesta, quando a atividade está muito difícil é indispensável; estes podem vir em formato de angústia, hesitação, reclamações de dores ou de falta de vontade. Antes de aceitar que o idoso desista da atividade, é necessário articular rapidamente alternativas criativas, auxiliando-o, simplificando a atividade ou propondo outros formatos.

### ● **Entusiasmo como motivação**

A importância de oferecer, a partir das propostas artísticas, condições de experimentar a sensação de liberdade de expressão faz parte de uma Arteterapia eficaz na sua conduta. Não existe certo ou errado, bonito ou feio e o idoso precisa ter a certeza de que não será julgado pelo que faz.

A estética está, não na beleza, mas no sentido que o trabalho adquire a quem o realizou. É preciso incentivar, com técnicas e um pensar estimulante, a transferência de conteúdos significativos para o trabalho artístico proposto. O Arteterapeuta precisa ser um entusiasta da vida. Da vida pela vida, mesmo que esta esteja escondida em algum lugar de difícil acesso. É preciso achar meios para despertar o interesse pelo

viver. Cabe ao profissional fazer uso do entusiasmo que, por meio da Arte, possa atingir os objetivos almejados.

É a partir do fazer artístico e de suas propostas, capazes de mobilizar conteúdos internos, movimentar sensações, chacoalhar angústias e transformar pareceres em energia pulsante que o idoso é mobilizado a favor da construção de uma velhice digna de ser vivida. Ao entender seu papel de organizador do diálogo que ocorre entre profissional e idoso, o Arteterapeuta deve oferecer a motivação necessária para a realização das propostas que devem fazer sentido para a pessoa idosa e promover aprendizados e sensações diversas. O entusiasmo para a criação torna-se a base central do processo terapêutico.

Ao descrever a prática da Arteterapia, Selma Ciornai realça a importância de uma relação criativa e motivadora:

Na prática da Arteterapia, esta postura é igualmente presente e necessária, mas com um diferencial: o diálogo dar-se-á no contato pessoal (ao construir-se uma relação acolhedora e confirmadora), mas também no nível da motivação para a criação (quando a relação é estimuladora) e no nível da exploração conjunta dos significados de sons, formas, poemas e imagens criadas. Em vez de se colocar em uma posição de poder, emitindo interpretações e julgamentos sobre os trabalhos de seus clientes, o terapeuta relaciona-se com as expressões artísticas de seu cliente

com interesse genuíno e curiosidade, estimulando e facilitando o diálogo do cliente com suas próprias criações (2004, p. 49).

## ● **Criatividade**

Quanto mais criativa forem as propostas, maior será o estímulo oferecido por meio do fazer artístico. Poesia, literatura, histórias, arte e artistas. A Arte com toda sua grandeza serve como meio de despertar a vida escondida em meio a velhices encolhidas por um viver sufocante e por uma situação de pandemia que parece não ter fim. A existência necessita ser plena em toda e em qualquer idade.

## ● **História da Arte**

A História da Arte, os movimentos artísticos e os artistas em si tornam-se ferramentas potentes para o trabalho de Arteterapia.

Quanto mais explorada e mais esmiuçada a história da Arte for, mais enriquecidas serão as propostas. Oferecer ao idoso a oportunidade de envolver-se com temas culturais importantes enriquece seu repertório, ao mesmo tempo que engrandece o fazer artístico. Além de tornar-se uma forma de estimular conversas que desvendam fatos relacionados

à vida do idoso. Individualmente, é potente quando existe uma afinidade entre a História da Arte ou entre o artista apresentado e a temática do sujeito. Em grupo, é uma potente ferramenta capaz de propiciar a oportunidade de fala, escuta e troca de saberes.

A Arte e seu conhecimento sobre ela fazem com que as pessoas envolvidas aprendam sobre um mundo rico em estética e informações. Conhecimento que envolve seus pensamentos com questões interessantes da nossa história, que podem ser associadas às nossas próprias.

Oferecer o contato com a História da Arte é uma maneira de ampliar o conhecimento dos envolvidos. Um novo saber está diretamente relacionado à capacidade de perceber-se como ser atuante, existente e pensante.

Aprender para si. Aprender para contar, para filhos e netos. O conhecimento traz amplitude e, por meio dele, amplia-se a valorização da vida.

Defendemos a ideia de que expor os idosos ao contato com a obra de arte é de grande valia. O profissional de Arteterapia ganha em cada exposição visitada com um grupo de idosos, um caminho rico e fértil a ser percorrido, já que a obra de arte dialoga com o espectador. Trata-se de um meio eficaz de garantir ao profissional a oportunidade de dar vez e voz aos idosos que visitam exposições.

## *Análise de resultado*

Proposta feita e executada, chega o momento de analisar o resultado obtido. Os objetos produzidos pelos participantes, seja em forma de pintura, escultura, fotografia, artesanato, poesia etc., nunca devem ser julgados esteticamente pelo Arteterapeuta, em prol da mobilização de sensações e percepções.

Nesse contexto, os conteúdos sinalizados devem apontar para o deslumbrar da vida almejada pelas velhices comprometidas por um viver que, de uma maneira ou outra, sufoca o idoso, impedindo-o de valorizar a vida e a velhice vivida. Conversar sobre a velhice e suas questões tão amplas através do objeto produzido é o objetivo principal das propostas de Arteterapia.

Estéticas são, então, deixadas de lado como resultado de perfeição, mas buscar o belo em cada trabalho se faz importante, pois o “Eu que fiz” de cada peça produzida tem um significado absolutamente ligado à autoestima e à valorização do idoso.

O Arteterapeuta deve sempre pensar em estratégias que favoreçam e mobilizem o contentamento do indivíduo exposto à prática. Análises e conversas apontam o resultado que deve ser compreendido como um passo do caminho a ser trilhado.

Novas propostas virão e independentemente do resultado, o passo seguinte precisa ser dado.

## *Refinamento*

Esta etapa, final em cada processo, é na verdade um recomeço para os trabalhos que virão a seguir.

Após conhecer o sujeito idoso, identificar sua problemática de vida e de velhice, chega o momento de pensar nas estratégias que serão usadas para atingir os objetivos desejados. Após a execução da proposta e da análise do resultado obtido, é preciso aprimorar cada fazer e cada passo, para que o idoso possa estar inserido em um contexto evolutivo.

Sendo assim, cada trabalho terminado deve ser compreendido pelo Arteterapeuta como um meio de encaixar os próximos passos a favor de um entendimento pessoal. O caminho a seguir deve sempre conter novas e criativas propostas capazes de manter o interesse e a motivação pela Arte, pelo processo artístico e pela valorização deste caminhar proposto pela Arteterapia. Um caminhar com descobertas a favor de velhices significativas e vividas em sua essência.

E se envelhecer é uma construção de caminhos, a Arteterapia oferece ao caminhante a chance de ressignificar os passos já dados enquanto se constrói um novo caminhar para os passos futuros.

## **Caminhos na Pandemia**

Os sete passos da metodologia aqui apresentada mostram-se eficazes na compreensão do ser que envelhece e que vive a velhice na sua individualidade. A Arteterapia tem seu caminho trilhado na Arte e é isso que a diferencia das tantas outras maneiras de intervir a favor das velhices.

A partir de 2020, com a pandemia do Coronavírus, descobriu-se a importância de renovar as maneiras de atuar profissionalmente. Se o idoso não vai até o museu, encontrar um meio de fazer a obra de arte ir até ele é um desafio que precisa ser aceito pelo profissional.

Durante esse momento, **percebemos** como a solidão - acentuada pelo isolamento -, e a desvalorização da vida dos velhos clarificam a percepção da fragilidade escancarada pelo tempo repleto de idadismo, situação em que se envelhece sofrendo preconceitos sociais devidos à idade. **Reconhecemos** consequências do afastamento dos velhos dos encontros presenciais em museus e ateliês de Arteterapia: além da solidão imposta pelo vírus, há uma grande carência das trocas afetivas dos encontros presenciais.

Para agir a favor dessas tantas velhices isoladas, a arte estimula perspectivas mesmo quando a paisagem se faz turva. Museus fechados, idosos em casa com a porta aberta

para a depressão e para o declínio cognitivo decorrente da falta de estímulo social. Ao reconhecer esta problemática, algumas **estratégias** são elaboradas, de maneira remota, individualmente e para grupos. Tendo como objetivo aproximar por meio da arte quem está afastado, oferecer estímulos cognitivos e fomentar o aprendizado, temos que nos apropriar das tecnologias para seguir enxergando o grupo, bem como cada indivíduo que o compõe, e explorar a melhor forma de nos comunicar com idosos isolados ou institucionalizados. Cuidadores profissionais ou afetivos participam das atividades ao lado de idosos com problemas de esquecimento, sendo estes, mais do que nunca, a ponte entre o arteterapeuta e o idoso.

Nestes tempos de pandemia, o **afeto** se mostra ainda mais potente ao vencer as barreiras impostas pelo isolamento físico e pelas dificuldades de acesso ao mundo tecnológico. É possível afetar-se uns com os outros mesmo que por quadradinhos virtuais. E por esses quadradinhos o arteterapeuta deve mostrar seu **entusiasmo**, incentivando a criatividade e a produção de quem busca, por meio da arte, uma forma de pertencimento e ressignificação da vida, da velhice e deste momento que vivemos. Além disso, a **história da arte** cumpre seu papel de engrandecer a rotina dos participantes.

Nas caixas enviadas às instituições, inserimos materiais como tintas, grandes gizes de cera fáceis de manusear, *glitter*, lantejoulas, entre outros; todos são materiais que estimulam um manuseio mais livre e criativo, capazes de dar mais vida à arte do que os materiais usados rotineiramente, como os lápis de cor. Mandamos também cartões postais para que cada um tenha a sua imagem de uma grande obra da história da arte, mas reproduções maiores são necessárias para que idosos de baixa visão percorram a obra com um olhar atento e detalhado. Para as atividades abertas ao público, elaboramos possíveis releituras de obras a partir do Canva<sup>40</sup> ou da alteração de imagens, tornando-as preto e branco e/ou recortando-as. O produto era enviado por e-mail para quem tivesse a possibilidade de imprimir, mas uma simplificação da forma era pensada para orientar o desenho num papel em branco. O material a ser utilizado ficava a critério de cada pessoa, do que tinha disponível, sendo lápis de cor e aquarela os materiais mais utilizados.

Na esperança de que nossos aprendizados sejam coletivos, apresentamos um relato das experiências vividas no projeto, destacando exemplos de refinamentos aplicados ao longo do projeto.

---

40 Canva é uma plataforma de design gráfico que disponibiliza templates, imagens e símbolos, permitindo aos usuários a criação de diversos conteúdos visuais.

A primeira oficina remota com uma Instituição de Longa Permanência para Idosos trouxe grandes aprendizados. O grupo tinha cerca de 15 pessoas e o tema era "Jardim de Monet". A caixa enviada como um presente desperta o interesse dos idosos, mas desta vez os olhos curiosos também atentam para os *tablets* e as vozes saindo deles. A cuidadora J. nos conta que já faz seis meses que não acontece atividade alguma ali e todos vivem uma rotina sem grandes acontecimentos. As dificuldades são diversas no início, não nos escutam, não os escutamos, a internet é muito instável e há muita interferência, o que dificulta o estabelecimento de uma relação com eles.



A solução é o cuidado genuíno: outra cuidadora entra pelo celular e, com muita dedicação, faz a ponte e adiciona o afeto. Ela repete nossas perguntas, sabendo como despertar maior atenção em cada um deles. Nesta nova etapa do projeto, os cuidadores são nossos olhos e nossas mãos, o que nos faz perceber que não adianta uma ótima tecnologia sem cuidadores afetivos dispostos a colaborar.

Aos poucos percebemos também que, nessas condições, o melhor a se fazer é focar mais no fazer artístico. Na segunda ILPI a conversa é sobre Degas. Pinturas de bailarinas de MDF são feitas com o auxílio dos cuidadores, que passam o celular de um a um, possibilitando uma participação ativa de todos os idosos, cerca de 15 pessoas. Sem a apresentação do pdf expositivo, percebemos que a atividade flui melhor e, como as caixas de presente já contêm reproduções das obras, o conteúdo não se perde, fica, na verdade, melhor realocado. Pedimos para que os idosos descrevam a cena das reproduções e começamos a conversa a partir daí.

Nas atividades on-line abertas ao público, exploramos mais o uso da tecnologia para nos aproximar das pessoas e aproximá-las do tema. Uma música abre e fecha as oficinas. Aprender sobre história da arte é uma viagem no tempo e no espaço. Na oficina sobre o jardim de Monet, a música

nos leva para a França do século XX. A arte possibilita um deslocamento e a arteterapia potencializa o deslocar interno, enquanto nos salva do distanciamento físico imposto pela pandemia.

Familiares e cuidadores são fundamentais nas atividades on-line para os idosos com autonomia comprometida. Presencialmente nossa equipe se atenta a dar atenção especial para idosos com problemas de esquecimento. Na parte teórica das atividades on-line, direcionamos as perguntas para os idosos, mas o acompanhamento da atividade e a manutenção da atenção fica por conta dos cuidadores profissionais e/ou afetivos. Na hora do fazer artístico, optamos por nos dividir em salas virtuais, em que cada integrante da equipe coordena uma delas para garantir a adaptação da explicação e da atividade para os idosos com problemas de esquecimento.

A qualidade do trabalho em grupo se mantém dentro e fora da tela e todos os estímulos convergem em elogios. Para nossa surpresa, há aproximação e afeto, o que faz o distanciamento físico parecer mais leve. A produção artística movimenta uma interpretação e reinvenção da vida e, ao mostrar e discorrer sobre as reflexões envolvidas no fazer artístico, a pessoa se reconhece e permite que outros se reconheçam nela, promovendo ainda maiores reflexões.

## Considerações finais

Podemos apontar a relevância de projetos em grupo, da arteterapia, da estimulação cognitiva e de espaços de socialização, como o museu - que favorecem a união do aprendizado com o prazer - não só pela diminuição dos prejuízos causados pela pandemia, mas por apontarem prospectivamente para ações que possam vir a reverter e amenizar muitos desses prejuízos no período pós-pandemia.

Levar a história da arte para a casa das pessoas é fundamental pois engrandece a rotina de tantos velhos, interessantes e interessados. Acreditamos que, com o fim das estritas restrições indicadas, especialmente a preservação física dos mais velhos, estes poderão desejar ocupar os espaços culturais, seguindo com a aprendizagem dentro do museu, ao vivo e a cores, experienciando as obras de arte de perto e ao lado de tantos outros frequentadores. Bom será ter os espaços culturais prontos para recebê-los.

Por ora, seguimos caminhando e, entre tantos aprendizados, a certeza da força dos velhos, que mantêm a fé com uma facilidade invejável, que aprendem com as dificuldades, que se conectam neste mundo tão novo e repleto de quadradinhos virtuais e que acalmam os mais novos no desespero de existir.

Em situação de pandemia acabamos por conhecer uma outra importante função da Arteterapia, qual seja, ser um instrumento de inclusão digital para os tantos idosos que se aventuram a navegar por esses novos mares que, mesmo revoltos, são capazes de ensinar que pela Arte cumprimos nosso direito de existir em plenitude.

A pandemia evidenciou o papel da Arteterapia para as velhices e mais do que nunca essa intervenção se faz necessária para o tempo presente e para um tempo futuro.

Alguma dúvida de que a ciência nos salva enquanto a Arte nos afaga?

Celebramos o viver com suas dificuldades que nos fortalecem.  
Amanhã já é futuro e certamente será um novo dia.

## REFERÊNCIAS

CIORNAI, S. (Org.). **Percurso em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

CIORNAI, S.; OLIVEIRA, M. B. P.; SCHWINDEN, R. G. (Orgs.). **Arteterapia no processo do envelhecimento**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020. (184p. ISBN:978-85-7854-501-7).

CÔRTE, B.; & POMERANZ, C. Velhice e Arteterapia na teia

de significados. *In*: CIORNAI, S.; OLIVEIRA, M. B. P.; SCHWINDEN, R. G. (Orgs.). **Arteterapia no processo do envelhecimento**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020. (ISBN 978-85-7854-501-7).

KAGIN, S.; LUSEBRINK, V. **The Expressive Therapies Continuum, Art Psychotherapy**, vol. 5, pp.171-180. New York: Pergamon Press, 1978.

POMERANZ, C. T. **Arteterapia nas paisagens das velhices: método preamar de intervenção**. 2017. (121 f.) São Paulo, SP: Dissertação (Mestrado), Curso de Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

---

**Cristiane Tenani Pomeranz** - Especialização em Arteterapia, Instituto Sedes Sapientiae e em Arte-Reabilitação pela AACD. Mestrado em Gerontologia Social pela PUC-SP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento, onde escreve no Blog Poética da Velhice. Arteterapeuta do Projeto Faça Memórias e do Ateliê Arte & Inclusão no MuBE-SP e idealizadora do Faça Memórias em Casa.

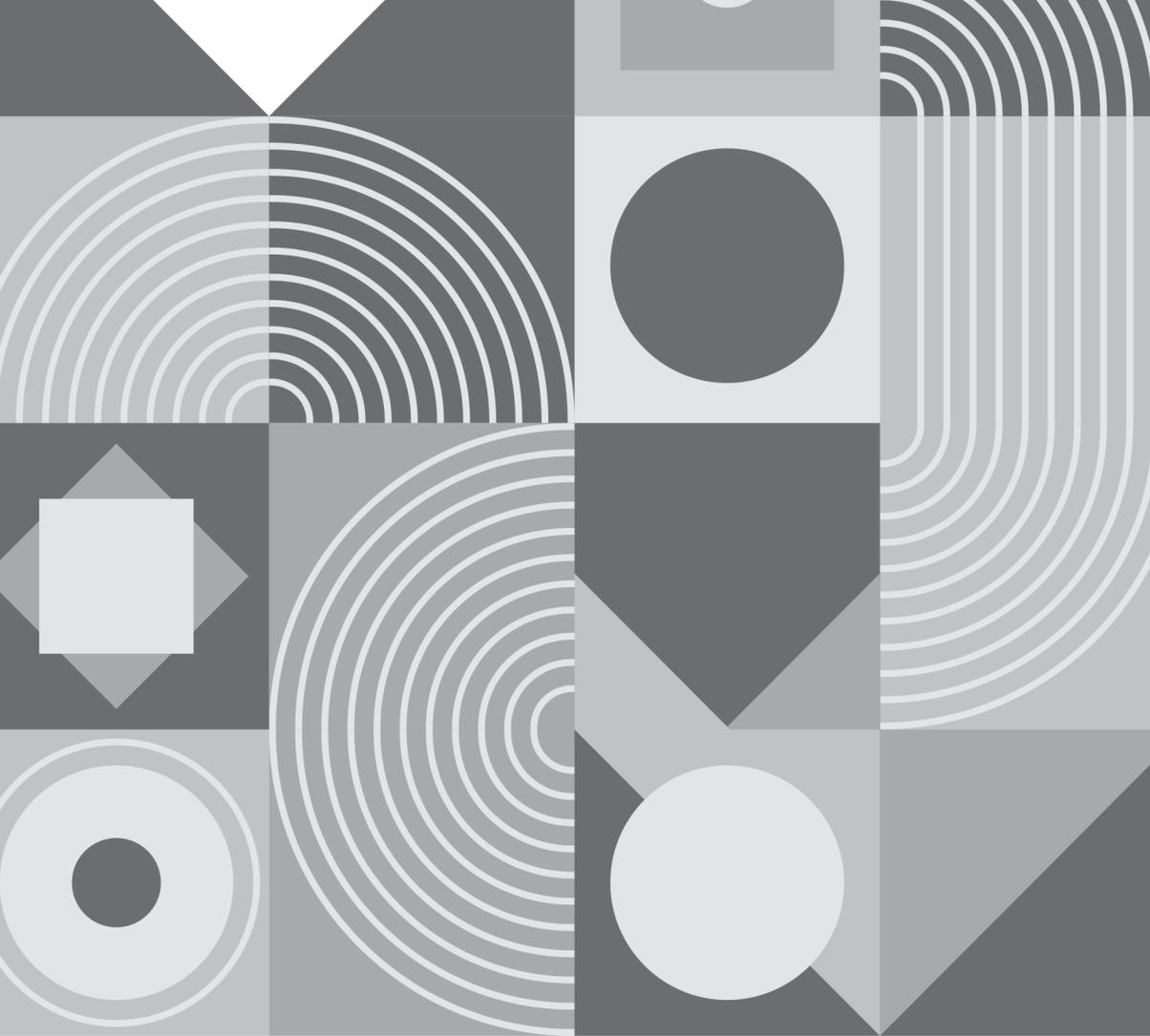
**ID Lattes:** 8913870567304528

**E-mail:** [crispomeranz@gmail.com](mailto:crispomeranz@gmail.com)

**Dhara Côte de Lucena** - Estudante de Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo, e do curso de Arte: História, Crítica e Curadoria, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como representante de seu curso na Rede Latino-americana de estudantes de história da arte (RED-LEHA). É colaboradora do Portal do Envelhecimento e do Projeto Faça Memórias.

**ID Lattes:** 6641917895360542

**E-mail:** dhara.corte@gmail.com



**Grupo de mulheres amputadas em  
processo de envelhecimento:  
a arte do encontro entre *patchwork*,  
saúde e reabilitação**

*Isadora Di Natale Nobre | Ruth Gelehrter da Costa Lopes*



*“[...] um patchwork não se cria sem a diversidade, sem o confronto com as diferenças, sem a atenção e o cuidado com cada retalho, até que ele possa estar preparado para ligar-se aos demais. Também implica na abertura para novos retalhos, na potência de um trabalho que comporta o inacabado, ou na consciência de um tempo que não é o cronológico, que pode dilatar-se entre passado, presente e futuro. Mas, para que tudo isso ocorra, é preciso de um corpo que una, que tome a agulha e a linha, e enfrente uma costura que, talvez tenha que ser refeita, repetidamente refeita, até que possamos olhá-la e nos reconhecemos nela (RIZZO, 2008, p. 75)*

O fio condutor do grupo aqui apresentado será a saúde, por meio de um recorte de pesquisa realizada com mulheres amputadas em processo de envelhecimento.<sup>41</sup>

Sob a perspectiva da pesquisa qualitativa em saúde, baseamo-nos no interesse pela complexidade humana e suas produções através do “estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de

---

41 A pesquisa citada consiste na dissertação do Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia pela PUC-SP intitulada “Além de um corpo (d)eficiente: problematizando saúde e reabilitação a partir de um grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento”, realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio de bolsa de estudos concedida no período.

como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2014, p. 57). Portanto, nosso interesse recai sobre a subjetividade e suas produções.

O objetivo do estudo aqui descrito nasceu como fruto de inquietações acerca da saúde na velhice, a partir da experiência com idosos amputados em processo de reabilitação. No contexto da clínica psicológica, percebe-se que ideais de saúde, assim como de corpo e de vida, norteiam condutas e expectativas de tratamento. Tais ideais, banhados por valores contemporâneos da produtividade e do desempenho, apontam para um corpo apreendido sob o viés do organismo, do diagnóstico, da funcionalidade e, portanto, o corpo amputado é capturado por um olhar que o apreende exclusivamente pela perda de um membro, pela falta, pela ineficiência.

A problematização das concepções sociais hegemônicas de saúde na velhice levou à investigação dos significados de saúde, reabilitação e velhice, para um grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento, com intervenção por meio da técnica de *patchwork* — uma pesquisa qualitativa na qual o grupo se uniu pelo fio condutor da saúde no entrecruzamento com a arte. Ao longo de cinco encontros, nos quais as participantes costuravam, em meio a risadas, choros, compartilhando histórias, criavam também o próprio modo de habitar o tecido, o corpo, a vida. A arte como potência de

criação na construção de saúde que ganha cor e vida pela experiência do encontro.

Segundo Conti (2016), “mudar significa estar vivo” (p. 29). Baseando-se no pensamento de Espinosa, Tótorra (2015) afirma que “afecção é o poder de ser afetado. O afeto é a variação experimentada no encontro dos corpos” (p. 38). A cada experiência mudamos, tornamo-nos outro, um novo corpo, uma nova costura nas múltiplas possibilidades de arranjos e intensidades:

O enlace, a união, o cruzamento de linhas, entrar e sair do tecido, idas e vindas que formam uma correlação que interliga todas as partes. Para isso há que se considerar as características do tecido, consistente e ao mesmo tempo comportando uma flexibilidade, uma abertura que permite cruzamentos e arranjos que os atravessa. Assim, podemos considerar o nosso corpo, dotado de matéria organizada e consistente; entretanto, aberto às linhas que o atravessam, campo de afetos advindos de encontros diários (NOBRE, 2019, p. 64).

A amputação as lança [mulheres amputadas, no presente caso] em um mundo desconhecido, um novo contexto de vida que envolve perdas e sofrimentos, mas também forças e transformações. A saúde que vivenciam não é

ausência de doença ou o completo bem-estar, mas uma *grande saúde*, que se utiliza da doença como estímulo ao *mais-viver*, aumentando a força de vida (NIETZSCHE, 2008).

A técnica do *patchwork* através da junção dos retalhos permite novos olhares e novos arranjos de si. Pelo *patchwork*, as mulheres amputadas conseguem ressignificar lugares subjetivos, atribuindo novos sentidos à vida e à própria velhice. O vínculo do grupo construído pela troca, cooperação, escuta e acolhimento proporciona um lugar de pertencimento e de reconhecimento no qual podem elas se expressar livremente:

Os movimentos de emendar, retalhar, recuperar, fragmentar, unir, costurar, compõem ações que, ao mesmo tempo que, operam uma obra artística – porque inventiva –, trazem o valor daquele trabalho que nos extrai, da alma, o melhor que temos, e se relança sobre nós como transformação de nossos farrapos (RIZZO, 2008, p. 62).

Juntas, elas conseguem ultrapassar a visão restrita de si, definida pela perda de um membro para ampliar a experiência do próprio corpo, que respeita e compreende seus limites, porém que integra aspectos da vida vivida. Toda a vida vivida traz em si o sabor e as marcas das experiências, desde as mais

dolorosas até as mais prazerosas; a vida não escolhe e nem compara; ela simplesmente existe; ela é. Estar aberto à vida é vivê-la com tudo o que nos proporciona em sua intensidade e devires.

Afastamo-nos do pensamento cartesiano que exclui, separa e categoriza, para nos aproximarmos do pensamento que inclui e integra; afinal, a multiplicidade é a marca do que chamamos de vida. Contudo, esse processo de transformação do olhar e da apreensão de si não se dá sozinho; é instigado e provocado pelo grupo, no encontro a partir da experiência coletiva.

Assim, é possível entrar em contato com a diferença do outro e ao mesmo tempo com a diferença de si mesmo. Simoni e Moschen (2015) utilizam-se do termo *outrar* para explicar essa mudança constante, essa alteridade:

*Outrar* vem então colocar em questão os discursos da identidade, que insistem em relegar à existência uma substancialidade previsível, o que em nada lhe diz respeito. É de Nietzsche (2004) o conhecido aforisma *torna-te quem tu és* – convite a não temer a dimensão do tornar-se, *outrar-se* – no qual podemos ler que, de algum modo, existe distância entre onde se está e o que se é. Desde aí, *outrar* implica uma fronteira em movimento, uma estranheza que

começa a ganhar contornos (fluídos) e que, por isso mesmo, desloca, desequilibra, interroga. Um eterno re(começar), pois ainda que tenhamos a sensação de que o tempo é só sucessão, ele não é senão corte e remontagem (SIMONI; MOSCHEN, 2015, pp.180-181).

O grupo como “catalisador de forças que podem fazer emergir outros modos de existencialização” (RIZZO, 2008, p. 7) faz com que as identidades se transformem; de pacientes amputadas passam a mulheres que trocam, compartilham, costuram. A arte da costura possibilita o resgate de sentidos de vida para continuarem a tecer histórias. Ali, o sofrimento também se expressa, se liberta e se transforma. “O processo ocorre em meio a gestos, sorrisos, choros compartilhados e acolhidos pelo vínculo que se estabelece. Lugar da arte, da criação, do *patchwork*. Nos encontros, a invenção de modos singulares de existir” (NOBRE, 2019, p. 58).

A reabilitação por uma deficiência física foi o que as uniu e proporcionou estarem no mesmo lugar; porém, habitam outros terrenos comuns; todas são mulheres em processo de envelhecimento. A arte através da técnica do *patchwork* foi a ferramenta escolhida para a construção do espaço grupal e as propostas apresentadas. O

vínculo já estabelecido previamente se fortalece a cada novo encontro. Afinal, o que compõe um grupo, ou melhor, um bom encontro?

[...]. Tomando o corpo como referência, sua potência varia segundo seu poder de afetar e ser afetado. Bom encontro é quando um corpo se compõe com outro, aumentando sua potência de agir e produzindo afetos de alegria. Mau encontro são as relações entre naturezas que não se compõem, em que um corpo subtrai a potência de agir do outro, provocando afetos de tristeza (DELEUZE, 2002, p. 33, *apud* TÓTORA, 2015, pp. 35-36). A potência de agir – o mesmo que força de existir – varia de acordo com o encontro de um corpo com outro exterior (TÓTORA, 2015, pp. 35-36).

Passemos, então, ao encontro dos corpos.

***Pano de fundo: conhecendo as participantes, o contexto e a técnica***

O foco nas participantes, - mulheres amputadas em processo de envelhecimento -, exigiu que ampliássemos o olhar a corpos e velhices marginalizados pelos ideais sociais vigentes. Compreendendo a vida e a saúde sob uma outra ótica tais

corpos podem habitar outros tantos modos legítimos de saúde em pleno envelhecer.

A escolha pela abordagem qualitativa de grupo focal ocorreu para que fosse possível ouvi-las, responsáveis por suas falas e escolhas, o que muitas vezes na área da saúde não acontece – vozes são caladas e condutas são realizadas sem levar em consideração o contexto, desejo e opinião do próprio sujeito a quem o tratamento é endereçado.

O grupo focal é uma modalidade de entrevista coletiva que “permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas” (COSTA, 2006, p. 180). Tal estratégia de investigação trata de acompanhar a formação das percepções e reflexões, assim como de suas transformações ao longo do tempo.

A arte entra em cena, pois, para além das palavras, as expressões se fazem presentes de diversas formas não verbais, na escolha dos materiais, no tempo da produção de cada etapa, nas trocas, nos gestos, nos silêncios.

O *patchwork*, técnica escolhida, consiste na união de retalhos. Tecidos diversos em suas estampas, cores, texturas que, ao se misturarem, não abafam as diferenças, não pretendem normatizar e padronizar, mas compor. A diversidade é acolhida, a reprodução é deixada de lado e a criação toma frente.

Não há certos e errados; traça-se um projeto terapêutico singular-coletivo que faz emergir o melhor de cada um, o que cada tecido tem em sua potência de compor. Fazer e desfazer é movimento necessário, estar aberto às imprevisibilidades e surpresas do encontro dos fios.

As participantes selecionadas já haviam estado juntas antes. Foram as primeiras pacientes do grupo de *patchwork* da instituição de reabilitação da Associação de Assistência à Criança Deficiente<sup>42</sup> (AACD), unidade Ibirapuera, de São Paulo.

Esse é um grupo multidisciplinar composto por uma psicóloga e uma arteterapeuta, criado em 2016, e oferecido como procedimento dentro do tratamento de reabilitação. Portanto, um vínculo já havia sido estabelecido entre participantes e terapeutas, facilitando a proposta do grupo atual. Das quatro participantes, uma não conseguiu estar presente na pesquisa por incompatibilidade de horário e falta de transporte.

Seus nomes originais deram lugar às cores e símbolos utilizados em suas produções:

---

42 "A AACD é uma organização sem fins lucrativos focada em garantir assistência médico-terapêutica de excelência em Ortopedia e Reabilitação. Fundada em 03 de agosto de 1950, a AACD nasceu do desejo do Dr. Renato da Costa Bomfim, especialista em Ortopedia, de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência física no Brasil." (AACD, [2021], on-line). Disponível em: <https://aacd.org.br/a-aacd#:~:text=Fundada%20em%2003%20de%20agosto,com%20defici%C3%AAncia%20f%C3%ADsica%20no%20Brasil>. Acesso em 30/02/2021.

M., viúva, branca, 57 anos, sem filhos, aposentada, do lar, mora sozinha, é a brincalhona do grupo, contagiando-o com sua maneira extrovertida de ser. Transforma-se em *Amarelo-sol*.

S., negra, 75 anos, aposentada, viúva, sempre trabalhou em casa, cuidando dos afazeres domésticos e da criação dos filhos e netos. Coração do tamanho do mundo, sempre esteve de braços abertos para acolher a família, com grande dificuldade em dizer 'não'. Ela passa a ser *Verde-florido*.

P., a mais nova do grupo, 52 anos, branca, trabalhava como enfermeira, aposentada há muitos anos, devido a um quadro de Acidente Vascular Encefálico - AVE isquêmico (1999), em decorrência de um acidente automobilístico. Separada, possui um filho de 20 anos com quem mora. Transforma-se em *Água-marinha*.

Todas amputadas de membro inferior, por etiologia vascular, realizaram tratamento via Sistema Único de Saúde - SUS.

***Preenchimento: separando os materiais, alinhando as propostas***

O grupo aconteceu em cinco encontros em uma das salas da Psicologia Adulto da AACD, nas seguintes datas: 29/11/2018, 23/01/2019, 30/01/2019, 13/02/2019 e 20/02/2019.

Cada encontro teve duração aproximada de duas horas e, além da pesquisadora principal como moderadora e facilitadora do grupo, contamos com a participação da arteterapeuta que atuou voluntariamente como moderadora assistente, auxiliando com a técnica da costura, além de anotações e observações pertinentes ao trabalho de campo. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. Além das produções das participantes, fotos, vídeos e um diário de campo formaram os dados para posterior análise.

Nos dois primeiros encontros estavam presentes somente *Amarelo-sol* e *Verde-florido* devido a dificuldades de contato e exame médico de *Água-marinha*.

O primeiro encontro foi o momento de conversarmos sobre a proposta da pesquisa, e sobre como elas estavam desde o encerramento de nosso grupo em 2016. A partir do segundo encontro, iniciamos a produção dos blocos<sup>43</sup>, cada dia com um tema específico. Os materiais utilizados foram: retalhos de tecidos de algodão de cores e estampas variadas, lantejoulas de cores variadas, fitilhos, laços, brilhos adesivos variados, tule branco, colas para tecido, pincéis, tesouras, canetas hidrográficas coloridas, alfinetes, linhas, agulhas, máquina de costura.

---

43 Segundo Conti (2016), bloco é o termo utilizado na técnica de patchwork no qual se costuram pedacinhos de tecido formando determinado desenho (p. 18).

As pesquisadoras tinham a função de ajudá-las a expressar e transformar seus sentimentos e ideias na produção de seus blocos, mas a escolha era de cada uma. Como duas participantes estavam com problemas na visão, também auxiliavam na execução de algumas tarefas quando necessário.

### ***Tempo da construção: cerzindo linhas e vidas***

A nova grafia utilizada nos subtítulos marca a unicidade de cada experiência que não se repete, mas que é sempre singular, pois as pessoas nunca são as mesmas e as circunstâncias também não.

## **1.O (Re)encontro**

O reencontro se deu no primeiro dia, após aproximadamente dois anos de encerramento do grupo de *patchwork* da instituição. Nesse dia, além da explicação da pesquisa e leitura e assinatura dos termos de consentimento e uso de imagem e voz, perguntamos como estavam suas vidas e suas percepções sobre a participação delas no grupo de 2016.

O que começou como tratamento de saúde se tornou lugar de acolhimento e construção de vínculos:

*Verde-florido: “Ah, depois da alta, eu senti um pouco, porque eu tava aqui toda semana, né?, eu arrumei muitas amigas aqui [...]. Arrumamos um grupo de amigas e enquanto não tava fazendo nada nós tava, bem dizer, bagunçando um pouco, né...? (risos). E nós sentia muito bem, pelo menos eu, né? Nós encontrava com as colega, aí eu não via o dia de chegar terça-feira, que era pra mim vim...”*

Compartilham experiências amorosas, o olhar do outro permitindo um novo olhar para si:

*Amarelo-sol: “Ichii, me mostrou assim que eu estou viva, sabe, assim? Uma coisa que eu jamais pensei que ia acontecer. Um homem se interessar por mim? Não importa, foi ali, momento, sei lá, mas nunca, jamais, eu falei, magina! [...]. Me achei, né?, filha! (risos). [...]. Ah, mudou tudo, agora...”*

Um corpo que incorpora os estigmas sociais...

*Amarelo-sol: “Não, não é que é mentira, mas eu tô olhando ali no espelho, né?, eu tô vendo, pô!, eu já tenho idade, sabe?, eu sou gorda, sabe?, tô amputada, pra tirar prótese, põe a prótese, né?”*

... de repente ganha outros olhares e papéis, resgatando a sexualidade e o prazer que ainda pode ser experimentado:

*Amarelo-sol: “[...]Vocês nem sabem, eu tô me achando! (risos). [...]. Eu, sinceramente, tô me*

*achando, não assim bonita, não, nada disso, mas tô me achando mulher, entendeu? Coisa que eu não era antes, antes eu achava que eu não era mais, eu não era mais mulher! [...]. O cara me beijou! Entendeu? (risos) [...]. Me pegou, me apalpou! Ai, que vergonha, né?, mas é gostoso, sabe como é? Sabe?”*

Também compartilham como estão as experiências com costura. A estética da existência aparece na confecção de sua própria roupa, na resistência aos modelos impostos e na singularidade de seu próprio corpo:

*Verde-florido: “... tô mexendo, assim, com agulha e linha, mas arrumando blusa minha. Às vezes, eu compro uma blusa e começa a apertar por causa da barriga, eu abro ela até aqui, põe aqui, põe lá (risos). Abro, emendo. Às vezes a minha comadre fala assim: ‘o que você está fazendo aí?’, aí ei falo, essa blusa tá me pegando aqui, ó, ela fica assim (mostra no corpo), e vai enrolando, né?, por causa da barriga, aí eu abro aqui (aponta a lateral da roupa), faço barrinha aqui, abro ali; às vezes se é de manga, eu corto um pedaço da manga (risos) E assim eu vou.”*

Refletem sobre como estavam antes do tratamento e as transformações que perceberam com o processo de reabilitação:

*Verde-florido: “Ah, eu vou te falar a verdade: antes de eu entrar aqui eu me sentia um lixo.... Eu falo a verdade, eu me sentia, Deus me livre!, eu não sabia... eu acho que eu parecia uma parasita, assim, ó, que não... eu não dava nada pra mim não.... Vivía direto chorando, nervosa, não podia ver ninguém, olha, às vezes só... fechava a janela do meu quarto, fechava a porta e ficava quieta no meu quarto, não queria conversar com ninguém... Aí, quando eu comecei a fazer o tratamento aqui... E eu achava que era só eu, mas quando eu vim aqui que eu vi que... que às vezes tinha alguém mais pior do que eu, eu melhorei bastante, graças a Deus eu melhorei, e cada dia que eu vejo eu melhora mais, eu dou muito graças a Deus que eu tô viva, que às vezes muitos nem...né? Eu tô bem e quero melhorar mais, que nem agora, vou operar a visão depois vou começar o tratamento dentário, né?”*

*Amarelo-sol: Nossa!, quando eu entrei aqui na AACD, eu era acabada, né? Não tinha...”*

*Verde-florido: Acho que todo mundo entra acabada, né? Acho que todo mundo.*

*Amarelo-sol: “Não tinha perspectiva de nada, não, magina! Só chorava, de manhã, de tarde, de noite, qualquer hora, o povo ia lá em casa, era uma choradeira. Depois eu falei: ‘não, ué, tô lá na AACD, todo mundo é alegre’; aí comecei, né?, nas fisioterapias, foi indo, foi indo, hoje eu... totalmente diferente.”*

A experiência da reabilitação traz esperança, motivando-as a cuidar de si e resgatando a alegria pelo encontro:

*Verde-florido: “[...]eu tô bem, graças a Deus, porque... eu falo a verdade: se não fosse a AACD eu não sei o que seria de mim não, porque eu não ia conseguir pelo menos andar do jeito que tô andando, trocar ideia, ... e a amizade que eu peguei com as minhas colegas que são todas iguais a mim, né, que tem sempre aquelas que alegra, que fala aquelas piadas, né? (risos).”*

*Amarelo-sol: “Isso que é bom!”*

*Verde-florido: “Isso é verdade”!*

Recordam do grupo de *patchwork* de 2016, reconhecendo a escuta e o acolhimento como fontes de fortalecimento:

*Verde-florido: “Ah, aquele negócio que a gente fazia, né?, as ideias, as conversas que a gente... que vocês passavam, assim, a gente se sente bem, né?, com uma palavra amiga, uma palavra que levanta a moral da gente, né?, que a gente vê que alguém lembrou que a gente... entendeu? Então, eu me senti muito bem.”*

*Amarelo-sol: “É, eu também, né?! Também foi assim, também...”*

E o desejo de continuar com este grupo é explicitado:

*Verde-florido: “Um dia eu falei... não sei se a Amarelo-sol lembra, eu falei pra Amarelo-sol: ‘nós vamos receber alta, essas pessoas podiam resolver alguma coisa pra nós fazer pra nós não sair daqui!’, né?”*

*Amarelo-sol: “É, é verdade, toda vez a gente falava! É, vamos continuar o grupo! É, a gente sempre falava! (risos).”*

*Verde-florido: “Vamos continuar! (risos)”*

*Amarelo-sol: “É verdade!”*

*Verde-florido: “Eu falei pra ela, ai, meu Deus!, quando a gente sair daqui, tiver alta, não tem que fazer nada, semana e semana dentro de casa, né? Fala ‘ai meu Deus!’...”*

*Amarelo-sol: “E outra, o que a gente conversava no grupo depois a gente ia pra casa, ia remoendo aquilo, né?”*

*Verde-florido: “É!”*

*Amarelo-sol: “O que foi falado, o que você fez, aí na outra semana, ‘meu Deus, eu fiz isso? Olha!’, eu tava, né?, vendo uma coisa diferente, né, então, eu sei lá, pra mim foi muito importante, sabe?”*

*Verde-florido: “Eu também, graças a Deus!”*

Por fim, uma nova abertura à vida:

*Amarelo-sol: “Porque abriu assim, né?, antes eu... assim ó (mostra com gesto de mãos, no rosto ‘estreito’). Fechadona! Não tinha expectativa de mim mesmo, depois foi melhorando, melhorando...”*

*Psicóloga: “Se abriu pra vida?”*

*Amarelo-sol: “É!”*

## **2.Reabilitação: capacidade de se (Re)-inventar**

Nesse encontro, o tema foi a Reabilitação, iniciando a confecção dos blocos; e as perguntas-provocativas que nor-teariam a proposta do dia foram: pensando na vivência na AACD, quais os sentidos da reabilitação para cada uma? Quando falamos em reabilitação, o que experimentam de afetos, pensamentos, histórias?

Os recursos foram apresentados e logo começaram a expressar suas opiniões sobre o processo de reabilitação, também presentes na escolha dos materiais.

*Figuras 1 e 2. Alguns materiais para a confecção dos blocos*



Fonte: autoria própria (2019).

*Verde-florido: “Ah, pra mim significa coisas muito boas, né? [...]. Eu entrei de um jeito e, graças a Deus, hoje eu tô outra pessoa. [...]. Era uma acabada, né? (risos). É, porque eu entrei aqui acabada!”*

*Amarelo-sol: “Eu queria um pedacinho preto. [...]. Ah, mas pode ser marrom, porque começou escuro, né?, depois que clareou. (risos)”*

*Verde-florido: “Eu me sinto agora alegre, né? Eu queria um pouco estampado aqui.”*

Aos poucos, em meio a silêncios, risadas, concentração, descontração, suas produções vão ganhando formas e cores:

***Figuras 3 e 4. Mãos que cortam, colam, costuram***



*Fonte: autoria própria (2019)*

Relembrem a experiência da amputação. Desesperança e tristeza ao lidarem com o luto da perda do membro:

*Verde-florido: “Pra falar a verdade eu não aceitava o que tava acontecendo comigo, não. Eu fiquei muito ruim, eu achava que não podia tá acontecendo o que estava acontecendo, mas tava né?, fazer o quê? [...]. Agora eu me sinto melhor, graças a Deus, porque na semana que eu acordei que eu me vi sem perna, meu Deus, eu falei: ‘não, por que que eu já não morri logo? Pelo amor de Deus!: Ai minhas filhas: ‘Mãe, não é assim...’, ‘mãe, não é assim o quê?’ Olha, não foi fácil não, viu?”*

*Amarelo-sol: “É, quando a gente acorda...”*

*Verde-florido: “Aí entrou um médico lá na... que me atendia: ‘você vai andar porque eu vou encaminhar você pra AACD’; eu falei: ‘que AACD, o quê!’ (risos) [...]. Nossa!... é porque eu nunca tinha conhecido, não queria saber de nada, né? Olha, pra falar a verdade, eu não tinha esperança. [...] Hoje eu estou bem, agradeço a Deus, né? Eu agradeço a Deus, peço a Deus, e em primeiro lugar agradeço às pessoas que me levantou muito pra cima, né? Porque sempre tem aqueles que te fala: ‘ai, nossa, coitadinha!’, eu detesto; coitadinha, como? Eu não sou coitadinha, né? Tem pessoa pior do que eu e tá aí se movimentando, né? Então, eu agradeço muito aquelas médicas da Santa Marcelina, onde eu me trato, as médicas, enfermeiras, pessoas que cuidou de mim, eles cuidaram de mim e cuidam até hoje, quando foi do transplante e quando eu amputei a perna. Então, eu fiquei bem quase dois meses, quase três meses ali no hospital com elas, né?, e depois de lá eles me encaminharam pra cá; então, eu fui pegando aquela união com todo mundo, e eu fui me sentindo bem melhor, e hoje eu me sinto bem, graças a Deus. Me sinto bastante bem.”*

Expectativas com o tratamento ao lidar com a dependência que a nova condição impõe:

*Amarelo-sol: “Eu achava que eu ia chegar aqui, ia ter uma perna aqui, iam me colocar e eu ia andar (risos). Eu achei que era assim. Aí, minha vida é antes e depois da AACD. Entendeu? Eu só chorava, e quando eu cheguei aqui na AACD, eu vi essas criancinhas, né? Eu falei: ‘meu Deus!, eu nasci perfeita, né?’, eu mesma estraguei a minha saúde... eu falei ‘e essas criancinhas, tudo contente’. Aí eu passei nos médicos tudo, né?, aí eu lembro bem assim da fisioterapeuta e da médica, né? A Dra. falou pra mim: ‘a senhora quer andar?’ Eu falei ‘quero, tô aqui pra isso’; aí ela pegou e falou: ‘então, a AACD vai investir na senhora, a gente vai reabilitar a senhora, eu não estou prometendo prótese nenhuma pra senhora, eu tô prometendo que a senhora vai se reabilitar, a senhora vai cuidar de você’. Que aí era a minha cunhada que me ajudava, tomava banho, sabe? É uma humilhação, vamos falar a verdade, né? A pessoa que é dona do nariz dela, eu tinha um carro que era velho, mas era meu, tava pago, ia pra onde eu queria, ninguém me mandava, eu não ficava dependendo dos outros, não é que eu era soberba, não é isso, mas eu queria ir ali e eu ia, não precisava...”*

### E a emoção ao receber a notícia da prótese:

*Amarelo-sol: “Ah, vontade de pegar ela (médica) assim, sabe? E dar um abraço assim, sabe? Eu falei, meu Deus, né? Aí fui pra Oficina, aí cheguei lá, foi o R. que fez, né?, muito legal ele, muito, muito, muito. Aí falei: ‘R., eu vou*

*andar?’. ‘Claro, a senhora tá aqui pra isso’, ele falou. Eu falei: ‘R, você já viu uma pessoa gorda que nem eu andando?’; ele falou: ‘A senhora não andava antes quando era gorda?’ (risos). [...] Na hora que eu fiquei de pé, eu nem acreditei. Eu tenho até filmado! [...]... nossa, meu Deus!’”, eu falei, não, eu tô andando mesmo, R.? Falei: ‘eu só não vou chorar porque estou na sua presença e eu estou com vergonha’. Ele falou: ‘pode chorar, pode chorar!’ Aí, menina, eu não acreditei!’”*

Após a alta, são convidadas a dar depoimento no curso para os pacientes que estão se iniciando:

*Amarelo-sol: “Falei: ‘ó, eu tenho uma experiência pra falar pra vocês’. ‘Não desista, né?, que a gente vai querer desistir’. Eu falei, ‘pessoas ao longo do caminho abandonam a gente, né?, tem pessoas que abandonam a gente, eu mesma fui abandonada’, aí eu falei: ‘vocês não ligam, que é assim mesmo, é que as pessoas são fracas, a gente é forte e elas são fracas e elas não conseguem acompanhar o ritmo da gente’. Aí eu falei:, sei lá se eu fiz bem ou se fiz mal, aí tudo bem, falei: ‘ó, eu ando pra lá e pra cá, mas, né?’, eu falei, ‘mas é com muita força de vontade, nada cai do céu’, falei: ‘tudo o que a AACD pedir pra vocês fazerem – falei a mesma coisa que a fisioterapeuta falou pra mim –, tudo o que alguma pessoa, médico,*

*fisioterapeuta, psicólogo passar vocês passarem, o que elas pedirem pra você fazer você faz, porque vale a pena’, eu falei: ‘até ficar de bruços, que elas mandam a gente ficar meia hora de bruços todo dia, né?, pro coto não entortar, que é chato, né?, ficar de bruços assim, pelo menos pra mim que sou gorda, é muito chato. Mas eu falei, pode fazer porque...*

Ao finalizarem os blocos, explicam suas produções. As diferentes etapas durante o processo de reabilitação retratados nas imagens e cores escolhidas:

**Figura 5. Bloco-reabilitação de Amarelo-sol**



Fonte: autoria própria (2019)

*Amarelo-sol: “Olha aqui (referindo-se à parte esquerda superior), no terror (risos), né? Sem experiência, sem... assim, sem esperança nenhuma, né? Aí, já ficou um pouquinho mais claro aqui, aqui já é a transformação, a borboleta, e aqui é a alegria de agora. Agora eu tô me achando! (risos). [...] de início tava no escuro. Aí aqui eu comecei a ver uma esperança, né?, comecei nas reabilitações, tal, aqui foi a transformação, né?, a borboleta que transformou, e aqui agora como eu tô, tô... tô me achando. (risos)”*

*Verde-florido: “Você tá: cheguei, né!”*

*Amarelo-sol: “Cheguei, chegando, né? (risos) [...]. Então, que quando eu cheguei, não tinha esperança, tava no escuro mesmo. Aí depois aqui já foi uma, né?... transformou.”*

*Verde-florido: “Eu não tão no escuro, tava em vista de uma revolta, entende?”*

*Amarelo-sol: Não, eu tava, não vou mentir, eu tava. Aqui não, né, aqui já tô mais alegrinha, mais contente, mais... e é isso.*

*Figura 6. Bloco-reabilitação de Verde-florido*



*Fonte: autoria própria (2019)*

*Verde-florido: “Eu gosto de coisa colorida [...] eu não fazia nada disso e agora eu faço, entendeu? Agora eu tenho vontade de pegar uma coisa e fazer, que antigamente eu não tinha vontade de nada, só tinha vontade de chorar e reclamar. E agora já não faço mais isso. A reclamação, que vai, sabe pra onde, né?”*

*Amarelo-sol: “Sai pra lá, né?”*

*Verde-florido: “Ai, em nome de Jesus, sai bem longe de mim! (risos).”*

### Metamorfoses que ambas vivenciam:

*Amarelo-sol: “É, mudei, transformei, assim, né?, porque antes não tinha...”*

*Verde-florido: “Pra melhor, né? [...]. Isso aqui me representa muita coisa, entendeu? Representa que hoje eu sou outra mulher, que depois que eu vim pra cá pra AACD, eu aprendi bastante coisa, melhorar a minha vida, que eu não dava nada por ela, e depois quando eu comecei o tratamento aqui, eu reconheci que sou outra pessoa, sou outra... tenho vontade de fazer as coisas, cada dia mais, e eu estou bem, não... tô ótima, e se não fosse pela AACD talvez eu nem sei onde que eu tava. Mas eu tô bem, graças a Deus, me sinto muito bem. E todas as coisas que às vezes eu faço aqui, eu faço com amor, com alegria, que eu gosto de fazer, eu me sinto bem, entendeu?”*

A reabilitação proporciona a mudança de si e da relação com a vida, que hoje pode ser desfrutada de outra forma:

*Amarelo-sol: “Eu cheguei sem esperança mesmo né?, depois fui fazendo as reabilitações, fui fazendo, né? Coisas assim que eu achava que jamais ia acontecer em minha vida e aconteceu, coisas assim que eu nem esperava mesmo, nunca, jamais, né?, então... e tô aí, né?, aproveitando, tudo que vem eu tô aproveitando, né? (risos), tô vivendo, né?”*

*Verde-florido: “Aproveitando mesmo, né?, Amarelo-sol?”*

*Amarelo-sol: “Exatamente.”*

*Verde-florido: “Quanto mais aparecer coisa pra nós, pra mim melhor, viu? (risos)”*

*Amarelo-sol: “Então, é, ué! (risos)”*

Encerramos esse encontro com a leitura de Rubem Alves:

*Eu quero desaprender para aprender de novo.  
Raspar as tintas com que me pintaram.  
Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.  
(ALVES, 2020)*

Palavras que encontram ressonância no devir-criança que se entrega à vida:

*Amarelo-sol: “É bem isso mesmo.”*

*Verde-florido: “Procurar buscar outras coisas novas [...]. Tiramos aquela carga pesada. Um novo caminho.”*

*Amarelo-sol: “Verdade. Até aprender a andar a gente aprendeu!”*

*Verde-florido: “Viramos nenê de novo. (risos)”*

*Amarelo-sol: “Então (risos), a gente desaprendeu para aprender de novo, né?”*

*Verde-florido: “Se tornar como uma criança. Quer aquilo e vai buscar!”*

Hoje, são donas de si. Finalizam o encontro com descontração e bom-humor:

*Amarelo-sol: “Sou dona de mim, não é verdade? Eu não sei o que Deus vai preparar pra amanhã, mas hoje eu tô mandando na minha vontade, tô mandando no meu corpitchu (risos), não é verdade? Eu tô fazendo o que eu quero fazer. E no final do ano, se Deus quiser, vou arrumar minha carta pra deficiente. [...] e aí depois, 2020, 2021, eu vou comprar um carrinho e... ser dona de mim! ‘Ó, dona Amarelo-sol!”*

*lo-sol, dá pra vir na AACD?’ Com certeza! Vou tá com um carrão.”*

*Verde-florido: “Passa lá e me pega! (risos)”*

### **3. Costurando Saúdes**

A partir desse encontro estiveram presentes as três participantes: *Verde-florido*, *Amarelo-sol* e *Água-marinha*. O tema do encontro foi Saúde.

Iniciamos com uma sensibilização, pedindo que fechassem os olhos e prestassem atenção a suas respirações, ao corpo, pensamentos, sensações. Após alguns minutos pedimos para abrirem os olhos e lançamos a pergunta-provocativa: no contato com seus corpos - do que já passaram e do que passam hoje -, qual o sentido de saúde para cada uma delas?

A proposta suscita perguntas e interpretações:

*Verde-florido: “Você quer dizer assim, uma parte da saúde boa, né, outra parte que não passou, ruim, e agora voltou boa de novo, é isso?”*

*Água-marinha: “Ela quer que a gente represente. Tipo assim, o arco-íris, no final do arco-íris tem uma coisa boa.”*

*Amarelo-sol: “Tem um pote de ouro!”*

*Água-marinha: “Entendeu? Então, a gente tá subindo o arco-íris, teve as fases...”*

## Relacionam saúde com doenças:

*Verde-florido: “Porque as outras partes, o negócio da amputação, do transplante, eu me sinto muito bem. E aí, nesse caso aí, eu tenho que pôr a peça conforme o bem, o mal, o mal e o bem.”*

## Mas também a apreendem sob um outro viés:

*Amarelo-sol: (risos) “O que eu quero colocar aqui, eu não posso.”*

*Psicóloga: “O que você não pode? Pode pôr, sim! O que que você não pode?”*

*Água-marinha: “Sexo!”*

*Amarelo-sol: “Não, não é sexo. Encher de coração aqui. A Água-marinha é doida! Não é sexo, não, Água-marinha, coração!”*

*Psicóloga: “Mas se for sexo, é saúde também.”*

*Água-marinha: “Aí, tá vendo?!”*

*Amarelo-sol: “Lógico que é, não é? (risos). Você, hein, Água-marinha! Você é cara de pau!”*

*Água-marinha: “Ué, mas e daí? A gente é viva, filha!”*

Começam suas produções, recortam, colam, costuram...

**Figura 7.**  
*Verde-florido*  
**colando Saúde**



**Figura 8.**  
*Água-marinha*  
**bordando Saúde**



**Figura 9.**  
*Amarelo-sol*  
**recortando Saúde**



Fonte: autoria própria (2019)

Comentam o que pretendem criar nos blocos para expressar o que sentem:

*Amarelo-sol: “Eu quero fazer assim, quero fazer um lacinho aqui.”*

*Água-marinha: “Vou costurar aqui na lateral. Dar uns*

*pontos largos aqui. [...]. Aí fica como se eu estivesse fazendo um bordado bonito.”*

*Verde-florido: “Aqui estou alegre, aqui estou meio triste...”*

A saúde também se expressa pela força de enfrentamento:

*Água-marinha: “Desde quando entrei aqui, eu cheguei uma pessoa, e saí outra. Saí pronta pra poder enfrentar qualquer coisa, você entendeu? Mesmo que eu dê com a porta na cara, eu vou levantar e vou seguindo, seguindo. Sabe o que eu vi? Eu vi o seguinte: meu filho já está com 20 anos e logo, logo, vou estar sozinha. Ele tem a vida dele e eu, a minha. Nos últimos suspiros, quero falar assim: - Poxa, Água-marinha, você aproveitou tudo que podia. Você só não aproveitou mais porque você não pôde, não tinha dinheiro, e ainda faltou um homem na sua vida, pra você fazer alguma coisa (risos). Antes, eu pensava muito em um parceiro, hoje, eu tô acostumando a viver sozinha e pegando gosto pelas coisas que faço. [...]. Então, é assim que eu estou experimentando um pouquinho de cada coisa. Falar ‘não posso’ só depois de tentar até o fim, né? (risos).”*

A perspectiva amorosa e os afetos transformando a saúde.  
Afinal de qual corpo falamos?

*Água-marinha: “Você sabe que você está até mais bonita?”*

*Amarelo-sol: Tô mais bonita. Meu irmão falou: ‘O que está acontecendo com você?’*

*Água-marinha: Você está mais bonita!*

*Amarelo-sol: “Sabe, ó, eu tava com um problema grave da diabetes; não estava conseguindo controlar a diabetes. Aí, conheci..., vocês já sabem quem... passou, passou o tempo, aí o médico pediu o exame...”*

*Água-marinha: “Normal?”*

*Amarelo-sol: “... fui fazer o exame e o médico falou: 6.5 é normal. A minha deu 6.1, o médico falou: ‘Cadê sua diabetes? Acabou!’”*

*Verde-florido: “Ah, é?”*

*(vozes e risadas sobrepostas)*

*Amarelo-sol: “Não, aí, sabe o que ele falou pra mim? ‘Se eu tivesse te conhecido há quatro anos atrás, você não teria perdido a perna.’”*

*Água-marinha: “Olalá!”*

*Amarelo-sol: “O amor não é lindo/?”*

*Água-marinha: “É lindíssimo! (risos)”*

*Amarelo-sol: “ele (o médico) falou: ‘A senhora praticamente está sem diabetes’. Estava 6.1. Ele falou: ‘O que que aconteceu?’ Eu falei: não sei, acho que é do regime que estou fazendo. Que regime?! Eu nem faço regime! (risos)”*

A saúde também está em arriscar:

*Água-marinha: “A gente tá se descobrindo de novo. [...] As coisas são tão gostosas aqui que vocês ensinam pra nós, pelo menos pra mim. Eu tenho certeza que pra Amarelo-sol também, e dona Verde-florido também. É como vocês falaram: a gente absorve as coisas, e depois pratica na nossa vida. Por que não? Por que não? A gente pode. O que a gente pode ouvir? Um não? A gente já ouviu tantos não lá pra trás, né, e que deixou a gente pra baixo. Não. Aí, já sabe? O negócio é bola pra frente, é isso que estou aprendendo. A Amarelo-sol também. A Amarelo-sol fala assim, mas dentro dela está ficando mais segura, porque antes não era...ela se via de um jeito. E hoje, essa mulher me ensina. Sabe, você me ensina, me ensina.”*

*Amarelo-sol* é a primeira a terminar seu bloco. Nele, uma saúde que transborda, algo que atravessa o corpo e ultrapassa as bordas do limite.

**Figura 10. Bloco-saúde de Amarelo-sol**



Fonte: autoria própria (2019)

*Amarelo-sol: “Bom, aqui, quando eu era nova, né, que tinha saúde (referindo-se à parte esquerda superior). Tinha uma saúde... como fala? Alegre, né, as cores assim, alegres. [...]. Saúde do corpo mesmo, da mente, não me preocupava com nada, então, minha vida era diferente. Antes de ficar doente, era livre, dona de mim, igual sempre falei. Eu era dona de mim, então aqui era livre. Aqui, foi quando comecei a ficar doente (referindo-se à parte direita superior). Aí, foi triste, foi uma parte assim bem tenebrosa, bem nas trevas mes-*

*mo, né, sem... não tinha chance nenhuma; foi quando comecei a vir pra AACD fazer a reabilitação, uma esperança, assim, um colorido, né, e aqui é o atual (sorri, referindo-se à parte inferior do bloco)."*

*Psicóloga: "E o que tem aí nesse atual? Vamos falar desse atual."*

*Amarelo-sol: "Deus meu! (risos). Ah, eu nem sei te falar o que que tem aqui, tem um... tem amor."*

*Psicóloga: "Tem amor?"*

*Amarelo-sol: "Tem amor. [...] hoje a minha saúde está aqui, assim, sabe?"*

*Arteterapeuta: "Com brilho"*

*Amarelo-sol: "Com brilho, é. Eu não estou 100%. Claro que tem muita coisa que preciso melhorar, mas assim, tô vendo a minha saúde, o meu corpo, sabe? As minhas coisas, com outros olhos, né, com outros olhos. Porque antes não, antes eu via só assim, sou amputada, amputada... né? Ai, não posso isso, não posso aquilo, não posso nada, agora não, agora estou vendo assim que eu posso, sabe?"*

*Água-marinha: "Está vivendo!"*

*Amarelo-sol: "Que eu posso. Agora eu não tenho mais limite."*

*Verde-florido* termina também sua produção. Traz em seu bloco o movimento, os altos e baixos. Afinal, nem a saúde nem a vida são estáticos:

**Figura 11. Bloco-saúde de Verde-florido**



Fonte: autoria própria (2019)

*Verde-florido*: “Ah, eu comecei meia baixo astral no azul aqui (referindo-se à parte esquerda inferior), mas depois eu fui vendo que não é assim, a vida é como a gente tem que levar. Eu estou muito bem, graças a

*Deus, por isso que gosto das coisas assim, né? Ó, as cobrinhas da vida que eu passei e passo.”*

*Água-marinha: “Altos e baixos.”*

*Verde-florido: “É. E as cobras nunca vão deixar de passar na minha vida, então...”*

Para ela, cobra é...

*Verde-florido: “Cobra é família, é problema na minha casa. Um dia tá uma benção, outro dia só Deus sabe como é que vai ficar... Bom ou ruim, tem que segurar, né? Tem hora que penso mais em mim. Às vezes, fecho a minha porta e nem quero ouvir o que está acontecendo lá fora. Fecho meu quarto (risos), e quero é mais é que... ‘Vó’... Eu falo: ai, não tem Vó aqui não! Tô dormindo, não quero papo! Nem vem, nem vem! Eles falam: ‘Ô, Vó, aí na sua casa já tem almoço?’ Eu falo: ‘eu não faço almoço, eu comi pão e só; não fiz comida’.*

*Psicóloga: “E um almoço bom na geladeira. (risos)”*

*Verde-florido: “Lógico, tá lá dentro da geladeira. (risos). Não vou levantar pra arrumar comida pra ninguém, estou lá deitada, tô vendo novela, não vou deixar de ver minhas novelas, tá bom... ‘Ai, Vó, mas é por causa que aqui não tem isso, minha mãe não fez...’ Problema seu e da sua mãe. Passa! (risos)”*

A saúde também está em aprender a dizer ‘não’.  
*Água-marinha* finaliza seu bloco:

**Figura 12. Bloco-saúde de *Água-marinha***



*Fonte: autoria própria (2019)*

*Água-marinha: “É, então. Tem uma base, que eu costurei aqui, que foi o início de tudo. No começo, eu tava com meu coração, aqui, ó, grande, né...? (risos) Agora dividiu, é que nem elas tão falando: a gente aprende a ver a vida de outra forma. Aqui tá cabendo mais amor, mais saudade, mais vida pra mim. Então, eu estou sentindo o meu coração, por isso que tem três aqui, um de base e outros dois que eu consegui liberar pra poder me apaixonar, né? Me apaixonar não por homens, né, mas sim pela vida. Eu aprendi. Se surgir um homem, obviamente que será, né? (risos). Será bem-vindo! (risos)”*

*Verde-florido: “Será melhor, né?! (risos)”*

*Água-marinha: “Mas, no momento, tá sendo eu e as minhas descobertas. [...]. Várias! Estou resgatando a Água-marinha lá atrás, que tinha um monte de coisas que me privei, quando casei. Hoje tô me descobrindo novamente, estou gostando de me encontrar de novo, só que de uma outra perspectiva, né?”*

Uma nova fase de vida que possibilita ressignificar a relação com a mãe e sua própria velhice:

*Água-marinha: “Não, é diferente de hoje. Então, assim, esses lacinhos são as coisas que eu já tô descobrindo, são algumas cores, detalhezinhos da vida, que tá indo e que está valendo a pena. E os brilhos*

*que eu queria colocar aqui só pra fechar o quadro, porque são coisas maravilhosas; tá valendo a pena. Então, assim, eu tô aprendendo muita coisa. E eu gostaria muito de repartir isso com outra pessoa, mas estou vendo que o momento ainda não é o adequado. Então, assim, a única pessoa que estou repartindo tudo foi com a pessoa que me desprezou no início, que foi a minha mãe. Ela me mandou embora da casa dela, e você vê só como que a vida é: tá me resgatando novamente pra ela. De todos os meus irmãos, sou a única que tá dando atenção pra ela, você entendeu?”*

Finalizamos o encontro com a certeza de múltiplas saúdes.

#### **4.Tecendo Velhices**

O tema desse encontro foi Envelhecimento. No dia, *Ama-relo-sol* chega de óculos novos e com cabelo diferente, todo enrolado; *Água-marinha* também usa o cabelo de um jeito novo, preso com dois coques, e *Verde-florido* vem com colar e brincos grandes, dourados.

Antes de explicarmos a proposta do dia, como recurso de sensibilização, apresentamos a música “Tocando em frente” (SATER, 2020)<sup>44</sup> que todas conheciam:

I

*Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais.*

II

*Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei.*

III

*Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs.*

IV

*É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir.*

V

*Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente.*

VI

*Como um velho boiadeiro  
Levando a boiada  
Eu vou tocando os dias  
Pela longa estrada, eu vou  
Estrada eu sou.*

VII

*Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs.*

VIII

*É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir.*

Ao terminar a canção, se identificam, lembranças são suscitadas:

*Verde-florido: “Eu já chorei demais, muitas vezes...”*

Do que trata a música?

*Amarelo-sol: “A vida mesmo da gente, né? Falando sobre a vida...A gente se encaixa em alguma parte aí...”*

*Água-marinha: “Hoje a gente sorri depois de tanta... de tanto sofrimento.”*

*Amarelo-sol: “A gente já correu muito, hoje a gente é mais devagar mesmo.”*

*Verde-florido: “É.”*

*Água-marinha: “Isso, hoje a gente já faz as coisas mais devagar... porque a gente já sofreu lá trás, já correu demais (risos).”*

*Amarelo-sol: “Ichi... chega de sofrimento!”*

*Verde-florido: “É verdade.”*

*Água-marinha: “Ainda mais que passei dos 50; depois dos 40 a gente já não corre mais não.”*

## Relembra trajetórias de vida, dores e lutas:

*Água-marinha: “Falei assim: acho que ganhei a minha vida, uma segunda chance... aí falei pra ela (psicóloga): então eu quero que você me ensine, quero absorver o que puder, pra viver minha vida. Até então, o (marido) ainda não tinha me deixado, e eu já optei por isso. Quando veio o baque dele falar pra mim que ia embora, eu também tive que pensar... Vida ou morte, que nem canta essa música. Aí você corre, corre, corre... fiz um monte de faculdade, um monte de pós, um monte de coisa... falei pra minha mãe: Poxa vida, estudei tanto pra ser enfermeira, depois, quando eu perdi a perna, estudei pra ser farmacêutica, fiz um monte de pós, porque eu dava aula, né, em sala de aula. Pra quê? Pensei, pra que todas essas informações, e eu aqui nessa cadeira de rodas? Ainda dei aula por um tempo, enquanto ele (marido) ainda estava comigo. Quando ele me deixou, caí numa depressão tão grande, coisa que eu não senti quando tirei minha perna. A minha mãe falou: ‘Água-marinha, vem pra realidade, filha. Você perdeu um membro do teu corpo e não ficou assim, e agora perdeu um cara que nem parente teu é, e você vai descer?’ Não, o que é isso? Minha mãe, realmente, me deu um sacode, né...? [...] Mas você vê só como que é a vida da gente é uma onda mesmo. Outro dia você está...”*

*Amarelo-sol: “A cobrinha da dona Verde-florido estava certa.”*

*Água-marinha: “Ninguém tá preparado pra baixo, né, só pra curtir o cima.”*

Tocando em frente, reencontram forças. A escolha é pela vida:

*Água-marinha: “Minha mãe falou: ‘Ah, você é forte!’. Eu não sou forte não, gente, para de falar que eu sou forte, não sou forte. Gravei o negócio da psicóloga: ‘São duas opções na vida, mãe, ou eu me mato, não como, não bebo, não tomo banho, não faço nada, fico aqui em casa, ou eu saio e enfrento a minha vida, vou andando de cadeira de roda, se eu cair e morrer, o que eu vou fazer? Ali é a minha hora, mas enquanto, eu falei pra ela, eu estiver respirando e tiver força de vontade, vou onde Deus me mandar. Se for lá pra Goiânia eu vou, que nem eu fui, se for lá pros Estados Unidos eu vou, se for pra não sei aonde eu vou. Deus estando na frente, eu faço tudo. Eu sinto uma força tão grande quando falo de Deus. Tenho uma cruz pra carregar, tá pesada (risos), mas eu só falo pra ele: Senhor, me dá força pra eu chegar até o último dia da minha vida, pra eu dar meu último suspiro, mas chegar. Cheguei, Senhor, obrigado de ter me dado a saúde e energia até aqui. Não é verdade? Porque já vi que com meu filho eu não posso contar.”*

E o que seria o tema do nosso encontro?

*Água-marinha: “Eu acho que continua, né...? O que a gente quer...”*

*Amarelo-sol: “A nossa escolha... a gente quer escolher, né? Eu acho...”*

*Água-marinha: “Eu acho que, assim, depois de tudo, a superação, né?, a superação de tudo...”*

*Amarelo-sol: “É.”*

Ao explicarmos que o tema seria sobre o envelhecer, comecem a planejar seus blocos:

*Amarelo-sol: “Pode fazer assim, que a vida é escolhas? Então eu escolho amar, aí faz um negócio vermelho, escolho...”*

*Água-marinha: “Eu gostaria de estar desenhando aqui...”*

*Amarelo-sol: “Eu gostaria de fazer assim... minha mão aqui ó... também quero com caneta.”*

*Água-marinha: “Aí eu pego e desenho o que estou querendo, e aí, em cima do desenho faço a colagem... tem pozinho, aqueles pozinhos brilhantes?”*

*Verde-florido: “Eu tô pensando em uma árvore assim, com os galhos, cada um com uma cor...”*

## A escolha dos materiais e formas retratam as saudades:

*Amarelo-sol: “Aqui eu queria retratar o meu casamento, sabe, nesse dedo anelar aqui... hoje acordei meia nostálgica... acordei assim com muita saudade, assim, sabe? Sei lá...”*

*Água-marinha: “Eu sei como é que é.”*

## No grupo, encontram acolhimento e incentivo:

*Água-marinha: “É gostoso sentir isso. Esse teu amor novo tá fazendo você sentir saudade. Minha mãe fala: quando a gente sente saudade de uma pessoa é porque ela continua viva dentro do nosso coração e traz coisa boa pra gente, gostosa. Eu perdi meu filho, eu jamais vou esquecer o rostinho dele, sabe, mas eu penso nele e também choro, fico saudosa, mas fico feliz, porque deve estar em um lugarzinho bom... não fica triste não, faz parte da nossa vitória, né?”*

*Amarelo-sol: “É, não tenho motivo pra ficar triste, entendeu? Mas, assim, sabe... emociona.”*

*Psicóloga: “Você costuma pensar bastante nele? (referindo-se ao marido de Amarelo-sol)”*

*Amarelo-sol: “Já pensei mais. Hoje já não... (risos). Aqui todo mundo é... tô meio doida, atrapalhada, gente. (ri-*

*sos) Hoje eu falei que não ia falar nada, viu?”*

*Água-marinha: “Mas sabe o que eu acho? Acho que você fica questionando, pra saber se realmente você merece ser feliz. Merece, Amarelo-sol!”*

*Amarelo-sol: “Não, eu mereço ser feliz, com certeza.”*

*Água-marinha: “Então, você merece ser feliz e muito, né?, Amarelo-sol? Não é Dona Verde-florido?”*

*Amarelo-sol: “Eu mereço!”*

Suas velhices começam a ganhar contorno:

**Figura 13. Envelhecer de Amarelo-sol**



Fonte: autoria própria (2019)

*Água-marinha* prefere usar o avesso do tecido em seu envelhecer, a criatividade e diversidade se fazem presentes:

*Água-marinha:* “Eu queria colocar esse paninho como maçã, né, grudar esse pedacinho no meio. Deixar essa parte preta aparecendo, mas grudar essa coisa aqui... eu prefiro do lado do avesso. Eu queria agora um negócio amarelo; isso aqui é uma banana, né...? Aquele lá de bolinha atrás, é liso?”

**Figura 14. Envelhecer de Água-marinha**



Fonte: autoria própria (2019)

*Verde-florido* desenha os galhos de sua velhice que começam a florescer:

*Verde-florido*: “Eu queria entrar aqui com as flores agora... com essas daqui, com aquelas, e aí colar.”

**Figura 15. Envelhecer de Verde-florido**



Fonte: autoria própria (2019)

Em pleno envelhecer aprendem a tocar um novo instrumento e a desfrutar da amorosidade na convivência com crianças, se projetando no vir-a-ser avó:

*Água-marinha: “Ai, gente, se vocês soubessem como essa terapia faz bem pra mim. (risos) Eu adoro ficar brincando. Comecei a fazer aula de violino, comprei ele na segunda-feira; estou apaixonada novamente pelo meu instrumento, e lá, aonde estou fazendo aula, é cheio de neném. Tem sete anos, seis anos, e vocês acreditam que eu estava tomando lanche lá e um fofinho beija minha mão e fala: ‘Tia, você não me dá uma benção?’ Dou, Deus te abençoe, meu amor. Ele falou: ‘Posso te dar um abraço?’ Aí, as meninas: ‘Posso te dar um abraço?’ Aí fico cheia de criança; falo que estou no paraíso. Porque assim, as crianças, elas me veem, eu não sei o que que eu tenho, cara de mãe, porque me abraçam, me querem ali pertinho, sabe? Antes era diferente, elas tinham medo de mim, acho que era porque nem eu também tinha me aceitado... daí me viam como um monstro. Mas hoje em dia é lindo demais... eu me sinto tão bem... hoje falei pro professor: Sabe, fico dando graças a Deus quando chega segunda ou quarta... São os dias que eu estou mais feliz... você não faz ideia de como eu amo criança. Amo crianças, minhas ou dos outros. Eu quero dar amor. Já fico me vendo com meus netos, ai, gente...”*

A velhice e a maturidade lhe permitem uma nova atitude:

*Amarelo-sol: “Não sei explicar o tempo de privações que passei, de dificuldades que tive de superar sozinha, sabe? Quando fui dar o depoimento lá com os*

*amputados, falei: ao longo da sua caminhada, muitas pessoas vão te abandonar, então muitas pessoas me abandonaram. Criei expectativa em relação a várias pessoas da minha família, não correspondeu, entendeu? Aí eu falei, meu Deus, por que não posso dar valor pra uma pessoa que está dando valor pra mim? É momentâneo? Com certeza, mas vou aproveitar, e vai ser o que Deus quiser. Não é o que Deus quer. Deus quer que a gente seja feliz, eu sei disso, mas depende da minha escolha. Não é verdade? Porque ó, tem aquele quadro ali, se eu quiser escrever alguma coisa, vou ficar aqui? Se Deus quer que eu escreva, ué, tenho que levantar, ir lá e escrever. Eu não tenho atitude? Então mudou a minha atitude, entendeu? Então, hoje não, hoje tenho um olhar diferente. Ah, eu não sei explicar, mudou.”*

Agora o arriscar-se também ganha outros sentidos:

*Água-marinha: “Ah, eu também acho, a gente se atira mais, a gente se arrisca mais, eu acho... E tô gostando disso. Porque tô aprendendo a viver, a viver [...]. Eu aprendi que se fizer alguma coisa e confiar naquilo, posso às vezes me machucar, mas posso ser muito feliz, sabe?”*

*Verde-florido* aconselha suas amigas e revela sua experiência sobre envelhecer:

*Verde-florido: “O que eu poderia passar? Que elas viva o momento delas. Entendeu? Que ela vive o que ela quer, que ela vive o que ela quer, entendeu? Porque a vida passa rápido. E quando a gente vê, já foi. Aí já não dá mais.”*

*Água-marinha: “Isso é verdade.”*

*Verde-florido: “Então, no momento, tá vivendo aqui-lo lá, então aproveita aquele momento, porque aquele momento ele não volta, entendeu? [...] eu me sinto uma pessoa idosa, eu me sinto bem, porque eu já fui muito feliz na minha vida, graças a Deus. Eu fui muito bem casada, fui muito feliz com o meu marido, e pra mim foi o único e será o único. Só espero, um dia, encontrar com ele de novo, né? (sorri) Porque no meu caso, separamos porque Deus quis que nos separasse, né? Ele foi com Deus, eu fiquei, mas espero que um dia a gente se encontre, e continua, porque foi o único homem que eu amei, e até agora eu amo e não... não penso em... não que não apareceu, porque eu fiquei viúva, eu tinha 39 anos. Apareceu muito, mas eu não... tinha amizade, trocava as ideias, mas nunca senti, assim, de retornar de novo, não, não, não... eu vivi para os filhos, depois vivi para os netos e tô aqui. Estou vivendo pra mim agora (risos). É, isso, tô vivendo pra mim!”*

Encerram a produção de seus blocos:

*Figura 16. Bloco-envelhecer de Verde-florido*



Fonte: autoria própria (2019)

*Verde-florido: “Ah, eu tô sentindo que eu tô idosa, mas tenho vontade de fazer coisas bonitas, né? [...] eu ia fazer uma árvore cheia de...”*

*Amarelo-sol: “De ramos...”*

*Verde-florido: “...mas depois começou a mudar o negócio, achei que como eu faço, assim, de vez em quando eu mudo, então... (risos).”*

Seu envelhecer comporta flexibilidade. Ao mesmo tempo, para ela ser idosa é relacionado a não conseguir fazer as coisas. Para *Verde-florido*, o corpo envelhece, mas a cabeça, não:

*Verde-florido: “...porque apesar de tá idosa, tenho alguma cabeça pra fazer alguma coisa ainda. (risos)”*

*Psicóloga: “E por que “apesar de estar idosa”? Estar idosa é ruim?”*

*Verde-florido: “Não, eu me sinto bem. Eu tenho 75 anos, mas sinto como se tivesse meus 30, 40 anos, graças a Deus, mas...”*

Sobre a passagem do tempo, a mudança se faz presente:

*Verde-florido: “Sinto que pra mim não mudou muito, mesmo que fiquei amputada, mesmo que tive muitas enfermidades, mas não mudou, porque a minha cabeça sempre... Tive aqueles problemas uma época... nervosa, chorava, depressão, essas coisas, mas uma coisa*



*Amarelo-sol: “Ah, eu fiz uma mão, porque eu acho assim, que nossas escolhas estão nas nossas mãos, né? Então, aqui eu retratei tudo, assim, que eu acho, né? Uma esperança, né, tem esperança, aqui uma felicidade muito grande que tive, que eu acho, né (apontando o dedo anelar, fazendo referência ao casamento). Sabe, muito feliz, assim... Aqui, as tentativas que eu tô fazendo, as esperanças. Uma borboleta pra fazer uma transformação e bem colorido, assim, eu queria fazer, né? O sol, que nasce todo dia, independente de eu tá triste ou não tá, ele nasce, né?”*

*Água-marinha: “A vida continua...”*

*Amarelo-sol: “...e é, a vida continua, né? Então é isso, faltando alguma coisa sempre tá, né, mas sei lá, eu tô... eu tô numa fase legal, assim, da minha vida. Eu não sei quanto tempo vai durar, eu não sei, né, mas eu tô aproveitando...”*

*Verde-florido: “Que a vida da gente é altos e baixos.”*

*Amarelo-sol: “É, tô aproveitando, né? Passei muita dificuldade, só Deus e eu sabe. No começo, eu só chorava. Você se lembra, só chorava. Depois não, eu falei: Não, se Deus me deu uma chance, né, preciso de uma chance. Aí, o que mais me marcou foi assim... Ele não era meu vizinho, era um colega, estudou junto comigo. Me encontrou na rua. Eu tava*

*andando, faz um tempinho já isso, acho que foi em 2018, comecinho de 2018, o ano passado, me encontrou e falou: ‘Pô, Amarelo-sol, tô pensando que vou encontrar você aí, ó, largada, coitadinha, você tá aí, ó, bonita, andando pra lá, andando pra cá’. Aí falei: Aii, são seus olhos, né? Falei: Namorou hoje? Porque ele é casado com uma amiga minha... namorou hoje? E ele: ‘Ah, você e as suas gracinhas!’ Eu falei: Porque só pode ser! Ele falou: ‘Não, Amarelo-sol, porque quando falaram que você perdeu a perna..., coitada da Amarelo-sol, né, nossa, a Amarelo-sol vai ficar uma coitada, e eu vejo você andando pra baixo e pra cima, pra cima e pra baixo’. Falei: É, filho, é a misericórdia de Deus que tá me levando, né? Ele falou: ‘Não, Deus ajudou, mas você teve a sua parte também, né?!’ Sabe, foi um elogio assim, que eu me... sabe? Eu falei, caramba, né?!”*

### Conseguem resgatar autonomia:

*Amarelo-sol: “Sabe? Antes não, eu ficava assim: Ai, meu Deus, se o irmão não vir me pegar eu não vou pra igreja? Aí, eu me falei: Caramba! Eu não sou coitada. Sabe? Eu falei, vou parar de ser, eu não sou coitada...”*

*Água-marinha: “Autonomia sobre a vida da gente.”*

*Amarelo-sol: “Exatamente.”*

*Água-marinha: “É isso que a gente procurava...”*

*Amarelo-sol* explica o motivo de escrever “Vida” no dedo indicador da mão em seu bloco:

*Amarelo-sol: “É a escolha da vida, né...? A gente quer viver! Eu, agora, quero viver!”*

*Água-marinha: “Ah, eu também, com certeza!”*

Chega a vez de *Água-marinha* explicar o seu bloco-envelhecer:

*Água-marinha: “Bom, é assim, eu desenhei uma mocinha aqui, que no meu caso era eu, mais nova, né, e agora hoje, mais velha, né? Aí, fofinha, tal, gostosa, né...? (risos). Aí, eu tinha desenhado a banana simples, eu ia colocar apenas o paninho que a pesq.2 cortou e a maçã também e ia deixar assim. Mas achei que hoje em dia eu já não penso mais assim: tenho uma banana, vou fazer aquela banana simples. Não, vou fazer mais que isso, então, a maturidade, minha maturidade, hoje, faz com que eu use essa banana, essa maçã, você entendeu? Eu faço uma torta gostosa...”*

**Figura 18. Bloco-envelhecer de Água-marinha**



Fonte: autoria própria (2019)

Envelhecer que comporta composição e movimento:

*Água-marinha: “...á uma colher aqui pra poder tá mexendo tudo, por quê? Nada vai ficar sossegado aqui, tudo vai sempre tá mudando... O movimento é aqui, você entendeu? A colher... então, assim, essa colher vai estar mexendo o tempo todo. Não, jamais vai ser uma torta só, de uma fruta, outra fruta, vai ser várias coisas, né...? Várias, então, assim, eu aprendi que a vida não é só como a gente planeja ela, são várias mudanças, e a gente tam-*

*bém muda. A gente tem que escolher se a gente quer mudar ou não.”*

## **2.Encerrando com Vida**

Para nosso último encontro, propusemos o tema Vida, no entrecruzamento de Reabilitação, Saúde e Envelhecimento. Para tanto, colocamos todos os blocos que já haviam produzidos em cima de uma mesa, recordando um a um. Elas trouxeram suas percepções sobre a experiência de estar em grupo:

*Água-marinha: “Graças a Deus a gente ficou bem sintonizada.”*

*Amarelo-sol: “Verdade.”*

*Verde-florido: “É.”*

Compartilham aprendizagens ao longo do processo. Não mais viver para o outro, mas para si:

*Água-marinha: “Sabe que eu aprendi? [...] a gente esquece da gente, né? Às vezes, não sei elas, mas às vezes, você... em 25 anos de casamento, eu me privei de muita coisa pra agradar alguém. Depois que peguei e tomei um pé, vi que a vida... eu tava con-*

*tinuando a fazer isso, então: não, a psicóloga tem que gostar de mim, pera aí, o que a psicóloga gosta? Deixa eu fazer algo que agrada ela. E eu esquecia de mim. Triste, porque me privo de alguma coisa que gosto, adoro fazer, então, aí, você sabe qual foi o resgate da Água-marinha lá atrás? Por que que eu estou triste, estou deprimida? Tive uma vida tão legal, 20 anos, depois, de repente, sumiu tudo ... o que que aconteceu? Aí eu vi que eu me privei das coisas que me deixavam felizes. Então, quer dizer, viver a sua vida não é meu objetivo. Eu quero viver a minha. Dizer sim pra mim, dizer não pra mim. Dizer o objetivo é esse pra mim, nada pra mais ninguém, entendeu?”*

### Percebem a própria mudança?:

*Verde-florido: “Lógico, ô!”*

*Amarelo-sol: “Com certeza.”*

*Verde-florido: “Eu sinto sim.”*

*Amarelo-sol: “A gente é diferente de... antes da amputação a gente era uma coisa...”*

*Verde-florido: “É.”*

*Amarelo-sol: “...depois da amputação a gente foi outra. Agora, depois da reabilitação a gente é outra pessoa.*

*Outra ainda, né? Foram fases, fases que a gente passou. São fases, né?”*

*Água-marinha: “Até resgatar a pessoa que realmente nós somos... descobrir...”*

*Verde-florido: “Que no começo dá a impressão de que acabou tudo.”*

*Amarelo-sol: “No começo não tem solução.”*

*Verde-florido: “Parece que já era... não é nada...”*

*Amarelo-sol: “Já era, acabou...”*

*Verde-florido: “...chega, né? Mas daí, conforme vai indo...”*

*Amarelo-sol: “É, a gente vai...”*

*Verde-florido: “...vai entrando, vai entrando, a gente vai vendo que aquilo já ficou lá pra trás, aquela... aquela que não era nem pra ter vindo (risos) e apareceu. E melhorou, melhorou!”*

## O resgate das forças, descubrem que **PODEM**:

*Amarelo-sol: “Foi igual quando eu falei, quando eu o conheci, não foi com intenção. Quando entrei naquele Uber, não foi por intenção de arrumar, sabe? Nada disso, entrei porque tava precisando do serviço, entendeu,*

*só que, assim, ao longo... a gente foi conversando. Então aí despertou, eu falei: 'EU POSSO'. Quando eu via vocês falando, assim... intimamente, eu falava: Pô, a Água-marinha, mó legal, já é, né, assim, resolvida. Achava legal, via as mulheradas aí... não, minha perna... Não tem nada a ver, o negócio tá no mesmo lugar, sou igual a qualquer mulher, entendeu? Quando você vê a gente dando risada lá, é só isso (referindo-se ao encontro na recepção de terapias). É só besteiro, não é, Dona Verde-florido? É só besteiro, entendeu? (todas riem)''*

*Água-marinha: "É que a gente se vê faltando uma perna, sei lá, faltando um braço, um olho, sei lá o quê, mas às vezes a pessoa que tá vendo a gente, o olhar é diferente, né?"*

## Reencontram suas potências, passam a ser DONAS DE SI:

*Amarelo-sol: "... porque assim, eu já falei uma vez, não sei se já falei aqui pra vocês, a AACD ensina a gente a ser exibida. É... sabe por quê? Porque as pessoas olham pra gente: 'ah, coitadinha, ela é uma coitadinha'. Não, a gente chega aqui: 'você pode', 'você é', entendeu?"*

*Água-marinha: "Aguça a vontade da gente..."*

*Amarelo-sol: "Então, ó, eu vou falar bem franco com você, quando eu fazia as terapias, eu queria mostrar: 'Ó, Amarelo-sol, você está vendo isso, isso, isso?' Sim, eu posso, eu vou fazer. Entendeu? Então*

*é um incentivo. Então, a AACD ensina a gente a ser dona da gente.”*

*Água-marinha: “É!”*

*Amarelo-sol: “Quando eu via o Teleton lá na minha TV, eu falei: pô, essas crianças tudo exibidas, tudo rindo. Nunca, jamais pensei que um dia fosse passar por isso. Mas só que as crianças daqui são diferentes das de fora. Claro, com certeza, mas têm o mesmo potencial de uma criança lá de fora, entendeu? Então, a AACD resgata isso da gente; a equipe resgata isso da gente, tira o melhor que a gente tem, o pior a gente deixa lá fora. O pior tá lá me esperando, né, eu não tô nem aí, aqui eu tô no melhor, entendeu? Eu tô dando o meu melhor, eu tô sendo sincera, eu tô sendo franca.”*

*Água-marinha: “De uma forma bem gostosa, elas colocam isso pra aflorar na gente, né?”*

*Amarelo-sol: “Isso, exatamente!”*

*Água-marinha: “...que a gente nem sente. Quando a gente percebe, a gente já tá fazendo...”*

*Amarelo-sol: “Já tá...”*

*Água-marinha: ... “já tá exibida! (risos)”*

*Amarelo-sol: “Já tá exibida!”*

O que elas achavam que unia os blocos, o que costurava suas produções?

*Água-marinha: “Acho que percebi que todas nós descobrimos o que que é viver, né, e a gente tá começando praticamente do zero, né? [...] do nosso zero, né, não do zero de esquecer tudo lá atrás, não, a nova pessoa que nasceu, tá seguindo em frente. E eu tô adorando.”*

*Amarelo-sol: “Eu acho que a gente descobriu assim, que a gente pode tudo que a gente quiser. A força de vontade tá dentro da gente.”*

*Água-marinha: “É isso aí...”*

*Amarelo-sol: “Não depende... o que eu quero fazer, muitas vezes não depende de você, depende de uma atitude minha.”*

Propomos começar o *patchwork* na escolha dos retalhos de tecidos para unir seus blocos. Atentamente exploram os tecidos com estampas e cores diversas. Entre falas, risadas, silêncios, tateando panos fazem suas escolhas e sugerem as cores para a combinação de um trabalho coletivo, no qual caibam as múltiplas saúdes, reabilitações e velhices:

*Água-marinha: “Acho que assim vai ficar legal.”*

*Amarelo-sol: “Cada um escolhe uma cor.”*

*Água-marinha: “Nós somos em três, então dá pra escolher direitinho...”*

*Verde-florido: “Agora eu entendi. Esse daqui... retalho pequeno assim?”*

*Amarelo-sol: “Qual cor você escolheu, Dona Verde-florido?”*

*Verde-florido: “Ainda não escolhi. Você escolheu esse aí?”*

*Amarelo-sol: “Eu escolhi esse; olha que bonitão! Tem um monte... tem mais aqui, ó! A Água-marinha escolheu aquele azulzinho...”*

*Verde-florido: “Esse aqui não vai ficar muito...”*

*Amarelo-sol: “Olha que lindo esse, né?”*

*Água-marinha: “Esse verde, bonito, né...? Ela gosta, o esmalte da unha dela é verde também!”*

Iniciam a junção dos blocos. Mãos que se unem e criam, alfinetam histórias, dobram dores, alinhavam esperanças. Juntas, já não são uma, mas todas:

*Figura 19. Mãos que criam blocos-vida*



*Fonte: autoria própria (2019)*

Cores diferentes e tecidos diversos vão compondo o *patchwork*, nele a diversidade é acolhida. As participantes escolhem seus arranjos e a arteterapeuta costura-os na máquina, iniciando o panô que aos poucos começa a ganhar vida. Retalhos de tecidos unidos ganham outro sentido:

*Amarelo-sol: “Olha que lindo! Ai, que lindo! Olha a emenda, Água-marinha. Ai, lindo, né?, Dona Verde-florido, olha!”*

*Verde-florido: “Ficou lindo, menina, olha!”*

*Água-marinha: “Ai, ficou bonito, ai, que delícia!”*

**Figura 20. Patchwork se transforma em panô**



*Fonte: autoria própria (2019)*

*Água-marinha:* “Sim.”

*Verde-florido:* “Eu sei.”

*Água-marinha:* “Então, ela faz fuxico.”

*Psicóloga:* “Faz fuxico. E você, Amarelo-sol, sabe?”

*Amarelo-sol:* “Sei. Eu trabalho overloque, reta, zigue-zague, interloque, overloque, galoneira...”

*Água-marinha:* “A minha mãe costurava...”

*Amarelo-sol:* “É, eu era...”

*Água-marinha:* “[...] minha mãe faz bonecas e também costurava calça pra fora. Aí trabalhava com máquina de overloque, sei lá como é...”

*Amarelo-sol:* “Na época que eu era gente, eu tomava conta de 80 oficinas. Na época que eu era gente... (risos).”

*Psicóloga:* “E agora, você é o quê?”

*Amarelo-sol:* “Agora eu tô tentando ser (risos). Eu tinha vinte e poucos anos, eu tomava conta de oficinas ali na avenida Goiás. Fazia roupa de criança. Mickey, chama Mickey. Ainda existe ainda.”

*Água-marinha:* “Ainda existe essa fábrica aí.”

*Amarelo-sol: “É, existe. Só faz roupa de criança. Tinha começado a fazer roupa de adulto, jaqueta, mas não sei como tá, porque perdi o contato.”*

Ao organizarem os blocos, alfinetando-os com os tecidos, percebem que um ficou de ponta cabeça; logo o desfazem para refazer. Desmanchar para refazer, eis o movimento do *patchwork*, que exige planejamento, mas também paciência, flexibilidade e criatividade, em um processo constante de composição.

Em meio a suas produções se percebem artistas...

*Amarelo-sol: “Você não vê, os caras fazem aqueles rabiscos ali no quadro, e não é arte? Não é o que ele tava sentindo na hora? A gente não entende nada, bullhufas, mas é o que o cara tava sentindo na hora, não é verdade? (risos)”*

*Psicóloga: “Quando vocês olham esses blocos vocês conseguem se identificar nessa expressão de cada uma de vocês?”*

*Todas: “Com certeza...”*

*Psicóloga: “Conseguem, por exemplo, na escolha da cor?”*

*Amarelo-sol: “É...”*

*Psicóloga: “No formato?”*

*Amarelo-sol: “Sim...”*

*Verde-florido: “Aham...”*

*Arteterapeuta: “É um pedaço de vocês aqui.”*

*Amarelo-sol: “Sim.”*

*Psicóloga: “Tiraram de dentro...”*

*Verde-florido: “É como um pintor, né...?”*

*Amarelo-sol: “A pessoa vai olhar e falar, não estou entendendo nada, mas aqui tá o meu sentimento... é assim.”*

*Verde-florido: “...o pintor, né?, ninguém tem que falar o que ele precisa fazer, né?... sai da cabeça dele...”*

*Amarelo-sol: “É, então... a pessoa vai olhar e falar: ‘ah, mas o que significa isso aqui?’ Pra pessoa não vai significar nada, mas pra você significou...”*

*Verde-florido: “É.”*

*Amarelo-sol: “...né? Você coloca pra fora o que você tava sentindo.”*

*Água-marinha: “É.”*

*Amarelo-sol: “Quando a gente vê uma obra de arte lá eu acho que é a mesma coisa, né?”*

...artistas que criam arte e por meio dela também se criam.

O lugar da arte é também lugar de encontro, no qual relembram, compartilham, brincam, costumam, vivem.

O que acharam da experiência em grupo?

*Água-marinha:* “Ah, como sempre...”

*Verde-florido:* “Ah, foi ótimo. Você vai repetir de novo? (risos)”

*Água-marinha:* “...maravilhoso.”

*Amarelo-sol:* “Dona Verde-florido já quer mais...”

*Verde-florido:* “Você não quer?”

*Amarelo-sol:* “Quero, claro!”

*Verde-florido:* “Você não quer, Água-marinha?”

*Água-marinha:* “Quero!”

*Verde-florido:* “Então, prepara...deixa passar essa crise da minha vista...aí você faz...”

*Água-marinha:* “Se vocês quiserem convidar a gente pra mais alguma coisa, a gente tá...”

*Amarelo-sol:* “É, ué, tá à disposição!”

*Verde-florido:* “Lógico!”

Reforçam a potência do encontro. Ao final a psicóloga e a arteterapeuta também escolhem seus tecidos para compor o panô e começam a surgir as percepções e afetos ao se depararem com a finalização do processo:

*Água-marinha: “Realização, realização.”*

*Verde-florido: “Eu senti que eu fiz uma coisa boa (risos). Uma coisa legal que eu gostei... eu gostei...”*

*Amarelo-sol: “É, satisfação, isso mesmo. [...] é, bola pra frente, né? Vamos pra frente, que atrás vem gente (risos), não é?”*

*Verde-florido: “Ô!”*

*Amarelo-sol: “Vamos pra frente... eu acho assim, o pior a gente já passou, eu acho.”*

*Água-marinha: “Verdade.”*

*Amarelo-sol: “Acho que o pior a gente já passou...”*

*Psicóloga: “E agora vem?”*

*Água-marinha: “As realizações mesmo, né?, sucesso...”*

*Amarelo-sol: “É, plenas realizações, né?”*

*Água-marinha: “É...”*

*Amarelo-sol: “E agora a gente só depende da gente, graças a Deus, né?”*

*Água-marinha: “Graças a Deus...”*

*Amarelo-sol: “Graças a Deus, a gente, a gente só depende da gente.”*

*Verde-florido: “É verdade.”*

*Amarelo-sol: “Abaixo de Deus é ‘nóis’.”*

*Água-marinha: “A gente consegue enxergar isso, né?”*

*Amarelo-sol: “Abaixo de Deus é ‘nóis na fita’. (risos)”*

Para encerrar, levamos o seguinte poema (PIZZIMENTI, 2020):

*Sou feita de retalhos.*

*Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha  
e que vou costurando na alma.*

*Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me  
acrescentam e me fazem ser quem eu sou.*

*Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...*

*Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho,  
uma saudade...*

*Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.*

*E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços  
de outras gentes que vão se tornando parte da gente  
também. E a melhor parte é que nunca estaremos*

*prontos, finalizados...*

*Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.  
Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem  
parte da minha vida e que me permitem engrandecer  
minha história com os retalhos deixados em mim.  
Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos  
caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.  
E que assim, de retalho em retalho, possamos nos  
tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’.*

*Verde-florido: “Ah!”*

*Amarelo-sol: “Olha, lindo!”*

*Água-marinha: “Lindo! Nossa! [...]. Então, e a gente  
nunca se sente que o trabalho tá terminado mesmo,  
né...?”*

*Verde-florido: “Ô!”*

*Água-marinha: “...que a gente sempre tá apren-  
dendo todos os dias, né... mais um pedacinho de  
retalho, né?”*

*Verde-florido: “É verdade.”*

Ao final, um grande bordado de “nós”:

**Figura 21. Diversas Reabilitações, Saúdes e Velhices em um único panô**



Fonte: autoria própria (2019).

*Amarelo-sol: “Isso, exatamente!”*

*Verde-florido: “Isso. Ficou muito bonito!”*

*Água-marinha: “Olha aí, ó, um pedacinho de cada uma...”*

*Verde-florido: “Nem parece que nós fizemos...”*

*Amarelo-sol: “É verdade!”*

*Verde-florido: “...parece que nós fizemos isso daqui? (risos).”*

*Amarelo-sol: “Então, não. Nós somos artistas...”*

### *Arrematando a costura*

Costurar não apenas como um procedimento construtivo. Além de furar e cortar, ligar é condição. Estabelecimento de vínculos entre os dois furos: frente e trás, antes e depois, passado e futuro, memória e projeção. O vínculo é a ponte, a linha que liga o que é. Costurar seria então a afirmação do instante que se faz presente. Não é o direito nem o avesso, é a superfície que se atravessa e se constrói, o novo é (DERDYK, 2010, n.p.).

Para costurar, é preciso corpo, é preciso vida. “A matéria pesa. É preciso um corpo para lidar com o material” (VEIGA, 2015, n.p.). O encontro de fios e agulhas no movimento de entrar e sair dos tecidos não se faz sozinho, se faz no corpo com corpo.

Afinal, de qual corpo falamos?

O corpo das relações, cuja denominação escolhida por Deleuze e Guattari foi corpo sem órgãos, tem uma região de intensidade contínua, caracterizando zonas de vibração que permitem que as relações com outros corpos ocorram. São essas relações que formam e definem a potência de agir de cada corpo e de cada pensamento, que quando entram em relação com outros elementos, de qualquer natureza, podem tanto se compor com eles para formar um todo mais po-

tente quanto enfraquecer, na medida em que decompostos nessas relações. A consciência ignora esse processo, mas atenta-se aos efeitos. Quando ocorre composição advinda do encontro entre os elementos, sentimos alegria, pois a potência de agir de nosso corpo aumenta nessa relação. Ficamos alegres quando um corpo se compõe com o nosso, assim como quando uma ideia nova se compõe com nosso pensamento, ampliando-o. Ao contrário, quando o que ocorre é a decomposição, o que sentimos é tristeza, pois temos nossa potência diminuída (CASSIANO; FURLAN, 2013, pp. 376-377).

Na visão dominante contemporânea e ocidental, o corpo é capturado sob o viés do organismo. Ele escapa, porém, aos modelos impostos e transborda para outros territórios. A vida nos aponta e nos faz experimentar a diversidade e intensidade que se fazem presentes a cada instante. Corpo-potência. Corpo que contém marcas da vida vivida com doenças, dores e limites também pulsa saúde. Uma saúde que é enfrentamento do sofrimento, que o transforma em força de vida:

Nietzsche compreende o corpo no sentido ampliado de uma pluralidade de relações de afetos e forças. Assim, o estado doentio, para ele, abrange as dores e o sofrimento advindos do pessimismo que cresce na proporção da dimi-

nuição da potência para enfrentá-los. A saúde de um corpo, contudo, diz respeito ao aumento da intensidade do sentimento de potência para a afirmação incondicional da vida no seu dever necessário que comporta o trágico (TÓTORA, 2015, p. 115).

É esse corpo e essa saúde que *Amarelo-sol*, *Verde-florido* e *Água-marinha* experimentam no encontro do grupo, através da arte da costura e da potência que resgatam e descobrem por meio de seus adoecimentos. A amputação, para além do sofrimento, é a responsável por buscarem um novo caminho: a reabilitação. Compreendida como uma travessia que não se faz sozinha, mas em conjunto. É com o outro, pelo vínculo que se estabelece com terapeutas, instituição, amigos.

A mudança que advém desse processo envolve renascimento, metamorfoses como expresso na produção de seus blocos. “Deixar-se morrer para renascer, eis o desafio permanente da vida. A força vital cresce ao vencer resistências. Vencer as enfermidades exige um estado sadio. Saúde e doença não se opõem, mas se compõem em vida” (NOBRE, 2019, p. 50).

Uma vida, como Beauvoir (2018) a compreende: “um sistema instável, no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo da morte. Mu-

dar é a lei da vida” (p.15). E nesse movimento, as participantes não só voltam a andar, mas ganham asas, retratadas nas borboletas de seus blocos. Aprendem a ser donas de si em pleno envelhecer. “Afiml, não há idade que impeça a vida de acontecer. Entre o que as aflige, escolheram viver” (NOBRE, 2019, p. 160).

Expandir o coração para se apaixonar pela vida, respeitar as cobrinhas com seus altos e baixos, aprender a ser exibida. Não negam o sofrimento, mas aprendem a viver com eles e para além deles. Com elas, podemos resistir ao que insiste em nos enquadrar e ousar criar nossa própria maneira de habitar os tecidos, os corpos, as saúdes, as velhices?

## REFERÊNCIAS

AACD. **A AACD**. Disponível em: <https://aacd.org.br/a-aacd>. Acesso em 30/01/2021.

ALVES, R. **Eu quero desaprender para aprender de novo**. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/frases/>. Acesso em 06/12/2020.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Trad.: Maria Helena Franco Martins. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CASSIANO, M.; FURLAN, R. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n.º 2, pp. 373-378, 2013. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

CONTI, M. G. **Patchwork e Arteterapia: Retalhos da vida, uma nova possibilidade na reabilitação. Patchwork como facilitador do resgate da autoestima em pacientes vítimas de AVE.** Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação em Arteterapia), Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, 2016.

COSTA, M. E. B. Grupo Focal. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** (2ª ed.). São Paulo: Atlas, 2006.

DERDYK, E. **Linha de costura.** (2ª ed., ver. e ampl.). Belo Horizonte: C/ Arte, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** (14ª ed.). São Paulo: Hucitec, 2014.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo. Como se chega a ser o que se é.** Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NOBRE, I. Di N. **Além de um corpo (d)eficiente: problematizando saúde e reabilitação a partir de um grupo de mulheres amputadas em processo de envelhecimento.** 2019. (202 f.). Dissertação (Mestrado em Gerontologia So-

cial), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2019.

PIZZIMENTI, C. **Sou feita de retalhos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/>. Acesso em 06/12/2020.

RIZZO, L. **O Acontecimento Patchwork: um modo de apreender a vida**. (87 f.). Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SATER, A. **Tocando em frente**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/>. Acesso em 06/12/2020.

SIMONI, A. C. R.; MOSCHEN, S. Outrar, pp.179-181. *In*: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TÓTORA, S. **Velhice: uma estética da existência**. São Paulo: Educ, 2015.

VEIGA, A. L. V. S. **Fiar a escrita: Políticas de narratividade. Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2015. (540 f.).

**Isadora Di Natale Nobre** – Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestra em Gerontologia, com concentração em Gerontologia Social. Formação em Acompanhamento Terapêutico (AT), atuando em Saúde Mental, Reabilitação Física e Psicogerontologia: Enfoque Multidisciplinar pela Associação de Assistência à Criança Deficiente-AACD. Trabalha no setor de Psicologia Adulto da AACD, desde 2014. Psicóloga clínica (institucional, consultório e AT), atua nas áreas da Saúde Mental, Saúde e Reabilitação Física e Psicogerontologia, desenvolvendo pesquisas na área do envelhecimento.

**E-mail:** isadora\_nobre@hotmail.com

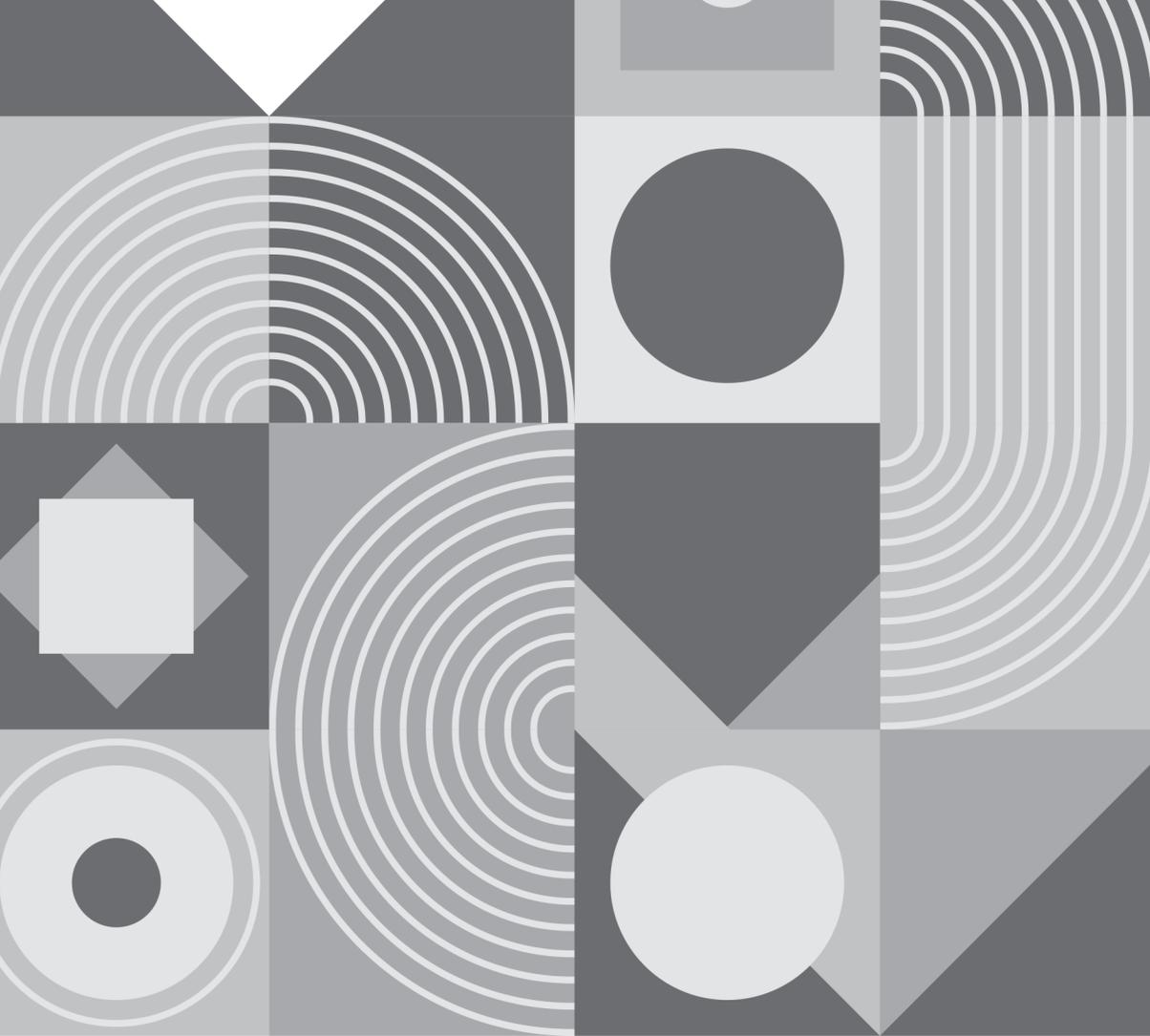
**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** – Psicóloga, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Psicologia (Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Doutorado em Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Curso de Psicologia-FACHS e supervisora no Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento-NEPE.

**ID Lattes:** 7385290701983987

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1493-0826>

**E-mail:** ruthgclopes@pucsp.br





# **Relatos de propostas de atividades I: Ateliê lúdico e a função dos jogos na construção de um envelhecer singular**

*Karen Harari | Ruth Gelehrter da Costa Lopes*



O envelhecer tornou-se assunto bastante tematizado. Nós o encontramos presente em revistas, artigos acadêmicos, filmes e novelas, respondendo a um mercado que se abriu com o crescimento desse segmento etário.

No entanto, a existência de tais informações não garante por si só um processo de envelhecimento do ponto de vista do sujeito da experiência. A necessidade de um processo reflexivo, profundo e individual, se torna componente imprescindível da construção de um envelhecer de sentido que sustente no entendimento dado pelo psicanalista Winnicott, um viver criativo. Para este, o brincar é sinônimo de viver criativamente.

Nesse contexto, o brincar surge como conceito e técnica, a partir dos quais propomos jogos como mecanismo de reflexão e constituição desse envelhecer de sentido, construído, não em detrimento dos aspectos sociais sobre a velhice, mas no encontro dos anseios de cada indivíduo com essa produção. Neste artigo, exploramos as possibilidades de elaboração da experiência pessoal de envelhecer por parte do sujeito, tecida a partir do encontro com o outro, representante do meio e da cultura.

Estes encontros estão enquadrados pelo brincar, mais especificamente por jogos propostos para grupos. Ocorreram em aulas e *workshops*, frequentados por profissionais ligados ao envelhecimento, pessoas velhas ou envelhescentes, nas

mais diversas faixas etárias. Descreveremos as atividades propostas e os processos desencadeados pelas mesmas.

### **Por falar em brincar...**

Embora não tenhamos por objetivo o aprofundamento na teoria Winnicottiana, é importante apresentarmos os conceitos que dão embasamento a este trabalho. A teoria, nascida da observação de bebês e do desenvolvimento infantil, apresenta-nos processos que acompanham o sujeito ao longo da vida toda e a relação com a cultura. Nessa perspectiva, o envelhecimento aparece em um fluxo contínuo e não como uma secção à parte na vida. Como nos diz o autor, “... o brincar e a experiência cultural; são coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro, e que ocupam tempo e espaço” (1975, p. 151).

Esse ponto de vista devolve ao sujeito a continuidade na experiência do SER<sup>43</sup>, em uma etapa da vida, em que essa continuidade, bem como a identidade tende a ficar alienada do sujeito da experiência, às vezes de forma flagrante e violenta e, por outras, de forma sutil, quase imperceptível. O brincar de Winnicott, em qualquer fase da vida estabelece uma ponte

---

43 SER será usado aqui em consonância com a teoria winnicottiana, de acordo com a qual o SER se localiza no centro de qualquer experiência de vida e acumula aspectos interiores e exteriores do sujeito, bem como aquilo que surge no espaço de intersecção desses dois aspectos.

entre o mundo interno e o mundo externo com e através do espaço transicional.

“O conceito do fenômeno transicional diz respeito a uma dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa; mais propriamente, é o espaço em que ambas as realidades se encontram e separam o interior do exterior” (2000, p. 253). Esse é o lugar do brincar e da criatividade.

No nosso entender, o brincar, contém a possibilidade de proteger, ancorar e suportar a experiência genuína, autêntica e profunda ao longo da vida, que longe de um processo estático, é constantemente desconstruído e reconstruído, ordenado em diferentes formas e possibilidades.

Vaisberg (2004) nos lembra de que, em qualquer fase da existência, é possível haver o que, na clínica Winnicottiana, chamamos de a descontinuidade do SER, ou seja, quando uma experiência é extremamente intrusiva, violenta ou ameaçadora, ocorre o falso *self*, que é uma defesa dissociativa que protege o verdadeiro *self*, assumindo o comando e dando continuidade, mesmo que aparente, à vida. Como diz a autora: “Esse falso *self* pode enganar a todos, inclusive a própria pessoa, e isso pode parecer eficaz durante muito tempo. A única coisa que o falso *self* não atinge é exatamente a sensação de estar vivo, a sensação de ser real” (Vaisberg, 2004, p. 18).

Tal qual para outros grupos que compõem o tecido social, a exclusão é tema de importante impacto sobre a velhice. Essa exclusão tem a forma de ataques diretos aos direitos econômicos, sociais e políticos, bem como a ataques menos visíveis como a ideia de que o bom envelhecimento é aquele que se assemelha à juventude. O mecanismo de defesa descrito acima por Vaisberg (2004) relaciona-se fortemente aos mecanismos de exclusão social na medida em que identidades de grupo são sequestradas e substituídas por modelos de viver que atendem a demandas externas dissociadas dos sujeitos em questão.

Lidar com grupos, e mais especificamente com grupos heterogêneos –os quais descreveremos adiante –, possibilita um impacto amplo sobre os atores envolvidos na exclusão; aquele que exclui e o que é excluído. Nas palavras de Galano (1995), ao trabalharmos com grupos, constituímos algo que designa como “palavra-pele que fecha determinado espaço simbólico-operativo e que inaugura uma relação de osmose com seu contexto. Contém enclausurando, isolando e ao mesmo tempo, proporcionando possibilidades que sem essa fronteira semântica, não chegariam a ser uma diferença” (1995, p. 149).

O que desejamos apontar, é que, quando pessoas que vivem, atuam e pensam o envelhecimento são postas em uma tarefa de objetivo conjunto, cria-se um espaço interno em

que se inaugura a possibilidade de diálogos, descobertas e do surgimento de novos comportamentos. Ao mesmo tempo, o grupo enquanto unidade estará em constante diálogo com o mundo que o cerca e nessa dinâmica de relações, existe uma possibilidade de sentir e experimentar genuína em relação à velhice.

Adotamos a ideia de que no grupo se abre um espaço de interferências e transformações constantes entre sujeito-ambiente e ambiente-sujeito; assim, a exclusão social em relação à velhice, vivenciada nas atividades promovidas no grupo, pode ser debatida, combatida e revista.

### **Velhos brincantes**

Este artigo relata as atividades ocorridas em dois grupos distintos. Um proveniente do Curso de extensão *Fragilidades na velhice: Gerontologia social e atendimento*.<sup>44</sup> Ocorre desde 2015 semestralmente, sendo que, em 2020, a modalidade à distância foi implantada.

O outro grupo é o Workshop *Jogos e Dinâmicas para grupos 60+*, desenvolvido em fevereiro de 2020, no Espaço Longeviver<sup>45</sup>.

---

44 'Fragilidades na velhice: Gerontologia social e atendimento', realizado pelo COGEAE Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (Atualmente denominado PUC-SP, Educação continuada).

45 Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/tag/espaco-longeviver/>.

O primeiro está inserido em um contexto teórico em diálogo direto com as atividades práticas. Já no *workshop* as dinâmicas são a proposta central e, a partir delas, discutem-se possibilidades de adaptação, sempre atentando para as percepções do envelhecer que permeiam o brincar.

Nos dois, as turmas foram bastante heterogêneas em termos de idade e formação. O fato de a gerontologia social ser uma área intrinsecamente multidisciplinar e ironicamente nova, parece contribuir para esse perfil. Os participantes vêm das mais diversas formações - assistentes sociais, médicos, fisioterapeutas, jornalistas, psicólogos, arquitetos, historiadores, administradores, pedagogos, advogados, terapeutas ocupacionais, enfermeiros -, graduados, em formação acadêmica ou investindo numa outra profissão; relatando necessidade de se aperfeiçoar ou mudança de carreira.

Por fim, alguns procuraram os cursos, por questões pessoais, tais como cuidar de um familiar idoso, ou ao se depararem com o próprio envelhecer.

A reflexão sobre o processo do envelhecer, independentemente do motivo pelo qual os participantes nos procuram, é inevitável e desejável, visto que as dinâmicas utilizadas pressupõem o contato reflexivo com esta etapa do desenvolvimento humano, principalmente em tempos em que a longevidade se tornou realidade.

Na proposta winnicottiana do viver criativo, os participantes ao brincar são convidados a experimentar o envelhecer na figura de um colega de curso, constatando ideias que permeiam as culturas sobre as diferentes velhices e como se apresentam em cada um. Na intersecção de todas essas perspectivas, é possível presenciar descobertas, mudanças e profundas elaborações por parte dos presentes.

Assim, os participantes dos cursos e/ou dos *workshops*, são designados de velhos brincantes, independentemente da idade ou motivação para vivenciar as atividades; todos estavam ali para conversar com os diferentes velhos que os cercam, os que habitam em cada um, na forma do velho que acham ser, e do que imaginam se tornar.

No Curso ocorreram as seguintes atividades: Desenho do barco; Construtor cego; Manual virtual.

Através dos temas abordados convidamos os participantes a experimentar o viver em grupo e conviver nas diferenças; possibilidade de empatia em relação às potências e impotências de cada um; dificuldades na comunicação; preconceitos em relação aos velhos e à velhice. Os tópicos mencionados estavam diretamente relacionados à reflexão teórica promovida sobre dependência, família e práticas realizadas em contexto institucional, tanto em relação aos usuários do serviço, bem como em relação aos profissionais.

Sexualidade, políticas públicas e velhice como construção social surgiam nas discussões, mesmo não estando diretamente relacionadas ao jogo.

No *Workshop* as atividades foram: Jogo das rodas; Lápis na garrafa; Construa um manual.

Os temas que nos propusemos a trabalhar nos jogos propostos para o *workshop* eram: a percepção de si mesmo e do outro; potências e limites; a comunicação seus desafios e dificuldades. Também foram tema de discussão as possibilidades de uso dos jogos, adaptação para diferentes características de grupo. Essas atividades foram escolhidas para o *workshop*, por serem bastante versáteis tanto em relação à população com a qual se vai trabalhar, como também pelo fato de permitir a discussão de várias temáticas relacionadas ao envelhecer, tornando-se uma ótima ferramenta de trabalho para o profissional que conduzirá a atividade.

A escolha dos jogos nos dois contextos foi pautada por diferentes necessidades. No curso *Fragilidade na Velhice*, a escolha foi feita em função da adequação que a atividade oferecia para as discussões dos temas da aula, como descrito acima. Já a escolha dos jogos, no *workshop*, foi impulsionada pela busca dos participantes por ferramentas que auxiliem em seus trabalhos.

## **Sugestões para um brincar reflexivo**

Nas descrições usaremos os termos facilitador ou condutor para nos referirmos ao profissional proponente da atividade, que dará as instruções, coordenará as ações e o tempo e, por fim, conduzirá e fará a mediação das conversas, trocas, reflexões e possíveis conclusões do grupo participante.

### ***Atividade - Jogo das rodas***

Esta é uma atividade que funciona muito bem como uma forma de apresentação dos membros participantes, uma maneira de descontrair o grupo. Também funciona para iniciar o diálogo sobre um tema ou ideia.

Dessa forma, possibilitamos que pessoas mais fechadas ou tímidas tenham a oportunidade de expressar o que pensam e serem ouvidos com atenção.

Além disso, o formato da dinâmica permite que aquele que ouve a informação, tenha de fazer um esforço para entender o que seu interlocutor realmente quer expressar e, nesse momento, se vê obrigado a suspender possíveis críticas àquilo que está ouvindo, proporcionando, assim, um maior tempo de assimilação e compreensão da informação que recebeu.

Quando abrimos a roda e pedirmos que as informações sejam compartilhadas com o restante do grupo, todos têm a oportunidade de descobrir se conseguiram expressar claramente suas ideias, se entenderam claramente as falas de seus colegas, o que cada um pensa sobre aquele tema e como diferentes formas de pensar evoluem nessa troca.

Potencialmente a discussão pode ganhar maior profundidade, pois todos os integrantes têm uma posição ativa na conversa. N.º de participantes: mínimo oito (sempre números pares).

Material: Música alegre com ritmo que permita um bom deslocamento do grupo. Formar dois círculos com o mesmo número de participantes. Um círculo dentro do outro.

Quando a música tocar, os círculos começam a girar cada círculo para um lado. Quando a música parar, o facilitador dirá um comando, e cada participante falará para a pessoa que estiver na sua frente. A música recomeça e repetimos a atividade. Ao final, abrimos a grande roda, e os participantes contam o que aprenderam sobre seus colegas ou as opiniões que ouviram.

No *workshop*, fizemos três rodadas, cujos comandos foram: - diga seu nome ao colega e um adjetivo para sua própria vida; - diga seu nome e o que é bom no envelhecer e o que é ruim no envelhecer; - diga seu nome e qual aspecto seu você quer que as pessoas valorizem.

Aqui, o jogo foi usado fortemente com a intenção de facilitar a relação entre pessoas que, em sua maioria, acabavam

de se conhecer. Também é uma boa forma de misturar bem os integrantes, impedindo que trabalhem apenas com os iguais. E, por fim, que a apresentação de cada um contivesse, não somente dados objetivos, mas também a visão dos participantes sobre a velhice e sobre como desejavam ser vistos pelo mundo.

Em um grupo intergeracional como o que tínhamos, vivemos uma troca bastante generosa, pois imediatamente todos se conectaram com pessoas singulares e não com o estereótipo que uma aparência inicial pode suscitar. Trocaram impressões sobre as apresentações e também formulamos outras possibilidades de uso do jogo.

No entanto, consideramos importante relatar aqui, que como esse e os outros jogos oferecidos no *workshop* tinham um tempo restrito para acontecer, uma parte rica das discussões que visivelmente poderiam ter ocorrido não se desenvolveu. Certamente o tempo é algo que repensaríamos em uma próxima proposição de curso, já que a própria discussão é parte do aprendizado proposto.

### ***Atividade - Lápis na garrafa***

Esta atividade exige percepção da situação geral, mas também de cada uma das pessoas envolvidas e como suas posições e percepções podem contribuir para o objetivo final.

N.º de participantes: mínimo oito. Material: barbante, lápis, garrafa vazia (garrafas de vidro são mais indicadas, pois seu peso evita que tombem durante o jogo).

Formar um círculo, amarrar um barbante na cintura de cada participante e ligá-lo a outro integrante, formando raios do círculo (ou uma teia). No centro amarrar um pedaço de aproximadamente 50 cm, ao qual se prende um lápis. No chão, ao centro coloca-se uma garrafa. A tarefa do grupo é colocar o lápis na garrafa.

Esta é uma atividade que proporciona muita animação e envolvimento do grupo, pois não há nenhuma possibilidade de algum integrante deixar de participar ativamente. Também não há nenhuma chance de uma única pessoa tomar o comando e determinar todas as ações que o grupo deve tomar para que o lápis entre na garrafa, e isso porque diferentes pontos de vista oferecem diferentes perspectivas de solução que mudam rapidamente conforme o grupo se move. É preciso achar a combinação correta de ações. Por isso, também, as pessoas têm que se ouvir como grupo e avaliar as propostas como grupo. Discutir, impor ou dar ordens costuma ser bastante improdutivo, mas é algo que o grupo também tem que perceber. Na discussão posterior, os brincantes partilharam a frustração de descobrir a dependência vivida nessa atividade, e foi possível partilhar muitos olhares sobre essa questão.

Gostaríamos de relatar uma troca interessante que aconteceu durante a discussão e que foi muito reveladora. Nesse momento, também fazia parte da tarefa pensarmos em possíveis dificuldades que pessoas em condições físicas distintas poderiam ter e como possibilitar sua participação. Um jovem participante declarou que achava esta uma atividade difícil de implementar, pois velhos não podem se abaixar ou dobrar seus joelhos. Imediatamente o grupo de mulheres septuagenárias e octogenárias declarou? “Mas nós nos abaixamos”. Essas declarações estimularam muitas colocações e questionamentos por parte do grupo, tais como a definição a priori do que a categoria genérica velho, pode ou não pode fazer. Se estamos realmente vendo a pessoa que está na nossa frente. Se somos capazes de propor desafios e sua importância para os velhos. O grupo como um todo ficou bastante animado com as perspectivas que um jogo de execução simples poderia agregar em termos de percepção, comunicação e debate.

### ***Atividade - Construa um manual***

N.º de participantes: mínimo quatro. Material: cola, tesoura, fita adesiva, barbante, papel, palitos e alguma sucata, papel sulfite e lápis ou caneta. O importante é que se possam formar quites com material idêntico. É necessário

que o espaço permita que os grupos não vejam a produção dos outros grupos.

Formar grupos, preferencialmente, com o mesmo número de pessoas. Se tivermos um grupo de vinte, podemos trabalhar com cinco pessoas em um grupo. Cada grupo recebe um quite. A instrução é para que cada grupo construa algo com o material que recebeu, sendo que fica a seu critério quais itens usar ou não, bem como o caráter do produto. Pode-se gastar 20 minutos nessa fase.

Num segundo momento os grupos recebem papel e lápis e devem escrever um manual de como construir um produto idêntico ao que eles mesmos construíram, sem título ou nome do produto, só o passo a passo da construção. Com o cuidado necessário para manter as produções fora do alcance visual dos outros grupos.

Em um terceiro momento, cada grupo recebe novamente um mesmo quite com os mesmos materiais que anteriormente, e um manual escrito por outro grupo. Cada grupo deve seguir o manual que recebeu e criar o mesmo produto realizado pelos autores daquele manual.

Por fim, comparamos o produto original, com aquele feito por meio do manual e abrimos para discussão da experiência.

Novamente a comunicação, e as inerentes dificuldades que esta apresenta, são o tema central neste jogo. O quanto

sou claro nas minhas comunicações e quanto, de fato, busco compreender sobre o que me dizem. Fica evidente, para os grupos, que diferentes interpretações de uma fala são possíveis e que, por vezes, explicamos esse fenômeno com ideias preconcebidas, tais como: velhos são teimosos, jovens não respeitam a vontade dos velhos.

Na proposta ou enunciado não há nenhum comentário sobre ganhar. É proposto um objetivo que é construir um manual para que o outro grupo recrie o objeto original. Notamos um fenômeno interessante nos grupos. Surge alguma confusão sobre o que significa obter êxito nessa tarefa. A proposta é, em última instância, ajudar o outro grupo com instruções que o levem o mais próximo possível do objetivo da tarefa, mas também é importante produzir um objeto inicial interessante, ou seja, oferecer um desafio estimulante na construção e oferecer uma boa ferramenta de êxito na comunicação. É dessa forma que todos os grupos se tornam ganhadores. Nada disso é explicitado nos comandos do jogo; no entanto, o conceito de sucesso como algo conquistado dentro e fora do grupo possibilita introduzir a construção de redes de cuidado e comunidade, como alternativas para pensar novas possibilidades de cuidado e viver na velhice.

No ano de 2020, o curso do COGEAE foi oferecido na modalidade à distância. Para tanto, desenvolvemos

uma versão do jogo Construa um manual. Segue descrita essa versão.

### *Atividade - Manual virtual*

Nessa versão é necessária uma preparação prévia por parte de quem conduzirá a atividade. Como parte da preparação, o condutor construirá com sucata e material de papelaria algo que pode se assemelhar a uma escultura, brinquedo ou qualquer coisa que lhe venha à mente. Feita essa construção, devemos listar todo o material usado. É importante que não falte nada; no entanto, podemos dar alternativas como, por exemplo, se usamos barbante em nossa construção, podemos colocar na lista de material barbante ou linha, qualquer tipo de papel que a pessoa tem disponível na sua casa, podendo ser usado. Pelo menos duas semanas antes da atividade ocorrer, enviamos essa lista aos participantes e pedimos que eles juntem o material listado e o tenham à mão no dia em que a atividade está programada para ocorrer. Para que essa etapa transcorra facilmente, é indicado o uso de materiais que temos comumente em casa ou que possam ser facilmente substituídos por algum similar, que faça a mesma função, evitando, se possível, que o participante tenha dificuldade para obter tudo que lhe foi pedido.

### ***Instrução utilizada no curso à distância***

Disponibilizamos para os participantes o manual de construção, correspondente ao objeto que o condutor construiu previamente. (não dizer o que é, nem dar um título sugestivo daquilo que deve ser o resultado final). Durante a execução, pedir que todos se mantenham em silêncio.

Tendo o material que foi pedido anteriormente em mãos, os participantes devem executar as instruções a seguir. Abaixo, o exemplo por nós realizado:

- 1 - Embrulhe sua caixa com papel.
- 2 - Desenhe olhos na caixa.
- 3 - Cole bolinhas de papel na face da caixa onde estão desenhados os olhos.
- 4 - Faça um tripé com palitos e barbantes. Cole o tripé na parte de baixo da caixa.
- 5 - Pegue dois rolinhos (miolo papel higiênico), prenda um pedaço de barbante em cada um e em seguida prenda nas laterais da caixa.
- 6 - Corte uma franja de papel e cole no topo da caixa.

Você tem 15 minutos para realizar a tarefa. Ao final dos 15 minutos, pedimos para todos encerrarem, mas se alguém está com muita dificuldade e o condutor considerar pertinente, pode dar mais alguns minutos. Acabado o tempo, um

de cada vez mostrará o resultado de sua construção. Por fim, o condutor mostra a sua construção inicial e abrimos o diálogo sobre o processo.

O fato de pedirmos uma lista de material que deixa muito espaço para a autonomia se mostrou mais preocupante para os participantes do que uma lista restritiva. Esse é um aspecto que abre discussões sobre autonomia e independência, o uso dos recursos que temos *versus* a necessidade de adaptação à demanda alheia. Novamente a comunicação é um tema importante, mas aqui não se trata de comunicação com um grupo com quem há interação, mas uma demanda distante. Como é isso no mundo do envelhecimento?

Quantas demandas de adaptação e conduta são feitas e nem sempre correspondem aos anseios do velho? Noções sobre o que é ser bem-sucedido ou fracassar e sobre limites impostos por situações que nem sempre podemos controlar também surgem na discussão.

### ***Atividade - Desenho do barco***

N.º de participantes: Grupos de cinco. Material: papel, canetas hidrográficas, e vendas (opcional).

A turma é dividida em grupos de cinco pessoas, colocando-as sentadas em círculos. Cada um dos participantes terá

uma das seguintes características individuais: participante 1 é cego e só tem o braço direito; participante 2 é cego e só tem o braço esquerdo; participante 3 é cego e surdo; participante 4 é cego e mudo; participante 5 não tem os braços. O condutor da atividade pedirá que os integrantes do grupo escolham quem serão, ficando cada um, obrigatoriamente, com uma das características. Os cegos serão vendados ou fecharão os olhos e as mãos que não podem ser utilizadas ficam para trás.

Quando todos estiverem prontos, o condutor anuncia o que será feito. Cada grupo terá como tarefa desenhar um barco, utilizando uma folha de papel e canetas coloridas. Cada participante fará uma ação de cada vez, passando em seguida o desenho para outro participante e assim por diante, sendo que cada participante tem direito a apenas um traço de cada vez até que o desenho esteja concluído.

O grupo tem cinco minutos para realizar a tarefa.

Se os participantes fizerem perguntas ao longo do processo, o condutor apenas repetirá a instrução e deixará a critério do grupo como agir.

Essa é uma atividade que trabalha intensamente com questões de limitação e dependência. O interessante é que normalmente não ocorre às pessoas pedir ajuda para todas as limitações; apenas os cegos costumam receber ajuda dos colegas. O participante designado para não ter braços, normal-

mente pega a caneta com a boca, o que a maioria não aprecia fazer, e não pensam em pedir para quem tem os braços executar o traço que ele deseja.

Entre os participantes do curso, essa rejeição à ideia de precisar dos outros aparece com frequência e é vista como um dos aspectos negativos da velhice. O sentimento de indignidade vem associado à dependência. Usamos essa atividade para introduzir o tema família. Um grupo de pessoas com diversas características que precisam funcionar em conjunto; como isso se relaciona com a dependência e ao lugar do velho na família e na sociedade.

### ***Atividade - Construtor cego***

N.º de participantes: Mínimo dois, não tem limite máximo, mas tem que haver número par de participantes. Material: cartolina cortada em vários tamanhos e formatos, papel sulfite e papel-alumínio, tesoura, durex e cola para cada dupla. Venda para os olhos (opcional) e barbante para amarrar as mãos.

Formar duplas, onde um representará o papel de cego (pode ser vendado ou apenas manter os olhos fechados) e o outro ficará com as mãos atadas (amarrar as mãos para trás). Cada dupla deverá confeccionar um recipiente para armaze-

nar água da chuva, imaginando-se que estão numa ilha deserta e árida e o prenúncio de um temporal se aproxima. Para isso, terão 15 minutos para a construção.

Essa é uma versão mais simplificada do exercício anterior, mas tem os mesmos objetivos. Nesse caso, a rede de colaboração é menor, temos apenas a dupla para contar e nenhum dos jogadores tem condição de agir independentemente.

### *O que acontece quando jogamos*

Durante os jogos e posteriores discussões, muitas descobertas são realizadas. Muitos participantes relatam a angústia que sentiram ao sofrer uma mudança repentina em sua condição de agir no mundo. Para alguns essa experiência é sentida como incapacitante e para outros a revelação de que se podem construir novos caminhos. Por vezes esses caminhos são animadores e excitantes ou assustadores. Por vezes os indivíduos tentam solucionar suas dificuldades totalmente sozinhos, esquecendo que podem pedir ajuda ao colega, inclusive porque não existe regra impedindo essa ajuda. Esta dinâmica revela o quanto as pessoas muitas vezes se sentem presas a condutas restritivas que sequer estão de fato demandadas.

Fazer a discussão dessas percepções em relação ao envelhecimento tem uma riqueza importantíssima. Porque assu-

mimos que uma pessoa velha só tem um caminho a seguir? Envelhecer pode ser uma mudança assustadora? O que é uma limitação ou incapacitação e são esses adjetivos inerentes ao envelhecer? O que compartilhamos como humanos independentemente de nossas idades? Por que a dependência é assustadora? Por que tenho medo de ficar velho?

Outro ponto interessante quando temos grupos heterogêneos, é que a tarefa não é mais sobre o outro. Com frequência o velho é designado como esse outro, que tem problemas, que é dependente, que precisa de cuidado.

Discutir os temas elencados acima após as vivências proporcionadas pelos jogos não só ressignifica a velhice, comumente depositária de tudo que não se quer ser, como abre a possibilidade de se repensar o projeto de viver/envelhecer, sendo este projeto continente de dificuldades, limites e superações vividas em um contexto individual e coletivo, fortalecendo ambos os âmbitos na realização de seu potencial.

### **Considerações finais**

Os jogos, e no caso deste trabalho os jogos cooperativos, fazem parte das sociedades no mundo todo, com uma tradição bastante longínqua. Os jogos cooperativos, como reflexo de uma vivência comunitária, demandam que as pessoas

se conheçam, se aproximem e se ajudem mutuamente, caso queiram de fato cumprir com seu objetivo em comum.

Vem à tona a ideia de que as diferenças tornam cada integrante do grupo digno, pois serão essas diferenças e não apenas as similaridades, que possibilitarão este grupo conquistar seu objetivo de forma mais efetiva e criativa.

Nesse contexto, a velhice pode se apresentar em sua complexidade multifacetada e os sujeitos velhos apresentam-se em sua singularidade.

Somos todos convidados a uma intervenção mais crítica e criativa no mundo e, nesse sentido, estamos equiparando o brincar aqui conceituado a uma ação política que permite a construção de redes de relação e apoio genuinamente ligadas à velhice que os envolvidos no jogo vivem.

O trabalho com jogos é uma ferramenta e um acontecimento. Essa ferramenta, se bem usada, permite a apropriação em profundidade da temática proposta para aquele momento. Com profundidade queremos dizer que todos os participantes, incluindo o próprio propositor da tarefa, têm a possibilidade de ter uma experiência subjetiva, social, cultural e política. Quando essa experiência atinge tantos níveis, entendemos que o jogo se torna, além de ferramenta, um acontecimento, no sentido de que ele muda olhares e perspectivas que geram ações diferentes no mundo.

## REFERÊNCIAS

ABRAN, J. **A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott.** Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2000.

LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). **Novas Veredas da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

VAISBERG, T. A. **Ser e Fazer. Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana.** Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

---

**Karen Harari** - Psicóloga e mestra em Gerontologia, PU-CSP, Especialização em Psicanálise da criança, Instituto Sedes Sapientiae. Professora na COGEAE, Colaboradora do Espaço Longeviver. Ceramista pelo Liceu de Artes e Ofícios.

**ID Lattes:** 3432664115462809

**E-mail:** karenharari18@gmail.com

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** – Psicóloga, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Psicologia (Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado em Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Curso de Psicologia-FACHS e supervisora no Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento-NEPE.

**ID Lattes:** 7385290701983987

**ID Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1493-0826>

**E-mail:** [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)



## Organizadoras da Coletânea



### **Beltrina Côrte**

Formada em Jornalismo pela Unisantos, Especialização e Mestrado em Planejamento e Administração do Desenvolvimento Regional na Universidad de los Andes (Bogotá/ Colômbia). Doutorado e pos.doc em Ciências da Comunicação na USP. É docente da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (PUC-SP). Coordena o grupo de pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Atua na área da Gerontologia Social, educação continuada e comunicação com o Web site Portal do Envelhecimento e Longevidade, Revista Longevidade, editora Portal Edições e Espaço Longevidade.



### **Ruth Gelehrter da Costa Lopes**

Possui graduação e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Saúde Pública pela USP. É professora Associada da PUC-SP. Coordena o Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (PUC-SP). Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Gerontologia Social e Psicogerontologia, atuando principalmente nos seguintes temas: processo de envelhecimento, psicoterapia em grupo para idosos, velhice, família e avosidades.

---

Para que e o que se produz em grupo?

Buscamos trazer para o debate elementos que possam contribuir com profissionais que cotidianamente se lançam aos desafios das atividades em grupo.

Nas diversas experiências grupais, conduzidas e/ou acompanhadas por meio de atividades de estágios curriculares, atividades extensionistas e de projetos de pesquisa, podemos afirmar a potência dos dispositivos grupais como estratégia de cuidado, de ampliação dos recursos socioculturais e de espaços produtivos de elaboração.

Nossa hipótese é a de que as práticas grupais, ao favorecerem a interlocução e a troca de saberes entre os participantes, são também capazes de criar respostas efetivas às dificuldades enfrentadas. Tais espaços, de produção coletiva, permitem de forma compartilhada, ampliar as vias de problematização e de invenção/criação de novas possibilidades de investimento e de perspectivas à vida.

---

